

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – FAFICH
Programa de Pós-Graduação em Antropologia - PPGAN

Arqueologia Tupiguarani:
relações entre as implantações dos sítios
e cultura material no Médio Rio Doce

Henrique Moreira D. Piló

Belo Horizonte
2008

Henrique Moreira D. Piló

Arqueologia Tupiguarani:
relações entre as implantações dos sítios
e cultura material no Médio Rio Doce

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

Orientador: Prof. Dr. André Pierre Prous Poirier

Belo Horizonte
2008

Henrique Moreira D. Piló

**ARQUEOLOGIA TUPIGUARANI:
relações entre as implantações dos sítios
e cultura material no Médio Rio Doce**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de
Pós-graduação em Antropologia – Área de concentração
em Arqueologia da Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. Andre Pierre Prous Poirier

Prof. Dr. Andres Zarankin

Profa. Dra. Ana Paula de Paula Loures de Oliveira

Belo Horizonte, 28 de agosto de 2008.

*À querida companheira Alenice Baeta, por ter me
apresentado ao Rio Doce, por ter me apresentado à
Arqueologia, por ter me ensinado tanto, pelas incansáveis
leituras, orientações e revisões finais, minha eterna gratidão.*

Amor, sempre.

AGRADECIMENTOS

Várias pessoas e instituições contribuíram de diferentes formas com o desenvolvimento e conclusão dessa dissertação. A elas sou grato:

Querido amigo Márcio Alonso, pela força e pelo companheirismo sempre.

Emile Albert Scharlé Jr., querido sobrinho “Juninho”, sempre ajudando nos auto-cads da vida e nas diagramações... Fiel escudeiro, meu muito obrigado.

À Maria Auxiliadora Moreira Duarte, mãe querida que não pôde estar presente fisicamente nesse momento. De onde estiver sei que está ao meu lado. Obrigado pelo apoio irrestrito em todos os momentos da minha vida.

A todos os amigos do Setor de Arqueologia do MHNJB-UFMG, obrigado pela força.

Ao Alexandre Mafaim pelas “cabeçadas” cerâmicas que compartilhamos.

Ao amigo Andrés Zarankin pelo apoio, pela consideração e pela bem-vinda orientação no momento certo.

À Andréa Vidal pelas análises que ajudaram a construir o Tupiguarani em Minas Gerais.

À amiga Ana Paula de Paula, pelos profícuos debates sobre etnografia indígena nos congressos da SAB.

Ao Prof. Dr. Eduardo Viana Vargas pelo apoio, paciência e condução na finalização deste trabalho.

À todos do PPGAN, pelas oportunidades e pela paciência com os prazos.

À Ana Lúcia Mercês por não me deixar desistir antes da hora.

***“A alegria está na luta, na tentativa, no sofrimento envolvido.
Não na vitória propriamente dita.”***

(Mahatma Gandhi)

RESUMO

Durante os programas de diagnóstico, prospecção e resgate arqueológico na área de abrangência do empreendimento denominado Usina Hidrelétrica de Aimorés, surgiu um importante questionamento acerca das relações entre os locais de assentamento e as formas e funções da cultura material lito-cerâmica encontrada. Apesar da relevância do tema, o mesmo não foi esgotado durante os estudos, sendo um quesito de grande valor no que tange ao melhor conhecimento das ocupações pretéritas na região. Sabe-se que através da recomposição morfológica, mesmo que virtual, a partir de alguns fragmentos, é possível estabelecer os usos possíveis dos utensílios cerâmicos. Sendo assim, tentou-se responder na presente dissertação questionamentos relativos basicamente à relação, direta ou indireta, das formas de ocupação do espaço, assentamentos em terraços ou topos, proximidade com drenagens principais e a cultura material Tupiguarani, possibilidade de se estabelecer um padrão de uso do espaço nos sítios arqueológicos estudados com base no material cerâmico encontrado durante as escavações e finalmente, a partir das análises de Ativação Neutrônica das amostras de fragmentos cerâmicos qual seria a possibilidade de se estabelecer relações entre a matéria prima do utensílio e uma possível rede de distribuição da cultura material na região.

Palavras-Chaves: Tupiguarani – Arqueologia – Médio Rio Doce

ABSTRACT

During the diagnosis, prospecting and archaeological rescue programs in the coverage area of the enterprise denominated Aimorés Hydroelectric power station, an important question emerged about the relationship between the places of settlement and the forms and functions of lito-ceramic material culture found. Despite the theme relevance, it was not exhausted during the studies, and is a question of great value in regard to the best knowledge of past occupations in the region. It is known that by morphological rebuilding, even if virtual, from some fragments, it is possible to establish the possible uses of ceramic utensils. Therefore, attempts were made in this dissertation to answer basically related questions on a relation, direct or indirect, of the space occupation forms, with settlements on tops or terraces, proximity to major drainage and Tupiguarani material culture, possibility of establishing an use of space pattern in the studied archaeological sites based on ceramic material found during the excavations and finally, from analysis of Neutron Activation of the ceramic fragments samples what would be the possibility of establishing relations between the raw material of tool and a possible network distribution of material culture in the region.

Key-Works: Tupiguarani – Archaeology – Midle Rio Doce

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1 – Localização da área de pesquisa	14
Imagem 2 – localização dos sítios Arqueológicos na bacia do rio Doce.....	35
Imagem 03 – Vista da área de principal dispersão de material do sítio arqueológico Vala Seca - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005.....	41
Foto 01 – Vista geral do sítio arqueológico	42
Foto 02 – Material lítico em superfície	42
Foto 03 – Vista geral do Sítio Arqueológico Cachimbeiro	43
Imagem 04 – Croqui topográfico do sítio arqueológico Barro Branco com as sondagens realizadas - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005.....	45
Imagem 05 – Vista da área de principal dispersão de material do sítio arqueológico Barro Branco - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005.....	46
Foto 04 – Vista geral do sítio arqueológico Barro Branco	47
Foto 05 – Escavação arqueológica	47
Foto 06 – Detalhe da cultura material do sítio	47
Imagem 06 – Croqui topográfico com as intervenções arqueológicas Fonte: BAETA & ALONSO: 2005.....	49
Imagem 07 - Vista da área de principal dispersão de material do sítio arqueológico João Reis - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005.....	50
Foto 07 – Vista geral do Sítio Arqueológico	51
Foto 08 – Estrutura de combustão	51
Foto 09 – Detalhe de fundo de habitação	52
Foto 10 – Vista a partir do sítio arqueológico	52
Foto 11 – Estrutura de combustão.....	52
Imagem 09 - Croqui topográfico com as intervenções arqueológicas do Sitio Wilson Tiago - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005.....	53
.....	53
Imagem 10 - Vista da área de principal dispersão de material do sítio arqueológico Wilson Tiago - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005.....	54
Foto 12 - Vista a partir do sítio arqueológico.....	55
Foto 13 – Vista geral do sítio arqueológico Wilson Tiago.....	55
Foto 14 – Detalhe de escavação arqueológica	55
Imagem 11: Croqui topográfico com as intervenções arqueológicas do Sítio Olício Fonte: BAETA & ALONSO: 2005.....	57
Imagem 12: Vista da área de principal dispersão de material do sítio arqueológico Olício - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005.....	58
Foto 15 - Pilões esculpidos.....	59
Foto 16 – Detalhe de tembetá em amazonite	59
Foto 17 – Vista geral das escavações no sítio arqueológico Olício.....	60
Imagem 13: Vista da área de principal dispersão de material do sítio arqueológico Pedra do Resplendor I - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005.....	61
Foto 18 – Vista geral do sítio arqueológico Pedra do Resplendor I.....	62
Imagem 14 - Croqui topográfico com as intervenções arqueológicas do Sítio Pedra do Resplendor II - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005.....	63
Imagem 15 - Vista da área de principal dispersão de material do sítio arqueológico Pedra do Resplendor II - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005.....	64
Foto 19 – Vista geral do sítio arqueológico Pedra do Resplendor II.....	65
Foto 20 e Foto 21 – Detalhe das sondagens arqueológicas.....	65
Foto 22 – Vista geral do sítio arqueológico Bela Vista	66
Imagem 16 - Croqui topográfico com as intervenções arqueológicas do Sítio Monte das Oliveiras I ou Flores - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005	67
Imagem 17 - Vista da área de principal dispersão de material do sítio arqueológico Monte das Oliveiras I ou Flores -Fonte: BAETA & ALONSO: 2005.....	68
Foto 23 – Detalhe de corte no barranco.....	69

Foto 24 – Detalhe de sondagem com material lítico	69
Imagem 18 - Croqui topográfico com as intervenções arqueológicas do Sítio Monte das Oliveiras II - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005	70
Imagem 19 - Vista da área de principal dispersão de material do sítio arqueológico Monte das Oliveiras II - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005	71
Foto 25 – Vista geral do sítio arqueológico Monte das Oliveiras II. Ao fundo, o sítio arqueológico Monte das oliveira I.....	72
Foto 26 – Tembetá em amazonita	72
Imagem 20 - Croqui topográfico com as intervenções arqueológicas do Sítio Monte das Oliveiras III - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005	74
Imagem 21 - Vista da área de principal dispersão de material do sítio arqueológico Monte das Oliveiras III - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005	75
Foto 27 – Vista geral das escavações arqueológicas.....	76
Foto 28 – Vista geral da limpeza do barranco.....	76
Imagem 22 - Croqui topográfico com as intervenções arqueológicas Vala Grande Fonte: BAETA & ALONSO: 2005.....	77
Imagem 22 - Vista da área de principal dispersão de material do sítio arqueológico Vala Grande - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005	78
Foto 29 – Vista geral do sítio arqueológico Vala Grande	79
Foto 30 – Detalhe das escavações arqueológicas do Sítio	79
Imagem 23 - Croqui topográfico com as intervenções arqueológicas do Sítio Cravadinho - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005.....	80
Imagem 24 - Vista da área de principal dispersão de material do sítio arqueológico Cravadinho - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005.....	81
Foto 31 – Vista geral do rio Doce a partir do sítio arqueológico Cravadinho	82
Foto 32 e Foto 33 – Dispersão do material cerâmico arqueológico do Sítio Cravadinho	82
Imagem 25 - Croqui topográfico com as intervenções arqueológicas do Sítio Hermes Piepper - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005.....	84
Imagem 26 - Vista da área de principal dispersão de material do sítio arqueológico Hermes Piepper - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005.....	85
Foto 34 – Localização da urna funerária.....	86
Foto 35 – Vista geral de parte do sítio arqueológico	86
Foto 36 – Vista geral do sítio arqueológico Quatis	87
Imagem 27 - Croqui topográfico com as intervenções arqueológicas do Sítio Florestal - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005.....	90
Imagem 28 - Croqui topográfico geral com as dispersões de material arqueológico do Sítio Florestal - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005	91
Foto 37 – Vista a partir do sítio arqueológico Florestal.....	92
Foto 38 – Detalhe das escavações arqueológicas	92
Foto 39 e 40 – Detalhe de material cerâmico arqueológico em superfície	93
Foto 41 – Detalhe de sondagem arqueológica com dispersão do material	93
Foto 42 – Fragmento cerâmico com apenas parte decorada	94
Foto 43 – Detalhe de antiplástico.....	98
Foto 44 – Exemplo de alisamento regular.....	103
Foto 45 – Exemplo de alisamento irregular.....	104
Foto 46 – Exemplo de fragmento com banho de argila ou barbotina	105
Foto 47- Exemplo de antiplástico mais grosseiro	105
Foto 48 -Detalhe de face interna sem alisamento aparente.....	106
Foto 49 – Detalhe da mica em excesso.....	107
Foto 50 – Estigma do processo de redução sofrido durante a queima.....	108
Foto 51 – Detalhe de material histórico encontrado em contexto pré-histórico	109
Foto 52 – Detalhe de ungulações não intencionais.....	110
Foto 53 e 54 – Exemplos de decoração escovada	112
Fotos 55, 56 57 e 58 – Detalhes das ungulações	113
Fotos 59, 60, 61 e 62 – Detalhes das ungulações.....	114

Fotos 63 e 64 – Detalhes das ungulações	114
Fotos 65, 66, 67 e 68 – Detalhes das ungulações	115
Fotos 69 e 70 – Detalhes das ungulações	116
Fotos 71 e 72 – Detalhes das ungulações	116
Fotos 73 e 74 – Detalhes das ungulações	117
Fotos 75 e 76 – Detalhe dos fragmento com decoração estriada	117
Fotos 77 e 78 – Detalhe dos fragmento com decoração estriada	118
Fotos 79 e 80 – Detalhe dos fragmentos ponteados.....	118
Fotos 83, 84, 85 e 86 – Marcação por cestaria. Foto 85 com pintura é a face interna da peça da foto 86.....	119
Fotos 87, 88, 89 e 90 – Detalhes das decorações digitadas e digitounguladas	120
Fotos 91 e 92 – Detalhes de fragmentos com decoração corrugada	120
Fotos 93 e 94 – Detalhe de fragmentos chapiscados.....	121
Fotos 95 e 96 – Detalhe de fragmentos com pintura monocromica.....	126
Fotos 97 e 98 – Detalhe de fragmentos com pintura bicromica.....	128
Fotos 99, 100 e 101 – Detalhe de fragmentos com pintura bicromica.....	129
Fotos 102, 103 e 104 – Detalhe de fragmentos com pintura bicromica.....	130
Fotos 105, 106 e 107 – Detalhe dos fragmentos com pintura tricromica.....	131
Fotos 108 e 109 – Detalhe dos fragmentos com pintura tricromica.....	132
Fotos 110 e 111 – Detalhe de fragmentos com verniz sobre a pintura.....	132
Foto 112 – Fragmento pintado, forma aberta.....	134
Foto 113 - Fragmento pintado, forma aberta.....	134
Foto 114 – Exemplo de motivo lembrando as fibras torcidas.	135
Fotos 115 e 116 – Exemplo de decoração em formas fechadas.....	136
Fotos 117 e 118 – Exemplo de bordas com apliques nos lábios.....	139
Foto 119 – Pequeno pote.	140
Foto 120 – Peso de rede.	141
Foto 121 – Pequeno pé de sustentação de pote.....	142
122 – Fragmento de alça	142
Fotos 123 – Fragmento com furo.....	143
Foto 124 – Fragmento com bico moldado.....	143
Fotos 125 e 126 – Exemplos de calibradores	144
Principais exemplos das formas encontradas no sítio arqueológico Florestal	147
Mapa Geológico da área estudada. – Fonte, BAETA & ALONSO (2005).....	149
Foto 127 – Comunidade local no Núcleo Museológico.....	152
Foto 128 – Vista geral do Núcleo Museológico de Aimorés	153

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Compartimentação Geomorfológica Regional	33
Quadro 02: Localização dos Sítios Arqueológicos, tipo de cultura material e implantação na paisagem	37
Quadro 03: Sítios Arqueológicos – Siglas e Localização	39
Quadro 05: Totalização do material cerâmico	96
Quadro 06: Descrição dos Principais Conjuntos de Antiplásticos.....	100
Quadro 07: Distribuição por grandes categorias de decoração por Sítio Arqueológico – Fase de Prospecção.....	101
Quadro 08: Distribuição por Grandes Categorias de Decoração por Sítio Arqueológico – Fase de Resgate	102
Quadro 09: Quadro Tipológico dos Fragmentos com Decoração Plástica	111
Quadro 10: Distribuição dos tipos de decoração plástica nos sítios arqueológicos	123
Quadro 11: Categorização dos Fragmentos Pintados.....	126
Quadro 12: Distribuição qualitativa da cerâmica (fragmentos) pintada por Sítio Arqueológico	133
Quadro 13: Tipos de Borda.....	138

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
1.1. Histórico das pesquisas	16
1.2. O Patrimônio Arqueológico da Região do Médio Rio Doce	18
2. CAPÍTULO I - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E REFERENCIAIS TEÓRICOS.....	25
2.1. Procedimentos Metodológicos	25
2.2. Referencial teórico	28
3. CAPÍTULO II - OS SÍTIOS TUPIGUARANI E SUA RELAÇÃO COM O AMBIENTE DO MÉDIO VALE DO RIO DOCE.....	31
3.1. Sítio Arqueológico Vala Seca.....	39
3.2. Sítio Arqueológico Cachimbeiro	42
3.3. Sítio Arqueológico Barro Branco	43
3.4. Sítio Arqueológico João Reis	48
3.5. Sítio Arqueológico Wilson Tiago.....	53
3.6. Sítio Arqueológico Olício	56
3.7. Sítio Arqueológico Pedra do Resplendor I.....	60
3.8. Sítio Arqueológico Pedra do Resplendor II.....	62
3.9. Sítio Arqueológico Bela Vista	66
3.10. Sítio Arqueológico Monte das Oliveiras I ou Flores	66
3.11. Sítio Arqueológico Monte das Oliveiras II.....	69
3.12. Sítio Arqueológico Monte das Oliveiras III.....	72
3.13. Sítio Arqueológico Vala Grande	76
3.14. Sítio Arqueológico Cravadinho.....	79
3.15. Sítio Arqueológico Hermes Piepper	83
3.16. Sítio Arqueológico Quatis.....	86
3.17. Sítio Arqueológico Florestal	87
4. CAPÍTULO III - A CULTURA MATERIAL CERÂMICA – TIPOLOGIAS, ANALOGIAS E ANÁLISES.....	94
4.1. Análise dos atributos do conjunto de fragmentos cerâmicos	96
4.1.1. Coleta da matéria prima	96
4.1.2. Preparação da massa - Os Antiplásticos.....	97
4.1.3. Elaboração das vasilhas	101
4.1.4. Tratamento de Superfície.....	103
4.1.5. Queima	107
4.1.6. Textura e coloração.....	109
4.1.7. Decoração plástica.....	110
4.1.8. Decoração Pintada.....	125
4.2. Morfologia da cerâmica pintada	134
4.2.1. Formas abertas	134
4.2.2. Formas fechadas.....	135
4.2.3. As Bordas e Lábios	136
4.2.4. Morfologia das vasilhas e outros artefatos em cerâmica	139
4.2.5. Usos Múltiplos	144
5. CAPÍTULO IV - RELAÇÕES INTRA E INTER-SÍTIOS.....	145
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	150
7. BIBLIOGRAFIA.....	154

1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado pretende dar seqüência a algumas questões levantadas durante as pesquisas de salvamento arqueológico desenvolvidas ao longo dos programas de diagnóstico, prospecção e resgate arqueológico realizados nas áreas de abrangência do empreendimento denominado Usina Hidrelétrica de Aimorés, municípios de Aimorés, Ituêta e Resplendor, vale do rio Doce, leste do estado de Minas Gerais. Foram identificados sítios arqueológicos pré-coloniais durante este estudo, sendo que a quase totalidade apresentava cultura material cerâmica típica da tradição Tupiguarani. A partir da análise do material coletado, surgiu um importante questionamento acerca das relações entre os locais de implantação dos sítios e a cultura material atribuída à tradição Tupiguarani. Apesar da relevância do tema, o mesmo não foi esgotado durante o referido estudo, sendo um quesito de grande valor no que tange ao melhor conhecimento das ocupações pretéritas na região. Através da realização de cortes e plantas topográficas dos sítios arqueológicos Tupiguarani, análise tecnológica dos utensílios cerâmicos, sua distribuição espacial, além de estudos arqueométricos, foi possível propor eventuais usos dos sítios, observando sua implantação na paisagem.

Imagem 1 – Localização da área de pesquisa



Os sítios arqueológicos levantados pelo programa de salvamento, desta maneira, encontram-se em três compartimentos topográficos diferenciados: nos terraços do rio Doce, na meia encosta e topos de colinas suaves, como também em topos de colinas mais altas e íngremes, podendo estar próximos ou distantes das drenagens principais. Em virtude destas diferentes implantações dos sítios arqueológicos, surgiu a hipótese, de que as diferentes localizações corresponderiam a funções distintas no uso do território.

Além dos conjuntos de fragmentos cerâmicos, os demais testemunhos arqueológicos mais encontrados foram artefatos pétreos, lascados e polidos. Além deste tipo de evidências, ainda foram identificados em alguns sítios pilões e pilões fixos em afloramentos granitóides, algumas gramas de ossos longos humanos, um artefato malacológico e um outro em coral. Todos os conjuntos de cultura material resgatados já se encontravam inventariados na ocasião do início desta pesquisa e à disposição na reserva técnica para consultas durante a elaboração desta dissertação.

A dissertação foi organizada em quatro capítulos. O primeiro vai apresentar o arcabouço teórico metodológico utilizado nas pesquisas de campo e laboratório. O segundo pretende apresentar as particularidades da área de pesquisa, situada no médio vale do rio Doce, mostrando a diversidade de seus vestígios e os problemas relacionados à conservação e sua visibilidade. O terceiro refere-se exclusivamente ao tratamento e descrição da coleção cerâmica resgatada no programa de salvamento arqueológico nas áreas de abrangência da UHE Aimorés, além dos estudos e análises complementares sobre esta mesma coleção, componentes deste trabalho. O quarto capítulo propõe apresentar a partir das observações da complexidade da cultura material e sua dispersão espacial as relações inter-sítios, momento em que será analisado o tema principal deste trabalho.

Sendo assim, procurou-se responder na presente dissertação, os seguintes questionamentos:

- Qual a relação, direta ou indireta, das formas de ocupação do espaço, assentamentos em terraços ou topos, proximidade com drenagens principais e a cultura material Tupiguarani.

- Com base na cultura material cerâmica encontrada e suas possíveis variações tipológicas, seria possível estabelecer um padrão de uso do espaço nos sítios arqueológicos estudados?

- A partir das análises de Ativação Neutrônica das amostras de fragmentos cerâmicos é possível estabelecer relações entre a matéria prima do utensílio e seus possíveis usos pelos Tupiguarani? Os usos estariam ligados à acessibilidade da matéria prima?

Importante ressaltar que o autor deste trabalho participou também das fases de prospecção e resgate arqueológico supracitado, tanto nas fases de campo, quanto de laboratório e musealização do acervo, desenvolvidos entre 1999 e 2006, tendo sido um dos responsáveis pelas análises do material cerâmico, elaboração dos textos dos relatórios de salvamento no que tange aos estudos da cerâmica, bem como da elaboração dos questionamentos ora apresentados.

1.1. Histórico das pesquisas

Até 1997, o médio vale do rio Doce não havia sido foco de pesquisas arqueológicas aprofundadas, não se tendo, até então, conhecimento sobre a potencialidade arqueológica da mesma, a não ser por um estudo específico realizado em 1995/6 pelo Museu de História Natural e Jardim Botânico – Universidade Federal de Minas Gerais, MHNJB-UFMG, nos municípios de Conselheiro Pena e Resplendor, que buscava identificar e documentar abrigos com figurações rupestres na região da Serra da Onça. Esta pesquisa, posteriormente, viria a dar subsídios para uma dissertação de mestrado sobre este tema. (Baeta, 1998)

Até muito recentemente, todas as publicações sobre a história da ocupação desta bacia, reiteravam ser o rio Doce, principalmente o alto e médio curso, território exclusivo dos grupos Jês, influenciados pela ocupação tradicional do povo Krenak, que tem seu território demarcado no município mineiro de Resplendor, no vale do rio Eme. (VON IHERING, 1911; MANIZER, 1919; MARCATO, 1979; PARAÍSO, 1992)

Por meio dos estudos diagnósticos sobre o Patrimônio Arqueológico nas áreas abrangidas pela Usina Hidrelétrica de Aimorés, foi possível a identificação inicial de 35 sítios arqueológicos. Destes, a maioria era pré-colonial, sendo que alguns encontram-se em escarpas quartzíticas com figurações rupestres e os demais em locais a céu aberto, próximos a cursos de água.

Os estudos arqueológicos desenvolvidos por este trabalho indicaram, de forma inédita desde a sua primeira fase, que esta região foi também ocupada por grupos atribuídos, em virtude de sua cultura material, ao universo Tupiguarani, sendo raras e pouco claras as fontes que citam a passagem destes grupos na mesma. Este trabalho sobre a cultura Tupiguarani revelou, em primeira instância, a grande complexidade da ocupação humana no rio Doce, incitando pesquisas sobre esta ocupação em outras paragens do Estado, desmistificando, desta maneira, a idéia de uma única ocupação Jê nesta região, como apontado em muitas publicações existentes antes do início das pesquisas arqueológicas na região.

Em maio de 2002, em virtude das repercussões geradas pelos trabalhos arqueológicos na região, o Instituto Terra, ONG que administra uma área de Reserva Particular de Patrimônio Natural-RPPN contratou a equipe de arqueologia que ali atua, no intuito de efetuar um levantamento arqueológico nesta unidade de conservação, na fazenda Bulcão, no município de Aimorés-MG (BAETA & PILÓ: 2002). Foram então identificados mais três sítios arqueológicos com cultura material típica Tupiguarani, a serem, obviamente, conservados nesta unidade de conservação.

Também já foram identificados sítios típicos Aratu-Sapucaí na região de Cuparaque no alto rio Eme e no município de Tumiritinga. Boa parte destes sítios

foram somente inventariados, sem nenhum outro tipo de pesquisa. No caso de Tumiritinga, houve escavações em parte mais conservada do sítio arqueológico, trabalho este realizado em parceria com IPHAN. (BAETA & PILÓ, 2007) Em alguns abrigos da Serra da Onça (municípios de Resplendor e Conselheiro Pena), podem ser observados fragmentos de cerâmica simples na superfície do solo, mas seria premeditado associá-la a algum horizonte cultural cerâmico, tendo em vista a pouca quantidade de amostras observadas in situ. Não foram encontrados, até o momento, indícios arqueológicos nos abrigos ou fendas dos afloramentos granitóides.

Todo o material arqueológico resgatado no programa de salvamento nas áreas de abrangência da UHE Aimorés após ter sido organizado e analisado em laboratório na capital mineira, retornou, em 2007, para os municípios de origem, pois foram construídos três núcleos museológicos integrados onde as peças e informações mais significativas foram apresentadas em exposição. O restante do material foi acondicionado em reserva técnica devidamente inventariado, conforme já exposto, de modo que o acervo cerâmico, tratada nesta dissertação encontra-se devidamente organizado dentro dos padrões patrimoniais apropriados.

Incentivado pelos importantes resultados das pesquisas acima citadas, o arqueólogo A. Prous elaborou em 2000 um projeto intitulado “Tupiguarani em Minas Gerais”, por intermédio da Missão Arqueológica Francesa e o Setor de Arqueologia da Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG. Um dos focos deste projeto foi um sítio arqueológico Tupiguarani em bom estado de conservação, denominado Florestal 2, situado no município de Itueta. Os resultados desta pesquisa vieram acrescentar novas informações sobre este tema ou reforçar alguns indicativos e hipóteses levantadas pelas pesquisas anteriores.

1.2. O Patrimônio Arqueológico da Região do Médio Rio Doce

Baseando-se, principalmente nas informações levantadas a partir de inventários, relatórios de pesquisa, artigos e relatos etnográficos, sabe-se da

existência de vários tipos de sítios e ocorrências arqueológicas na bacia do rio Doce, tanto em ambientes sob rocha quanto a céu aberto.

Cabe ainda ressaltar, que as informações prévias concernentes aos sítios arqueológicos em determinados municípios, não implicam necessariamente a ausência de potencialidade arqueológica nos demais, pelo contrário, apenas não foram objeto de vistorias por profissionais da área.

Há vestígios de ocupação pré-colonial, pelo menos dos últimos dois milênios, de grupos e subgrupos atribuídos a duas grandes matrizes culturais: Tupi-Guarani e Macro-Jê.

A presença da cultura material Tupiguarani no rio Doce foi identificada a partir de sítios arqueológicos localizados em praias, terraços e planícies, além de topos de colinas, nas proximidades da calha principal e em alguns de seus afluentes principais, sobretudo nas subáreas Manhauçu-Guandu e Baixo Rio Doce. O conteúdo material característico é representado por conjuntos de fragmentos de utensílios cerâmicos pintados e plásticos com muitas variáveis decorativas, associados, algumas vezes, a uma grande quantidade de artefatos líticos lascados (quartzo hialino e leitoso) e polidos, incluindo machados de sillimanita, calibradores em blocos de arenito e tembetás de amazonita. Curiosamente, foram identificados exclusivamente na subárea Manhauçu-Guandu, em associação com alguns dos sítios com cultura material típica Tupiguarani, pilões esculpidos em pequenos afloramentos granitóides fixos, testemunhos das atividades agrícolas e do tratamento dos grãos, já desenvolvidos por estes povos.

As informações relativas ao cotidiano das populações Tupiguarani no rio Doce, ainda são escassas, fato atribuído principalmente ao péssimo estado de preservação em que se encontram os sítios arqueológicos com vestígios desta cultura, conseqüência, entre outros fatores, do intenso e descontrolado uso das terras, que destruiu boa parte da Mata Atlântica, em função dos desmatamentos, queimadas, atividades de garimpo, produção de carvão, pecuária e construção da ferrovia Vitória-Minas no início do século XX.

No que tange aos vestígios de ocupação não Tupiguarani, foram observados na superfície do solo de abrigos rochosos no Médio Rio Doce fragmentos de utensílios cerâmicos que, por suas características tecnológicas e decorativas, indicam pertencer, a princípio, à denominada Tradição Estilística Aratu-Sapucaí. Nas calhas do rio Santo Antônio e no alto Doce, também é comum encontrar sítios Aratu nos terraços e meia encosta dos rios principais ou de seus afluentes. Os utensílios cerâmicos atribuídos a esta Tradição caracterizam-se, sobretudo, por não apresentarem decoração pintada ou plástica, como elemento diagnóstico, a não ser alguns detalhes em relevo, que podem ser observados, eventualmente, próximos às bordas dos vasilhames, cuja argila foi temperada com areia mais ou menos fina, com bom nível de queima, apresentando ainda, em alguns casos, uma superfície bem alisada com engobo vermelho ou branco.

Uma das primeiras referências sobre vestígios pré-históricos na região do Médio Rio Doce foi de Silvio Abreu, em 1929, sobre as inscrições rupestres da Serra da Onça, atualmente município de Resplendor.

Sobre cultura material indígena, o príncipe Wied Neuwied (1989), descreveu em muitos de seus relatos detalhes sobre os utensílios e cotidiano de algumas etnias Jês que viviam na região do Mucuri e Rio Doce.

“Todos os utensílios domésticos são espalhados pelo chão. (...) Vêem-se panelas de barro cinzento, cozido ao fogo; porém, nem todos os botocudos deles se servem. Para beber e guardar água, usam na maioria das vezes, cabaças, ou, se há moradores europeus nas vizinhanças, cuias feitas do fruto oco da cueira (...); Para deitar, basta-lhe um pedaço de estopa estendido no chão. (...) Frutos de várias espécies, víveres outros, bem como as armas, constituem todo o resto dos utensílios de uma cabana de Botocudos. (...)” (WIED NEUWIED, 1989: 295)

Há ainda uma importante coleção etnográfica de referência de objetos dos "Botocudos" no Museu Nacional do Rio de Janeiro, trazidos em 1897 do rio Doce, sob responsabilidade do naturalista Manizer, doados por Luis Rezende, em 1890.

Observa-se que a mesma apresenta muitos exemplares de utensílios perecíveis, como cestaria e trançado.

É comum encontrar em áreas urbanas fragmentos cerâmicos de igaçabas inteiras (sejam eles Tupiguarani ou Aratu), peças líticas lascadas e polidas, demonstrando o grande potencial arqueológico que esta região possui, como ocorreu recentemente no município de Tumiritinga e Cuieté Velho, município de Conselheiro Pena.

Embora a grande maioria dos sítios pré-coloniais seja de registros evidentes da ocupação Tupiguarani, outros tipos de ocorrências de menor visibilidade poderiam tanto ser atribuído a esta cultura quanto a outras. Sabe-se, sobretudo por relatos etnográficos e dados arqueológicos, que os caçadores coletores que viviam nas matas dos rios Doce e Mucuri nos últimos séculos, possuíam utensílios leves e mais perecíveis. A identificação deste tipo de sítio, principalmente em locais a céu aberto, demanda muito acuro nos levantamentos arqueológicos de campo, sendo que a possibilidade de conservação do conjunto de seus vestígios componentes é potencialmente bem menor. (WIED NEUWED, 1889:295)

Estudos preliminares apontaram um alto índice de sítios arqueológicos nesta subárea, em especial nas proximidades das principais drenagens afluentes da calha principal, datados de 800 BP aproximadamente (Laboratório de Vidro, FATEC- SP). Lamentavelmente, em função das atividades agropastoris, constantes nos últimos oitenta anos, enchentes e instalação de povoados, os sítios arqueológicos estavam com a sua integridade bastante comprometida. No entanto, apresentavam, em sua maioria, testemunhos arqueológicos de alta magnitude e de importante relevância para a arqueologia mineira. Possivelmente, a implantação da malha ferroviária, na margem esquerda do rio Doce, no início do século XX, tenha também destruído vários sítios arqueológicos.

O litoral capixaba, munido de grandes rios, como o rio Doce, praias, lagoas, campos e matas, apresentava disponibilidade variada de recursos naturais, possuindo condições propícias para assentamentos de grupos de pescadores-coletores-caçadores, que construíram grandes sambaquis, acumulando ali os seus

restos alimentares e artefatos, sobretudo. Há vários registros de sítios litorâneos no Espírito Santo como sambaquis, acampamentos litorâneos, concheiros e sítios sob duna, apesar de muitos deles ainda não se encontrarem cadastrados. Nestes sítios foram encontrados, sobretudo, carapaças de moluscos e ossos de peixes, como também, e, alguns casos, ossos de mamíferos terrestres. No caso dos Sambaquis também podem ser encontrados negativos de postes e restos esqueléticos, o que demonstra que estes ambientes também eram utilizados como cemitérios. Há também registros de níveis arqueológicos, normalmente os mais recentes, com fragmentos cerâmicos. No caso capixaba, muitas destas amostras estão também relacionadas à Tradição Tupiguarani.

A porção do Estado do Espírito Santo mais próxima da divisa com Minas Gerais apresenta um conjunto de sítios arqueológicos muito similares aos da área de pesquisa. Grande parte dos sítios identificados por Perota (1971; 1989), também visitados por Orssich em 1968 nos municípios Colatina, Santa Teresa, São Gabriel do Palha e Pancas foi também atribuído ao horizonte cerâmico Tupiguarani. No entanto, também foram localizados sítios com fragmentos cerâmicos típicos Aratu nesta região.

“No litoral capixaba, a cerâmica demonstra alguma influência tupiguarani com a ocorrência em certas fases, de banho vermelho, de decoração pintada (traços vermelhos sobre fundo branco) e porcentagem significativa de decoração plástica corrugada, ponteadada ou escovada (fase Itaúnas) (...) Um sítio desta mesma fase está sob o abrigo, permitindo encontrar artefatos ósseos: buril de dente de mamífero, vértebra de peixe, dentes e conchas, disco de bula timpânica de baleia, todos perfurados como adornos.”
(PROUS, 1992: 347)

No lado mineiro, como já dito, é comum encontrar também sítios cerâmicos que não podem ser associados à cultura material Tupiguarani na região de Aldeia, em Cuparaque, Goiabeira e Mantena.

Um das atividades mais danosas são as agrícolas, que causam a destruição parcial ou total de boa parte dos sítios por meio do revolvimento do solo na ocasião da preparação do mesmo para plantio. Normalmente, os sítios situados

em terraços dos rios ou em áreas de várzeas são os mais danificados. Outras ações que causam danos à integridade dos testemunhos arqueológicos são o desmatamento, queimadas e a expansão urbana. No litoral, é muito comum a implantação de hotéis e condomínios de luxo em localidades onde existem sambaquis ou sítios sob duna.

Mineradoras ou “pedreiras” de pequeno e médio porte, que não realizam os estudos ambientais devidos, por falta de exigência dos órgãos ambientais licenciadores, que atuam, muitas vezes, por meio de extração artesanal da rocha, podem também causar danos a pequenos abrigos com figurações rupestres, comuns em várias subáreas do rio Doce.

Também é comum a coleta seletiva de vestígios arqueológicos nos sítios, principalmente, nos possuidores de fragmentos de utensílios cerâmicos Tupiguarani, por apresentarem fragmentos “coloridos”, chamando a atenção de crianças e moradores locais. Outro tipo de depredação muito comum em sítios em abrigos sob rocha com ou sem pinturas rupestres, são as pichações por parte de seus visitantes.

Há também registros de sítios sob rocha ou em ambientes a céu aberto cujos pisos foram adulterados por curiosos ou colecionadores através de “esburacamentos”, em busca de artefatos, visando o contrabando dos mesmos. Já houve ocorrência de comercialização, que é ilegal, de objetos arqueológicos na região do Serro, Conselheiro Pena e Governador Valadares, por exemplo.

Nos últimos anos, percebe-se que o turismo dissociado de programas de educação patrimonial e de visitação pública controlada, vem causando muitos danos a alguns sítios como na região da Serra do Cipó, por exemplo, não havendo uma fiscalização eficiente dos órgãos ambientais e patrimoniais, inclusive no interior de unidades de conservação, que muitas vezes ainda não implantaram um plano de manejo, conforme previsto na legislação.

Claro que muitos sítios sofrem danos por meio de ações de origem não antrópica direta, como erosões e inundações ou exposição às intempéries, inclusive no caso das figurações rupestres, expostas ao sol várias horas do dia por falta de

uma cortina natural de vegetação. Instalações de casas de bichos, em especial cupinzeiros vem sendo o principal fator de ameaça, no momento, aos conjuntos de pinturas rupestres da Serra da Onça, na região de Resplendor e Conselheiro Pena.

2. CAPÍTULO I - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E REFERENCIAIS TEÓRICOS

“O que caracteriza as sociedades tradicionais é a oposição que elas subentendem entre o seu território habitado e o espaço desconhecido e indeterminado que o cerca...” Mircea Eliade

Esta pesquisa, conforme exposto no item introdução, se dispôs a realizar uma revisão mais detalhada a respeito da distribuição espacial dos sítios arqueológicos com cultura material Tupiguarani estudados preliminarmente no Programa de Resgate Arqueológico UHE Aimorés (2005), do qual o autor desta dissertação também participou, propondo padrões de ocupação do espaço intra e intersítios, estabelecendo a partir de estudos arqueométricos possíveis relações entre a matéria prima dos utensílios cerâmicos, seus possíveis usos pelos Tupiguarani, além de sua relação com outros tipos de cultura material.

2.1. Procedimentos Metodológicos

Na área de pesquisa optou-se por focar 15 sítios arqueológicos pré-coloniais com cultura material cerâmica típica Tupiguarani. Apenas um deles, o Cravadinho, apresentava fragmentos cerâmicos diferenciada dos demais, não tendo sido encontrado nenhum indício de decoração nos padrões Tupiguarani. Mesmo não apresentando estes elementos julgou-se interessante sua inserção no corpo de sítios pesquisados, sobretudo na lista de amostra das análises arqueométricas, bem como comparar o tipo de implantação na paisagem com os demais.

Foi também alvo dos nossos estudos um sítio arqueológico Tupiguarani considerado guia ou diagnóstico, fora da área de pesquisa indicada, por se tratar de um sítio mais conservado, implantado no topo e encosta de uma colina mais íngreme do que os demais.

A maioria dos sítios apresentava suas camadas perturbadas, parcialmente em função do revolvimento do solo para fins agrícolas. A supressão da cobertura vegetal permitiu a instalação de focos de degradação nos mesmos, além do carreamento de vestígios materiais e de camadas arqueológicas, devido às fortes enchentes que ocorreram periodicamente nas últimas décadas. Boa parte dos vestígios arqueológicos encontrava-se entre a superfície e 30cm de profundidade, exatamente a medida de penetração das grades e arados que revolvem a terra, preparando-a para o cultivo.

As informações foram documentadas por meio de levantamentos topográficos (utilizando-se do equipamento Estação Total), croquis, desenhos e levantamentos fotográficos, de forma que ficaram registrados todos os procedimentos referentes ao trabalho de campo, focalizando os testemunhos arqueológicos coletados, as estruturas existentes no interior de cada sondagem e abrangência de cada sítio.

Os fragmentos cerâmicos foram analisados levando em consideração vários atributos: antiplástico, tratamento de superfície, queima (levando em consideração sua resistência, coloração e homogeneidade), decoração, possíveis fontes de matéria prima, além de tipos de bordas e morfologias de alguns utensílios.

No que se refere aos termos técnicos e classificação morfológica e decorativa utilizados na análise e inventário do material cerâmico, basicamente foram utilizados, La Salvia e Brochado (1989), Brochado (1981) e Chmyz (1996). A reconstituição de algumas formas foram norteadas pelas pesquisas de Shepard (1985), Meggers e Evans (1970).

Neste trabalho foi adotada a denominação para a cultura material estudada de “tradição ceramista Tupiguarani”. Segundo Scatamacchia, (1990: 96) este termo foi também adotado pela maior parte dos arqueólogos de países como Argentina, Uruguai e Paraguai, portadores de cultura material cerâmica semelhante. Segundo o conceito dado pelo PRONAPA,

... Após as considerações de possíveis alternativas, não obstante suas conotações lingüísticas, foi decidido rotular como Tupiguarani (escrito numa só palavra) esta tradição ceramista tardia amplamente difundida, considerando já ter sido o termo consagrado pela bibliografia e também a informação Etno-histórica estabeleceu correlações entre as evidências Arqueológicas e os falantes de línguas Tupi e Guaraní ao longo de quase todo território brasileiro. (PRONAPA: 1969:10)

Para estabelecer o topônimo dado a esta tradição cerâmica, autores (CHMYZ, 1976; SOUZA, 1997; PRONAPA, 1969; BROCHADO, 1981) adotaram critérios da cultura material para identificar esta tradição sendo considerados os sítios superficiais de ocupação curta e com cerâmica apresentando pintura policroma (vermelho e ou preto sobre engobo branco), e técnicas plásticas de acabamento preponderando o alisado, o corrugado, o ungulado e o escovado.

São sítios superficiais, implicando em curta permanência da aldeia, e sepultamento secundário em urnas foi praticado no próprio sítio habitação ou em sua proximidade. Artefatos líticos, de ocorrência quase universal, compreendem lascas, talhadores, abrasadores e grandes bifaces polidos. O tembetá é o ornamento característico e são comuns os cachimbos. As técnicas diagnósticas de decoração cerâmica compreendem a pintura sobre o engobo branco, o corrugado, o escovado e o ungulado. (PRONAPA: 1969:17-18)

Sabe-se que, tradicionalmente, os grupos Tupiguarani ocuparam todo o território brasileiro, como também a bacia do Prata (Uruguai, Argentina, Paraguai, Bolívia e Peru).

Não há como afirmar que a cerâmica arqueológica Tupiguarani tenha sido elaborada por falantes do tronco lingüístico Tupi-Guarani, mas é quase certo que pelo menos alguns grupos ancestrais destas populações tenham sido autores de boa parte destes artefatos arqueológicos.

No entanto, não podendo se afirmar com certeza que línguas falavam os homens pré-históricos, criaram um termo ambíguo que sugeria uma relação entre os membros de um tronco lingüístico (tupi-guarani), etnias reconhecidas pelos europeus (os Tupi e os Guaraní) e os fabricantes e usuários pré-históricos da cerâmica policroma, sem afirmar que se trataria de uma identidade. Esse termo é tupiguarani (sem hífen). A palavra se aplica, portanto, exclusivamente aos achados ligados a um tipo de cerâmica, não implicando homogeneidade automática na língua e nos costumes de seus portadores. (PROUS: 2006:96)

A NAA (Nêutron Activacion Analysis), bem como outras técnicas utilizadas em pesquisas arqueométricas de análise elementar de materiais arqueológicos, como EAA (Espectroscopia de Absorção Atômica), PIXE (Particle Induced X-Ray Emission) podem assim, auxiliar na interpretação dos vestígios arqueológicos cerâmicos sobre a proveniência da matéria prima, qual a metodologia de fabricação destes utensílios por parte de seus autores, além de dar importantes pistas sobre a existência de interconexão entre povos no período pré-colonial.

Um dos focos nesta pesquisa a partir das bases cartográficas existentes sobre a região, ortofotos, cartas geológicas, dados hidrográficos e plantas topográficas e de situação dos sítios, foi propor uma ligação entre a paisagem em que os sítios estão inseridos e a sua cultura material.

2.2. Referencial teórico

Pelo fato dos sítios arqueológicos pré-coloniais se situarem em ambientes topográficos diferenciados, conforme exposto, indicando, em alguns casos, usos distintos destes ambientes, considerou-se apropriado utilizar a “Arqueologia da Paisagem” como referencial teórico nesta pesquisa.

Partindo deste pressuposto, entende-se que o ambiente rege a vida humana; a altitude e a latitude, a conformação do terreno e o clima determinam a vegetação que, por sua vez, condiciona a vida animal. E todo o conjunto determina como e onde tem vivido o homem.

A Arqueologia da Paisagem - “landscape archaeology”- nasceu na Inglaterra, a partir de uma proposta interdisciplinar, construída com a colaboração de várias disciplinas, sobretudo da Geografia Humana, Biogeografia, Geocartografia, Geopolítica, Zooarqueologia, Arqueologia, Antropologia, História, Sociologia, Arquitetura, Urbanismo e Ecologia. (MORAIS, 1999: 11)

A Arqueologia tratada nesta perspectiva considera o homem, independente de suas vertentes, de forma holística e ecossistêmica como parte do mundo natural,

interagindo com outras espécies no sistema ecológico, onde todo o conjunto determina como e onde este tem vivido ao longo do tempo. Salvo raras exceções, os arqueólogos prestavam pouca atenção na evidência não artefactual, a ecofactual. Os sítios arqueológicos eram tratados mais ou menos como agrupamento de dados, não importando o seu contexto paisagístico, ambiência, paisagem ou estado de conservação dos sítios e seus vestígios. Obviamente, até pouco tempo atrás, não havia recursos tecnológicos que pudessem dar suporte a este tipo de trabalho, pois é fundamental a análise de mapas digitais e fotos de satélite das localidades pesquisadas.

No Brasil, é ainda recente o uso de disciplinas da geociências em projetos de pesquisa que se propõem estudar o patrimônio arqueológico numa perspectiva ambiental. Os projetos pioneiros foram: Projeto Paranapanema-Projpar, coordenado pelo Prof. José Luis de Moraes e o Programa “Registro Arqueológico da Paisagem na área de influência da UHE Piraju”, coordenado pela Profa. Solange Caldarelli.

O Núcleo da Universidade de Santiago de Compostela apresenta estudos ligados a este ramo da disciplina arqueológica. Suas publicações acessíveis em sites na internet estão sendo muito utilizadas por pesquisadores e estudantes da América do Sul, dentre outros centros europeus de pesquisa, como o Observatori del Paisage, por exemplo.

A rápida degradação ambiental sofrida no último século no Médio Rio Doce através do processo de desmatamento, implantação de fazendas de gado e de plantio e assoreamento dos rios, provocou a desfiguração da paisagem deste vale, ocupada anteriormente por densa mata atlântica.

Desta forma, entender a história da paisagem de uma determinada área é um importante aspecto da pesquisa arqueológica que se propõem a entender o processo de ocupação humana em um determinado lugar. Permite, outrossim, que um olhar isolado no passado possa ser inserido em um contexto amplo e melhor compreensível. (MORAIS, 1999:11)

Pouco praticada em terras brasileiras, a Arqueologia da Paisagem começa a despontar timidamente no âmbito do universo acadêmico e na iniciativa privada (arqueologia por contrato). A Arqueologia da Paisagem pouco intervém no registro arqueológico, esforçando-se para mostrar que é possível reconstituir concretamente a maneira como as populações organizaram o seu espaço. (MORAIS, 1999:11)

As principais obras consultadas a respeito dos aspectos físicos e paisagísticos do Médio Rio Doce foram: Projeto RADAM Brasil (1987), Coelho (2007; 2008), Bigarella (2003), Dean (2002), além do relatório “Caracterização Socioambiental da AAI do Rio Doce”, elaborado pela Sondotécnica e Empresa de Pesquisa Energética-EPE e dos estudos ambientais relativos ao empreendimento UHE Aimorés.

Outro elemento importante para este tipo de abordagem, é a relação da proteção e conservação do acervo arqueológico e de seus aspectos paisagísticos no contexto regional.

A gestão da herança cultural exige uma firme reflexão sobre aspectos ligados ao manejo e projetos que garantam acessibilidade do público e valorização do seu patrimônio cultural e ambiental.

Desta maneira, todo o acervo, como exposto no item anterior foi objeto de inventário e catalogação. Parte do material cerâmico encontra-se em exposição nos três núcleos museológicos implantados nos municípios Aimorés, Itueta e Resplendor, sendo o autor desta dissertação um dos responsáveis pelo programa de musealização do acervo, concluído em 2007, aqui analisado (no caso o material cerâmico), com maior profundidade.

3. CAPÍTULO II - OS SÍTIOS TUPIGUARANI E SUA RELAÇÃO COM O AMBIENTE DO MÉDIO VALE DO RIO DOCE

“O senhor... Mire e veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou.”

Guimarães Rosa

A bacia hidrográfica do rio Doce abrange 83.500 Km² em áreas que abrangem os estados de Minas Gerais e Espírito Santo. É limitada ao norte pela serra Negra, divisor de águas desta bacia com o Jequitinhonha, e pela serra dos Aimorés. A oeste o limite é a serra do Espinhaço, que separa esta bacia do rio São Francisco. O limite sul é definido pela serra da Mantiqueira, tendo como vizinhas as bacias dos rios Grande e Paraíba do Sul. A serra do Caparaó, onde se encontra o Pico da Bandeira, localiza-se no limite sudeste. (RADAMBRASIL, 1987)

O regime hidrológico do rio Doce é perene e bem definido e, de modo geral, acompanha a pluviosidade da bacia, sendo marcado por dois períodos: um de cheia com os níveis máximos ocorrendo nos meses de dezembro, janeiro e março e um de vazante, a partir de abril, atingindo mínimas extremas nos meses de agosto e setembro. (ANA, 2007)

O clima que opera no interior da bacia é o tropical úmido, estando caracterizado por uma não uniformidade, explicada por um conjunto de fatores como a posição geográfica, características de relevo topografia e sobretudo, da atuação de quatro massas de ar, um dos principais elementos determinante do clima, pelo fato de mudarem de forma súbita o tempo nas áreas por onde passa. As temperaturas médias anuais são elevadas, em torno de 26° C, e mesmo nos meses mais frios (junho e julho), as temperaturas médias são elevadas, em torno de 18° C, nas altitudes até 500 m. (COELHO, 2007; 2008) A Mata Atlântica constitui ambientes especiais, subdividida em Floresta Densa e Estacional. As florestas em elevadas altitudes possui uma grande diversidade faunística e botânica. Das

espécies ameaçadas de extinção na bacia e de maior simbolismo, presentes em algumas matas locais destaca-se o primata mono-carvoeiro. (EPE & SONDOTÉCNICA, 2007)

A bacia do rio Doce, está inserida em uma única província geotectônica denominada Província da Mantiqueira subdividida em uma zona oeste: Cinturão Araçuaí e outra zona leste Cinturão: Cinturão Atlântico.

O Cinturão Araçuaí é constituído por dobramentos e empurrões, estruturado sobre rochas dos grupos Macaúbas e Rio Doce. A granitogênese sintetônica a pós-tectônica acompanhou o desenvolvimento do cinturão, cuja porção mais distal foi palco de intensa anatexia crustal. O Cinturão Atlântico afetado pela orogênese rio Doce inclui rochas metamórficas e magmáticas, de idade neoproterozóica e paleozóica. (ALMEIDA, 1977)

Há o predomínio de duas classes de solo, sendo a primeira o Latossolo Vermelho-Amarelo distrófico e ou álicos, ocorrendo principalmente nos planaltos dissecados desde o plano suave ondulado. A segunda classe é o Argissolo Vermelho-Amarelo encontrados desde relevo plano e suave ondulado até o forte ondulado e montanhoso, com predominância do último, apresentando, neste, elevada susceptibilidade à erosão, repercutindo em elevadas taxas de assoreamento das sub-bacias e canal principal. (COELHO, 2007) outros solos que ocorrem em menor área são Latossolo Ácrico, Cambissolos, Neossolo Litólico e Neossolo Regotílico. (COELHO, 2008)

A área de pesquisa situa-se no Médio Rio Doce, totalmente no Estado de Minas Gerais, sendo que os seus principais tributários são o rio Manhuaçu, na margem direita; o ribeirão Resplendor, na margem esquerda, e o rio Capim, afluente da margem do rio Manhuaçu. Outros cursos d'água que podem também ser destacados são: ribeirão Bananal, afluente da margem direita do rio Resplendor; córrego Vala Grande e córrego Natividade, respectivamente afluentes das margens esquerda e direita do rio Doce. No rio Manhuaçu pode destaca-se o córrego Travessão, afluente da margem direita. De uma maneira geral, os cursos d'água

dessa região apresentam baixo rendimento específico, ocorrendo substancial redução em sua vazão nos períodos secos.

As feições geomorfológicas da região onde se inserem os sítios arqueológicos em estudo apresenta quatro unidades geomorfológicas, agrupadas em dois domínios: Faixa de Dobramento Remobilizados e Maciços Plutônicos.

O domínio da Faixa de Dobramentos Remobilizados é representado pelos Compartimentos Planaltos do Leste de Minas, Unidade Depressão do Médio Rio Doce e pelos Planaltos da Mantiqueira Setentrional, Unidades Maciço do Caparaó e Patamares Escalonados do Sul Capixaba. O domínio Maciços Plutônicos é representado pelo compartimento dos Planaltos Soerguidos, Unidade Bloco Montanhoso Central.

Quadro 1 - Compartimentação Geomorfológica Regional

Domínio Geomorfológico	Compartimento	Unidade Geomorfológica
	Planaltos do Leste de Minas	Depressão do Médio Rio Doce
Faixa de Dobramentos Remobilizados	Planaltos da mantiqueira Setentrional	Maciços do Caparaó Patamares Escalonados do Sul Capixaba
Maciços Plutônicos	Planaltos Soerguidos	Bloco Montanhoso Central

Fonte: Baeta e Alonso, 2005.

A unidade Depressão do Médio Rio Doce ocupa as margens direita e esquerda do rio Doce, desenvolvida sobre terrenos de litologias gnássicas da Formação Tumiritinga. Possui uma configuração irregular com reentrâncias decorrentes de sua penetração através dos vales dos principais rios, ocorrendo desníveis de até 100 m, com relação às unidades circunjacentes. Compreende um setor deprimido onde a ação fluvial orientou o entalhe dos vales por erosão

remontante, resultando no recuo da frente escarpada, formando anfiteatros. (BAETA; ALONSO, 2005)

Na Unidade Maciços do Caparaó predominam a dissecação diferencial com formas dissecadas intensamente orientadas, evidenciando por cristas, extensas linhas cumeadas, sulcos profundos orientados por falhas intercruzadas. Entremeadas às serras, ocorrem feições convexizadas resultantes da dissecação homogênea.

A Unidade Patamares Escalonados do Sul Capixaba caracteriza-se por patamares delimitados por frentes escarpadas e adaptadas a falhas, voltadas para NW e com caimento para SE. Nas feições convexas, as influências estruturais são parcialmente mascaradas pela dissecação homogênea, mas refletidas pelos alinhamentos dos vales. Em algumas situações são observadas instabilidades do solo possibilitando a formação de colúvios depositados na parte inferior das encostas ou a colmatação de alguns vales. (BAETA; ALONSO, 2005)

A Unidade Bloco Montanhoso Central ocorre na margem esquerda do rio Doce até extremo norte da área, ocupando terrenos onde o substrato rochoso predominantemente é constituído pelas rochas xistosas da Formação São Tomé, Grupo Rio Doce e secundariamente, por rochas granitóides. (BAETA; ALONSO, 2005)

A área estudada corresponde a terrenos de várzea e a terraços marginais do rio Doce, com topografia plana e formação superficial predominantemente aluvial e secundariamente coluvial. Estes depósitos constituem uma planície, cortada por cursos d'água de regime intermitente. O uso predominante é de pastagens, que causou a total descaracterização da mata ciliar. A morfodinâmica atual é marcada é caracterizada por intensa erosão causada, sobretudo, por intervenções antrópicas.

As altitudes predominantes estão na faixa dos 250m, variando de 84 no nível do rio Doce até entre 200 e 400m, nos topos. As declividades são acentuadas na maior parte da área da pesquisa. Somente em localidade pertencente à região do

Baixio, margem esquerda do município de Aimorés, as declividades são suaves, chegando a caracterizar superfícies planas.

A maioria dos sítios arqueológicos estudados, situam-se em terrenos suaves, alguns em terraços do rio Doce (Vala Seca e João Reis); outros em encostas suaves de colinas do rio Doce (Barro Branco, Wilson Tiago) ou de seus afluentes (Resplendor I e II, Bela Vista, Monte das Oliveiras I, Monte das Oliveiras II, Monte das Oliveiras III); outros em topos de colinas com declividades mais acentuadas (Cravadinho, Florestal); o sítio Olício situa-se em posição diferenciada, entre dois “pães de açúcar”, contudo em área relativamente plana; e o sítio Hermes Pieper situa-se na área urbana de Itueta, em terreno com pouca declividade. Abaixo, localização dos sítios arqueológicos.

Imagem 2 – localização dos sítios Arqueológicos na bacia do rio Doce



A maioria dos sítios arqueológicos (15) apresentava evidências lito-cerâmicas (destes, três possuem polidores fixos, sobre rocha); dois líticos, por não terem sido encontrados fragmentos cerâmicos nas localidades limpas e escavadas; não se pode afirmar tratar-se de sítios "pré-cerâmicos" ou mesmo "acerâmicos", um deles, também, apresenta pilão esculpido na rocha. Tendo em vista a proximidade e o contexto arqueológico em que eles estão inseridos, aliado à natureza agricultora presente na cultura Tupiguarani no caso do sítio com pilões esculpidos, estes sítios não podem ser descartados do contexto do presente estudo. No caso dos sítios pré-coloniais, os testemunhos arqueológicos mais encontrados foram artefatos pétreos, lascados e polidos, além de fragmentos de utensílios cerâmicos, objeto deste estudo.

Quadro 02: Localização dos Sítios Arqueológicos, tipo de cultura material e implantação na paisagem

SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS - Siglas	Cultura Material	Implantação na paisagem
Vala Seca-VS	Lito-cerâmico	Terraço córrego Vala Seca
Cachimbeiro-CH *	Lito-cerâmico	Meia Encosta Córrego Vala Seca
Barro Branco-BB	Lito-cerâmico	Meia Encosta e Terraço rio Doce
Madeira-MD	Histórico	Terraço rio Doce
João Reis-JR	Lito-cerâmico	Terraço e praia do rio Doce
Wilson Tiago-WT	Lito-cerâmico	Terraço rio Doce
Ilha Lorena-IL	Histórico	Ilha do rio doce
Olício-OL	Lítico	Terraço entre córrego Bananeira e rio Doce
Pedra do Resplendor I * PRI	Lito-cerâmico	Meia encosta colina do rio Doce
Pedra do Resplendor II PRII	Lito-cerâmico	Meia encosta e topo colina do rio Doce
Bela Vista-BV *	Lito-cerâmico	Meia encosta colina no rio Doce
Monte das Oliveiras I ou Flores – MOI	Lito-cerâmico	Terraço e meia encosta de colina suave do rio Doce
Monte das Oliveiras II- MOII	Lito-cerâmico	Terraço do rio Doce
Monte das Oliveiras III ou Reginado- MOIII	Lito-cerâmico	Terraço do rio Doce
Cravadinho- CR	Lito-cerâmico	Topo e meia encosta de colina íngreme do rio Doce
Vala Grande-VG	Lito-cerâmico	Meia encosta e topo de colina suave do rio Doce
Hermes Piepper- HP	Lito-cerâmico	Meia encosta de colina suave do rio Doce
Quatis-Qt *	Lítico	Terraço do córrego Quatis
Florestal I- FT	Lito-cerâmico	Topo, meia encosta e terraço do córrego Resplendor

Dos sítios pesquisados já na fase inicial dos trabalhos de campo, constatou-se que dois deles encontravam-se destruídos: o Cachimbeiro e o Resplendor I. Na época dos estudos diagnósticos estes sítios já se encontravam bastante alterados e/ou semi-destruídos. Com o intervalo entre os estudos ambientais sob as rubricas

"Diagnóstico" e "Prospecção", o restante do material degradou-se com as intensivas atividades agrícolas. Presumia-se anteriormente, que os mesmos poderiam ter ainda testemunhos preservados na sub-superfície, o que não se constatou. Os sítios Bela Vista e Quatis também se apresentaram extremamente degradados já na segunda fase dos trabalhos de campo, tendo sido possível coletar apenas alguns fragmentos líticos e cerâmicos remanescentes.

Abaixo, apresenta-se a descrição dos sítios arqueológicos que foram objeto de resgate arqueológico, cuja cultura material e forma de implantação na paisagem são abordadas nesta dissertação de mestrado. Em seguida, há também a descrição das intervenções arqueológicas realizadas ao longo dos trabalhos de campo em cada sítio arqueológico.

As informações apresentadas a seguir sobre as intervenções arqueológicas nos sítios arqueológicos foram obtidas nos relatórios de prospecção (2001) e resgate (2005), com fotografias pessoais do autor desta dissertação.

Quadro 03: Sítios Arqueológicos – Siglas e Localização

Sítios Arqueológicos - Siglas	Coordenadas UTM E	Coordenadas UTM N
Vala Seca-VS	24K 0287655	7842547
Cachimbeiro-CH *	24K0281821	7845356
Barro Branco-BB	24K0286665	7843709
Madeira-MD	24K0286164	7843703
João Reis-JR	24K0283818	7844472
Wilson Tiago-WT	24K0282500	7844661
Ilha Lorena-IL	24K0280767	7845742
Olício-OL	24K0279899	7851074
Pedra do Resplendor I * PRI	24K0279821	7852115
Pedra do Resplendor II PRII	24K0279701	7852547
Bela Vista-BV *	24K0276790	7853751
Monte das Oliveiras I ou Flores - MOII	24K0276729	7853554
Monte das Oliveiras II- MOII	24K0276569	7854254
Monte das Oliveiras III ou Reginado- MOIII	24K0275465	7854052
Cravadinho- CR	24K0267686	7860226
Vala Grande-VG	24K0265680	7859646
Hermes Piepper- HP	24K0272238	7854047
Quatis-Qt *	24K0278975	7859802
Florestal I- FT	24K0278747	7859803

3.1 Sítio Arqueológico Vala Seca

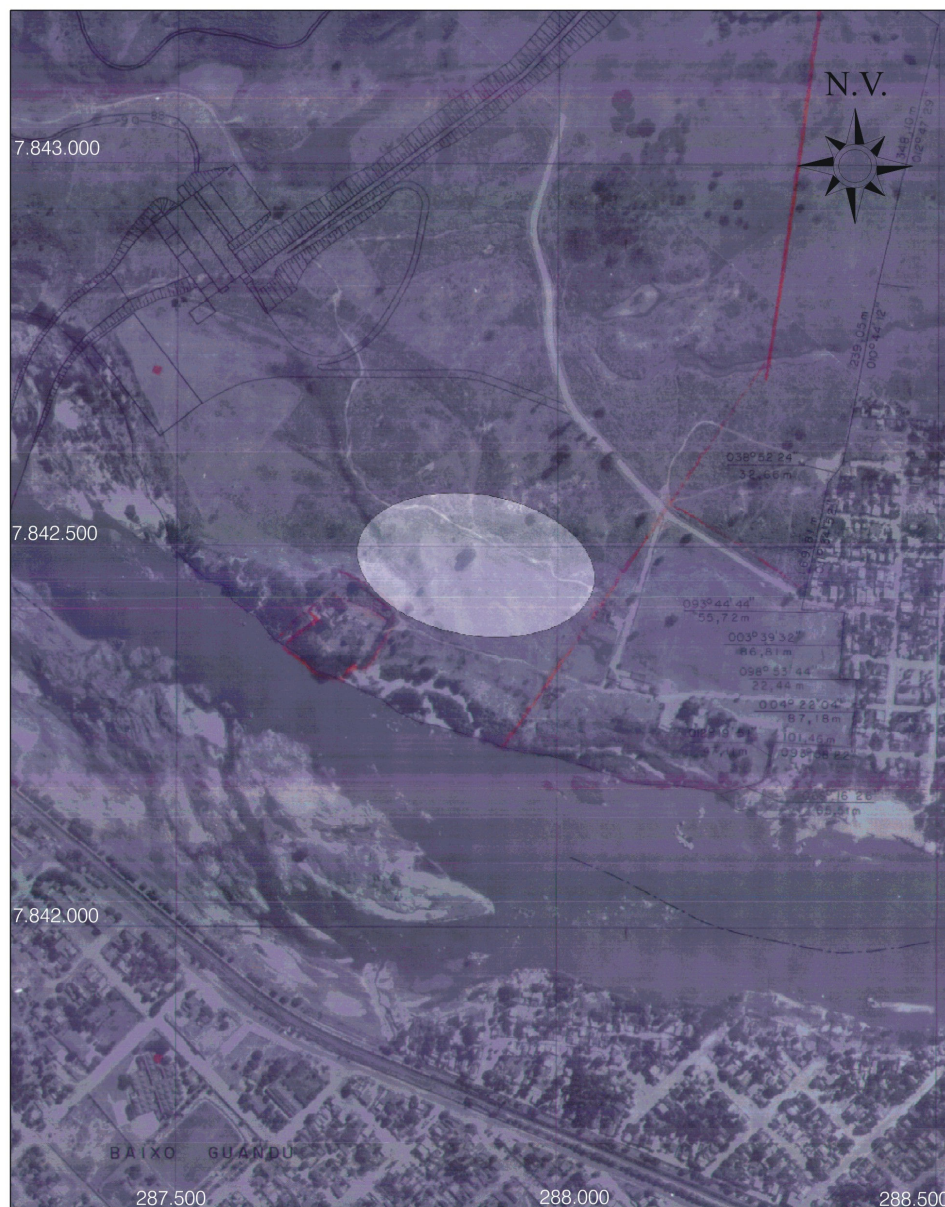
Localizado em um terraço, à margem do rio Doce, sendo que o epicentro do sítio parece ser as adjacências de uma antiga residência, cuja propriedade faz divisa com a localidade destinada ao canteiro 2 onde foi implantada a casa de força, escritório, restaurante, estacionamento e área de serviço do empreendimento UHE Aimorés.

Quando identificada a área do sítio, estimada em 30.000 m² a mesma foi isolada e vem sendo constantemente monitorada pela equipe de arqueologia, em função da proximidade com este canteiro.

Do outro lado do rio, há a área urbana do município de Baixo Guandu, onde se encontra um posto fiscal. Possivelmente, por se localizar muito próximo de área urbana e de ter sido, antes da compra pelo Consórcio AHE Aimorés, área de pasto de uma antiga fazenda, o sítio apresentava-se parcialmente destruído. Contudo, na superfície do solo ainda havia alguns quebra-cocos ou bigornas, além de fragmentos cerâmicos Tupiguarani.

Uma urna funerária foi dali retirada e consolidada em laboratório, encontrando-se em exposição no núcleo museológico de Aimorés.

Imagem 03 – Vista da área de principal dispersão de material do sítio arqueológico Vala Seca - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005



Escala: 1:5.000

Figura 15 - Destaque Sítio Arqueológico Vala Seca

Fonte: Ortofotocarta CEMIG

Autor: H. Piló & E. Scharlé Jr. / 2003

RESGATE ARQUEOLÓGICO



Foto 01 – Vista geral do sítio arqueológico



Foto 02 – Material lítico em superfície



3.2. Sítio Arqueológico Cachimbeiro

Situado na bacia do córrego Vala Seca, tendo sido caracterizado na época das primeiras descrições como sítio lito-cerâmico. Localiza-se na meia encosta de uma colina suave, a 1,2 Km ao norte da localidade conhecida como Pedra do Baixo, na cota altimétrica de ± 140 m, nos domínios da antiga Fazenda Varejão.

Na fase de prospecção arqueológica foram priorizadas vistorias nas áreas onde foram observados, na superfície do solo, alguns pouquíssimos fragmentos de cerâmica simples, de tamanhos que variavam entre 2 cm a 3 cm de comprimento; além de fragmentos de instrumentos polidos, provavelmente de batedores. Contudo, na fase de resgate já não foram registrados nenhum tipo de indício na superfície do solo.

A vegetação de pastagem encontrava-se rala, baixa e seca, com vários processos erosivos, o que permitiu uma vistoria pormenorizada da superfície do solo em uma área de 60.000 m².

Foto 03 – Vista geral do Sítio Arqueológico Cachimbeiro



3.3. Sítio Arqueológico Barro Branco

Situado a meia-encosta e nas bordas sul dos topos de uma colina que se encontra a 600 m do rio Doce, em uma área de 15.000 m². Contudo, este local não foi afetado pelas obras do canal de adução, nem do canteiro de obra onde se localiza a casa de força, distando assim dos mesmos aproximadamente 1,0 km.

O material arqueológico existente na superfície encontrava-se em concentrações compostas por fragmentos cerâmicos simples e com decorações plásticas e pintadas, por lascas de quartzo e por fragmentos de instrumentos pétreos polidos. O sedimento foi revolvido nos últimos anos para plantação de pasto, tendo sido utilizado em demasia pelo gado. Lascas de quartzo foram produzidas por pisoteio, possivelmente, apesar de existirem também artefatos arqueológicos. Parte dos fragmentos cerâmicos na superfície do solo também foram quebrados por pisoteios de animais. Algumas porções, principalmente as que se encontravam nas encostas sofreram carreamentos e processos erosivos, o que elucidou e deslocou peças de seu contexto original.

Outro elemento importante observado neste sítio foi a possibilidade de aproveitamento de alguns platôs de antigos cupinzeiros pelos homens, exatamente os existentes na borda sul da colina. A conclusão sobre esta hipótese foi discutida no capítulo 4. Estes cupinzeiros são comuns em alguns locais do rio Doce, mas diferem-se da maioria dos demais cupinzeiros por apresentarem maiores dimensões em seus topos, podendo tratar-se de estruturas naturais muito mais antigas, talvez do período pleistocênico. Deste local, é possível ter uma vista panorâmica do rio Doce e dos pontões gnáissicos da região de Guandu. No entorno de um cupinzeiro foram encontradas concentrações de fragmentos cerâmicos. No corte de um deles, havia pedaços de utensílio cerâmico Tupiguarani.

No sopé desta colina, na direção do rio Doce, há alguns afloramentos com inúmeros conjuntos de polidores de machados pétreos, alguns deles identificados e confirmados na ocasião, pelos consultores André Prous (e orientador desta dissertação) e Márcio Alonso. Neste compartimento, não foi encontrado nenhum indício material pré-colonial, nem mesmo algum exemplar similar ao existente na colina defronte. Possivelmente, este ambiente foi utilizado para cultivo e certamente para atividades de fabricação de artefatos pétreos polidos.

Uma ocupação humana posterior, ainda nesta localidade, na parte baixa, contudo mais próxima do rio Doce, pôde também ser identificada e delimitada. Trata-se do sítio histórico Madeira.

Nesta localidade, o rio Doce sofre um afunilamento em função de um canal de pedra natural. No passado este canal foi descrito em vários relatos como "Escadinha". Segundo os desbravadores deste rio, este canal é o primeiro grande obstáculo para seus exploradores, obrigando-os a ter que subir este trecho por terra em função da força das águas que impede a sua transposição.

Imagem 04 – Croqui topográfico do sítio arqueológico Barro Branco com as sondagens realizadas - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005

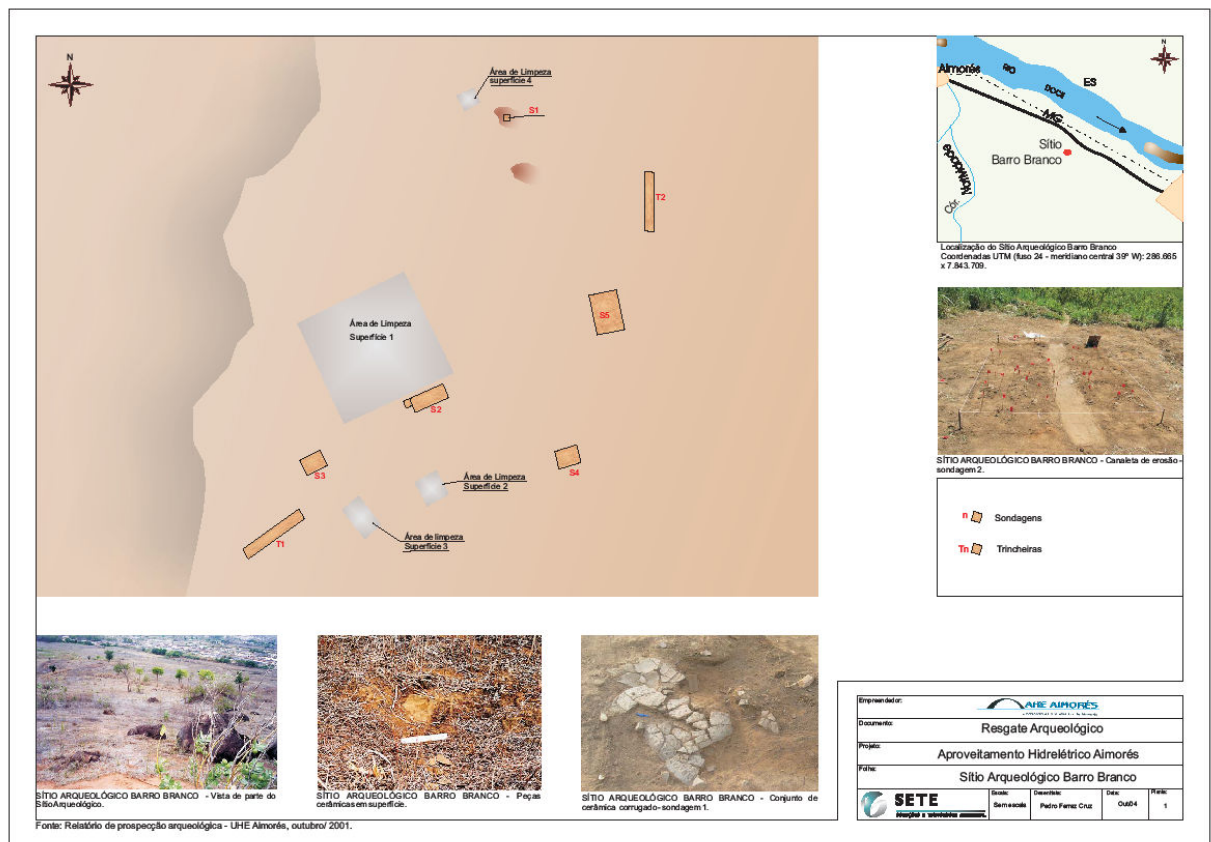
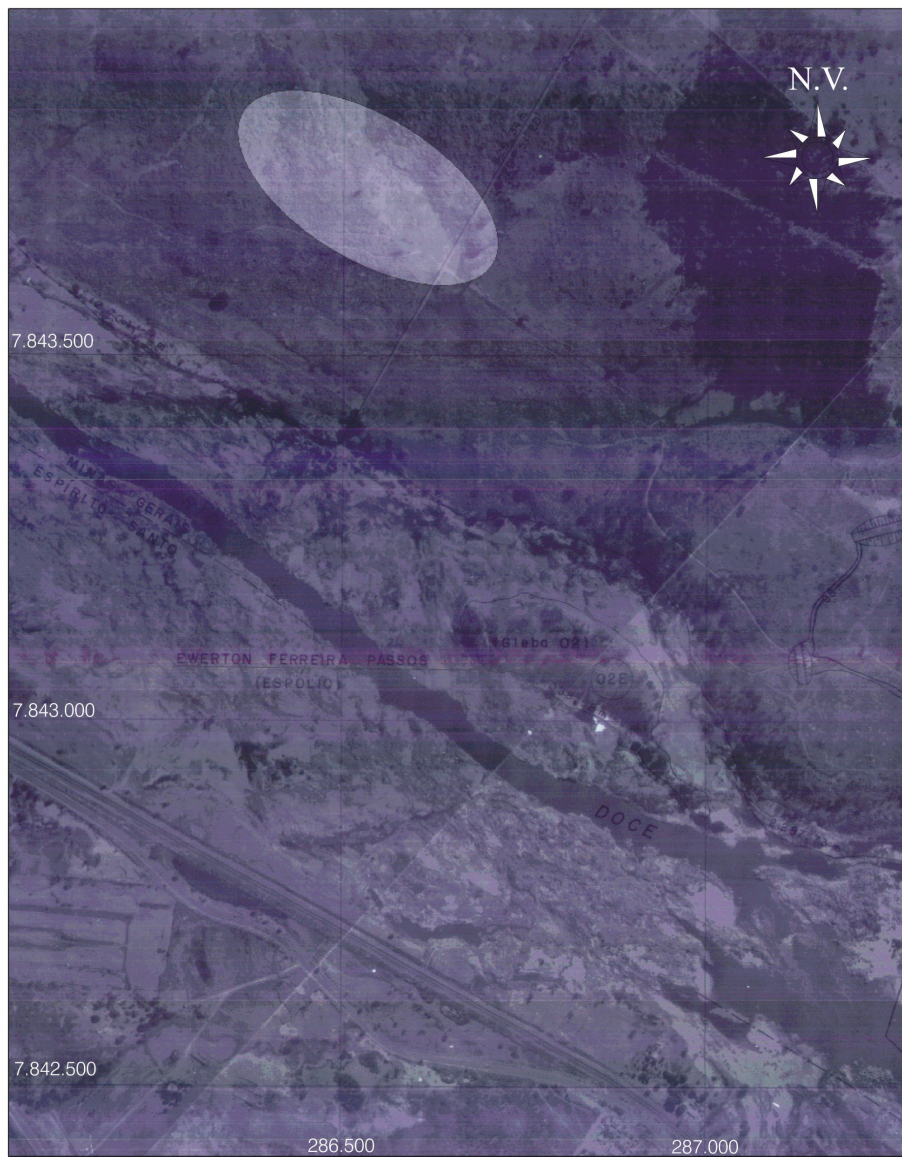


Imagem 05 – Vista da área de principal dispersão de material do sítio arqueológico Barro Branco - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005



Escala: 1:5.000

Figura 01 - Destaque Sítio Arqueológico Barro Branco
Fonte: Ortofotocarta CEMIG
Autor: H. Piló & E. Scharlé Jr. / 2003
RESGATE ARQUEOLÓGICO



Foto 04 – Vista geral do sítio arqueológico Barro Branco



Foto 05 – Escavação arqueológica



Foto 06 – Detalhe da cultura material do sítio



3.4. Sítio Arqueológico João Reis

Sítio lito-cerâmico situado às margens do rio Doce, na propriedade do Sr. João Reis, em uma área de 2.400 m², freqüentemente alagada no período das cheias. Apresenta dois fundos de unidades habitacionais remanescentes, parcialmente erodidas, com níveis de carvão e manchas escuras em seu interior, que se destacam pela ausência de vegetação, em função da compactação, contrastando com o capim, presente em seu entorno. Principalmente no interior das manchas, encontram-se materiais líticos e cerâmicos, porém, estes também são encontrados nos arredores das mesmas. Algumas localidades com sedimento queimado e negativos de antigas estacas podem ser observadas em superfícies mais intactas deste sítio.

A ausência da vegetação ao longo dos anos propiciou o desencadeamento de processos erosivos, comprometendo parcialmente o sítio. O impacto causado pelo cultivo nessas áreas foi baixo, e segundo o proprietário, nas superfícies manchadas e compactadas, é difícil de cultivar em razão da dureza do solo.

Possivelmente, a dimensão deste sítio era muito maior. Contudo, o restante do terreno vem sendo utilizado continuamente para o cultivo e plantações. Segundo os proprietários, na época da construção de uma residência, foram encontrados grandes vasilhames coloridos com ossos humanos em seu interior que, possivelmente, tratava-se de urnas funerárias Tupiguarani. Também relataram que, ao passar o trator em uma área de plantio atual, conseguiram quebrar muitos "murundus"; montículos de terra muito compactada e queimada, que podia tratar-se de estruturas arqueológicas.

A área remanescente deste sítio, desta maneira, foi a porção destinada ao pomar da casa, e que por isto, manteve-se parcialmente preservada. Foi neste local que as intervenções arqueológicas de salvamento ocorreram. Nesta localidade também encontram-se implantadas pequenas edificações de apoio doméstico, como galinheiro e chiqueiro.

Imagem 06 – Croqui topográfico com as intervenções arqueológicas Fonte: BAETA & ALONSO: 2005

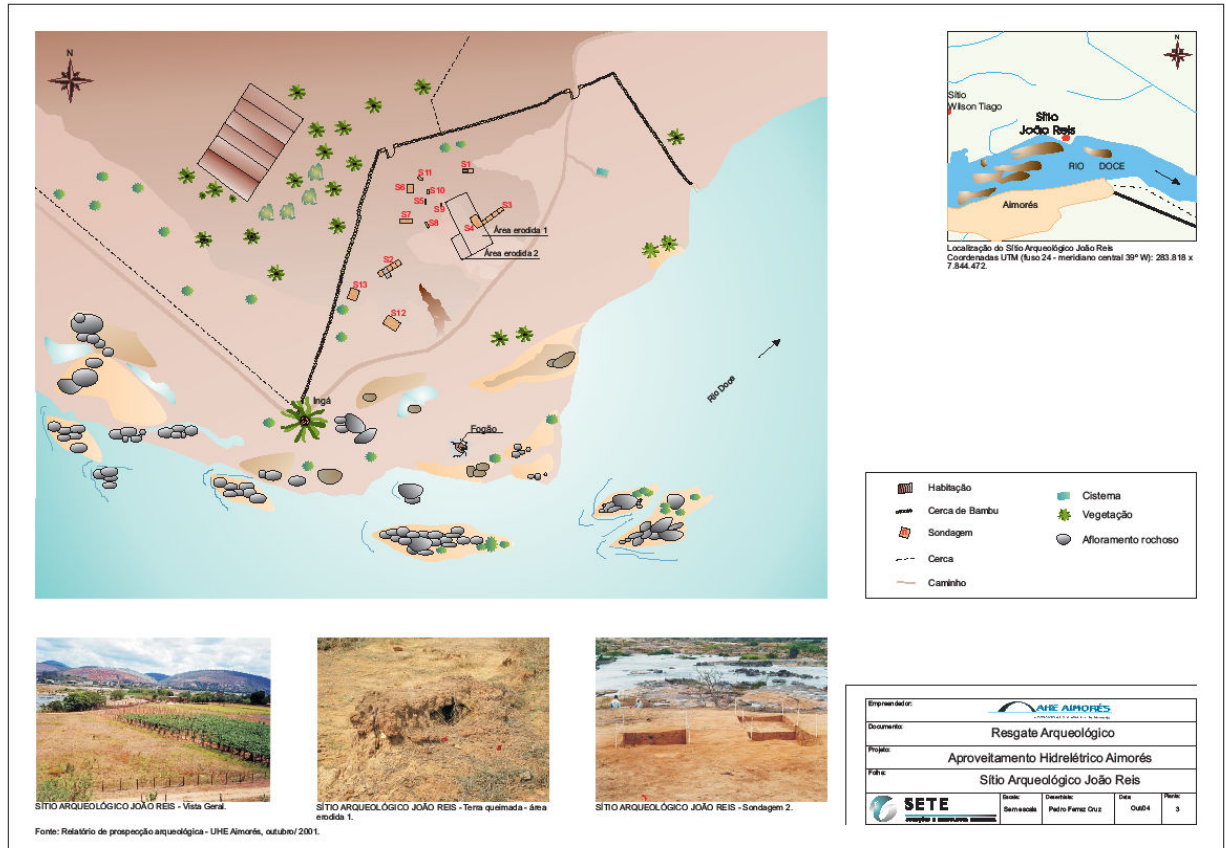


Imagem 07 - Vista da área de principal dispersão de material do sítio arqueológico João Reis - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005



Figura 03 - Detalhe da parte preservada do Sítio Arqueológico João Reis
Fonte: Ortofotocarta CEMIG
Autor: H. Piló & E. Scharlé Jr. / 2003
RESGATE ARQUEOLÓGICO



Foto 07 – Vista geral do Sítio Arqueológico



Foto 08 – Estrutura de combustão



Foto 09 – Detalhe de fundo de habitação

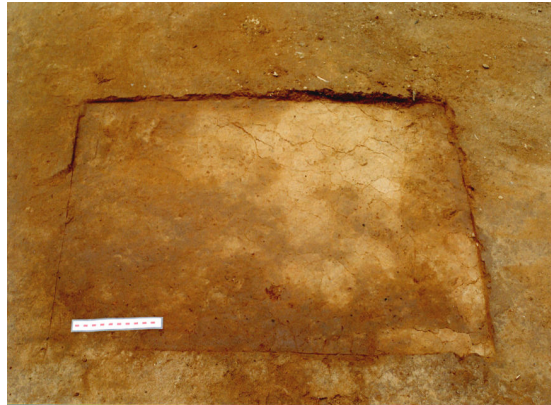


Foto 10 – Vista a partir do sítio arqueológico



Foto 11 – Estrutura de combustão



3.5. Sítio Arqueológico Wilson Tiago

Sítio lito-cerâmico localizado a 450 m do atual curso do rio Doce, no sopé leste do afloramento rochoso conhecido como Pedra Lorena, na fazenda de propriedade do Sr. Dilson Varejão. Apresenta dois focos principais de material arqueológico: a primeira, denominada A, situa-se na meia encosta de uma colina suave, atualmente em uma plantação de milho, na cota altimétrica de $\pm 120\text{m}$, por onde passa uma estrada de terra que dá acesso à sede da fazenda na direção E-W; e, a segunda, denominada B, situa-se no topo de uma colina a NW do atual curral. Deste local, é possível avistar o sítio histórico da Ilha Lorena. A vegetação é composta por pastagens.

Imagem 09 - Croqui topográfico com as intervenções arqueológicas do Sítio Wilson Tiago - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005

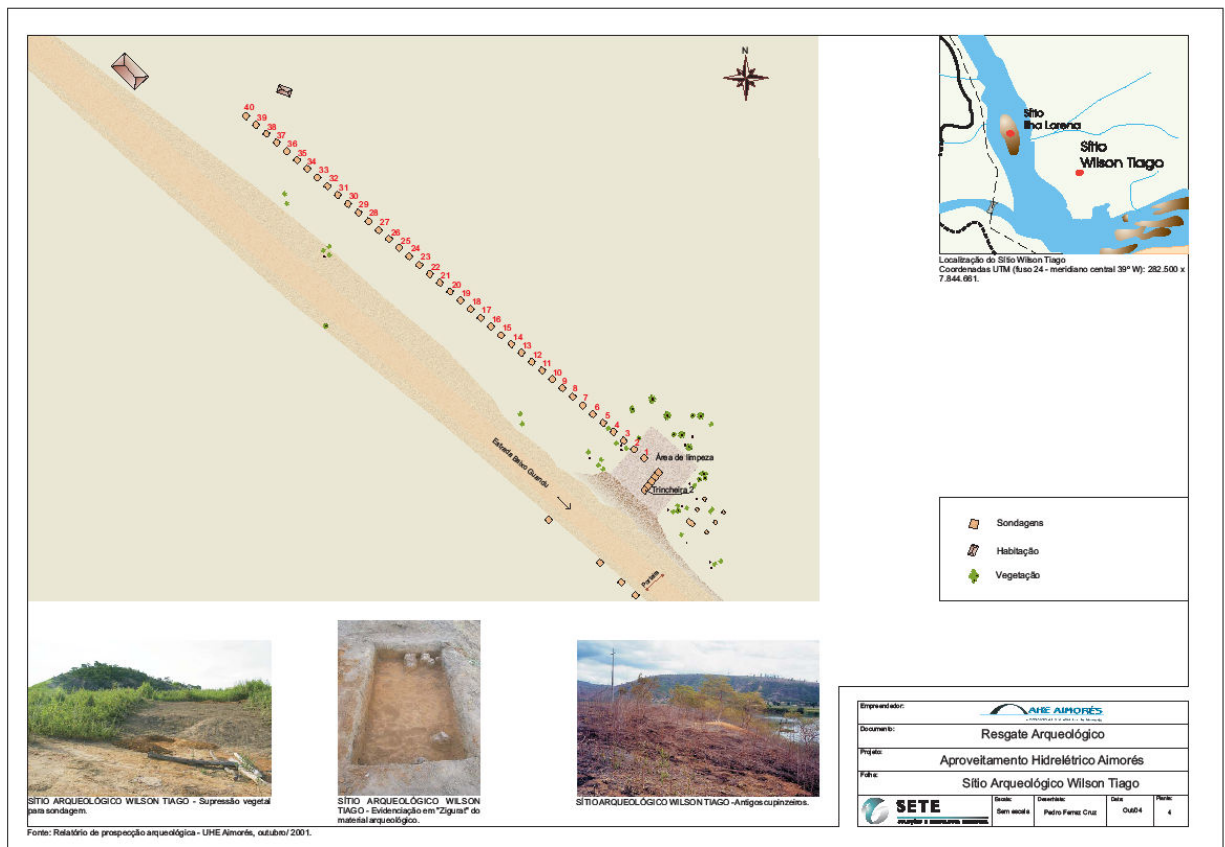
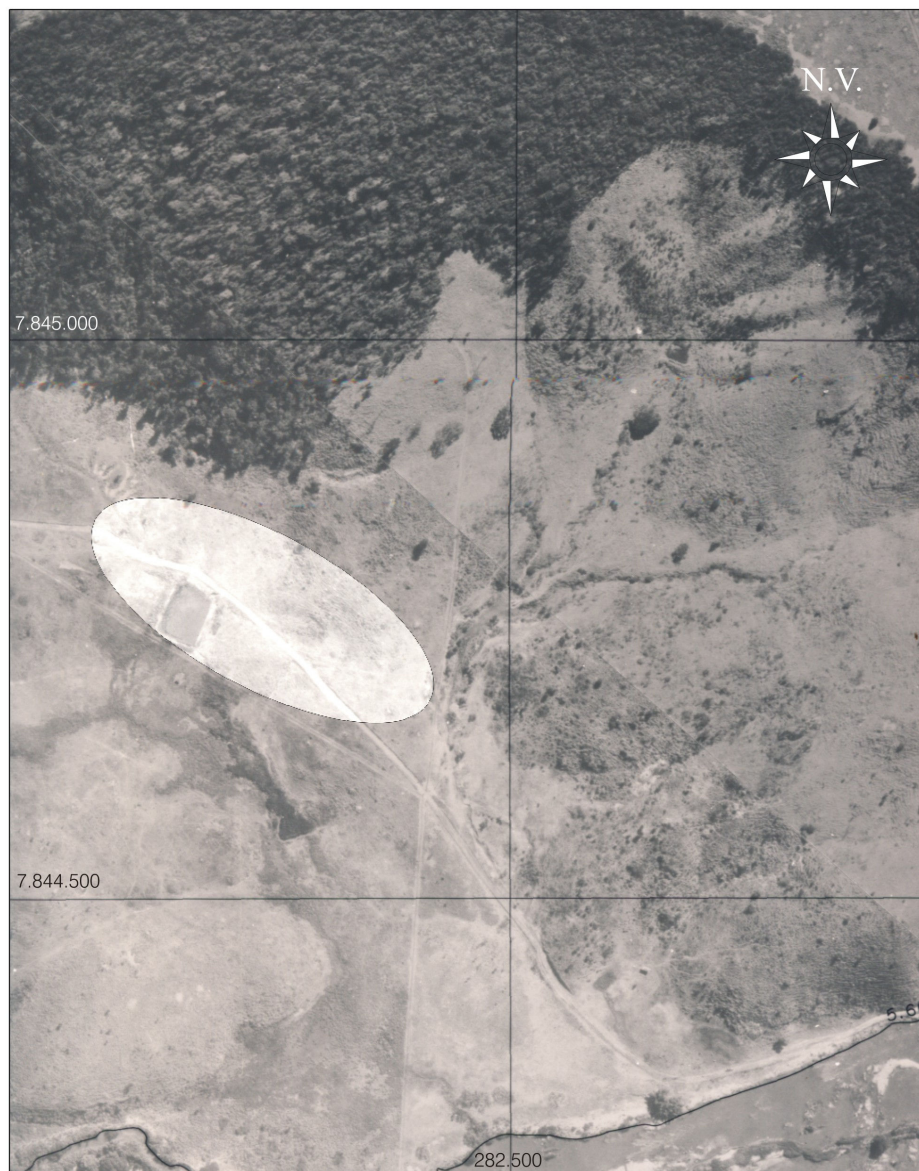


Imagem 10 - Vista da área de principal dispersão de material do sítio arqueológico Wilson Tiago - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005



0 100 200 300 400 500
Escala: 1:5.000

Figura 04 - Destaque Sítio Arqueológico Wilson Tiago
Fonte: Ortofotocarta CEMIG
Autor: H. Piló & E. Scharlé Jr. / 2003
RESGATE ARQUEOLÓGICO



Foto 12 - Vista a partir do sítio arqueológico



Foto 13 – Vista geral do sítio arqueológico Wilson Tiago



Foto 14 – Detalhe de escavação arqueológica



3.6. Sítio Arqueológico Olício

Localiza-se entre o rio Doce e o segundo "pão de açúcar" gnáissico do conjunto de pontões, denominados Pedra do Resplendor, onde confluem nascentes de água advindas das partes mais altas; contudo há também algumas nascentes mais próximas do local do sítio. Algumas destas nascentes formavam o córrego das Bananeiras ou do Bananal, que por sua vez, desaguava no rio Doce. Este foi parcialmente represado pelo proprietário, o Sr. Olício, na década de noventa, formando assim um lago que fez desta localidade um ambiente de extrema beleza. Atualmente, neste lago, são criados peixes para um pesque e pague, atraindo assim alguns moradores da região para o local, em especial, nos fins de semana.

A parte preservada deste sítio arqueológico situa-se exatamente no quintal, única localidade da propriedade que não sofreu processos contínuos de revolvimento do solo para plantio. Situa-se, portanto, entre a parte frontal da residência principal, paiol, curral, restos de uma antiga tapera, casa de máquinas e o lago, distando aproximadamente 500m do rio Doce.

Segundo informações orais, esta antiga tapera foi moradia de um índio, conhecido como "João Bugre", descendente possivelmente dos "Aimorés" que viveram nas proximidades da Pedra Lorena. João Bugre foi empregado desta fazenda há cinquenta anos. Nesta mesma época, também habitou esta localidade, uma índia que foi "pega a laço" na região da Pedra Lorena, conhecida como Dona Rita.

Possivelmente, a área do sítio arqueológico era bem maior, mas as adjacências, em especial os terraços dos rios, segundo os proprietários, têm sido aradas para plantação de milho e feijão, há pelo menos cinquenta anos. A área do pomar, com muitos pés de laranja, também foi, nos anos anteriores, revolvida. Desta maneira, a concentração arqueológica remanescente situa-se em uma localidade circunscrita às adjacências da área residencial e de trabalho. Do outro lado do lago, entre este e a estrada de acesso, foram identificados pequenos blocos granitóides com pilões esculpidos. Tratam-se de depressões circulares de 15 a 20cm de diâmetro, sendo que a profundidade varia de 6 a 15cm de profundidade. Ao lado

destes blocos, passava antigamente pequenas drenagens. Atualmente este sítio encontra-se submerso pela usina hidrelétrica de Aimorés.

Imagem 11: Croqui topográfico com as intervenções arqueológicas do Sítio Olício Fonte: BAETA & ALONSO: 2005

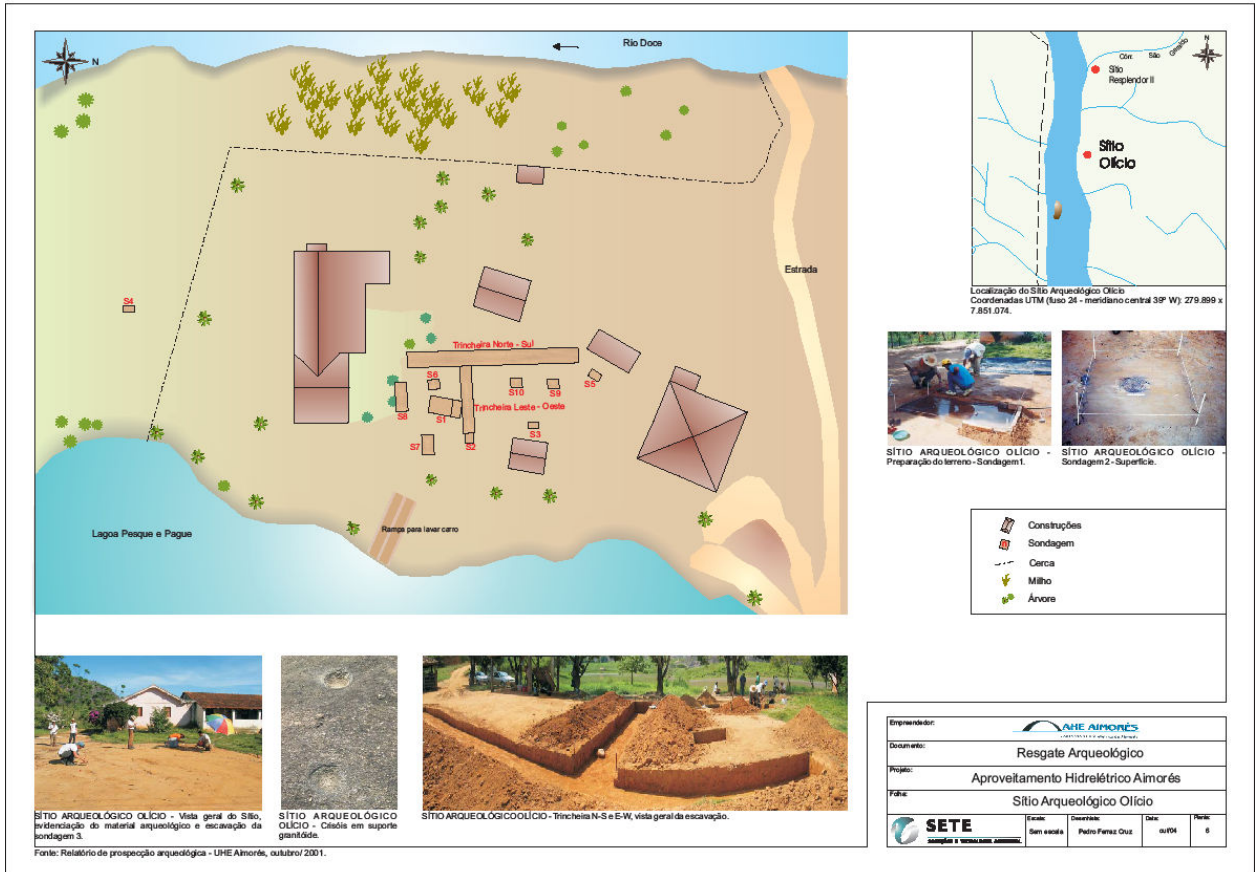


Imagem 12: Vista da área de principal dispersão de material do sítio arqueológico Olício - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005



Figura 06 - Detalhe da parte preservada do Sítio Arqueológico Olício

Fonte: Ortofotocarta CEMIG

Autor: H. Piló & E. Scharlé Jr. / 2003

RESGATE ARQUEOLÓGICO



Foto 15 - Pilões esculpidos



Foto 16 – Detalhe de tembetá em amazonite



Foto 17 – Vista geral das escavações no sítio arqueológico Olício

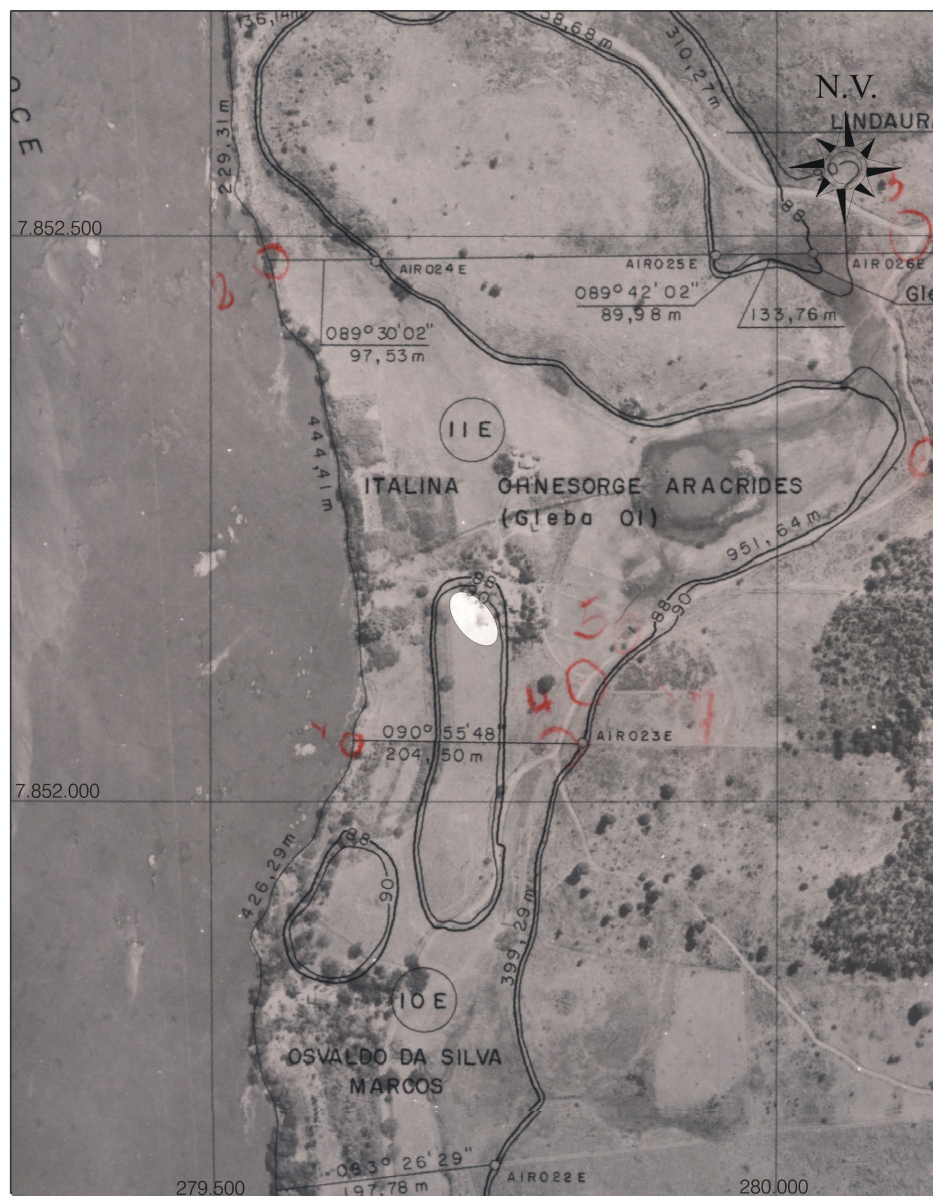


3.7. Sítio Arqueológico Pedra do Resplendor I

Sítio arqueológico lito-cerâmico já destruído, localizado no topo de uma colina a sul das residências, na antiga propriedade de Dona Italina Ohnezorges Anaclides. Esta localidade situa-se defronte à Pedra do Resplendor, que deu nome à cidade de Resplendor, quando esta região pertencia a este município, na barra do córrego São Geraldo, a 50 m do rio Doce, na cota altimétrica 115m .

Foi encontrado neste sítio, em 1997, um único fragmento de cerâmica pré-histórica, além de torrões queimados e fragmentos de material lítico. Naquela época, já não era possível delimitar a área do sítio, por se encontrar em avançado estado de degradação. Hoje o local encontra-se submerso no lago da usina hidrelétrica de Aimorés.

Imagem 13: Vista da área de principal dispersão de material do sítio arqueológico Pedra do Resplendor I - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005



Escala: 1:5.000

Figura 07 - Destaque Sítio Arqueológico Resplendor I
 Fonte: Ortofotocarta CEMIG
 Autor: H. Piló & E. Scharlé Jr. / 2003
 RESGATE ARQUEOLÓGICO



Foto 18 – Vista geral do sítio arqueológico Pedra do Resplendor I



3. 8. Sítio Arqueológico Pedra do Resplendor II

Sítio lito-cerâmico localizado no topo de uma colina que se situa na barra do córrego São Geraldo, em terreno de propriedade do Sr. Antônio, parente de Dona Italina Anaclides. Apresenta a cota altimétrica ± 115 m.

No local, a cobertura vegetal é de pastagem, onde também encontra-se um antigo cemitério e vestígios do embasamento de uma pequena capela, remanescente do início do século XX. No cemitério, encontram-se sepultados parentes da família Ohnezorges Anaclides, além de outras famílias da região, alemãs e brasileiras. Somente o topo deste sítio, onde se situa o cemitério histórico não está submerso.

Imagem 14 - Croqui topográfico com as intervenções arqueológicas do Sítio Pedra do Resplendor II - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005

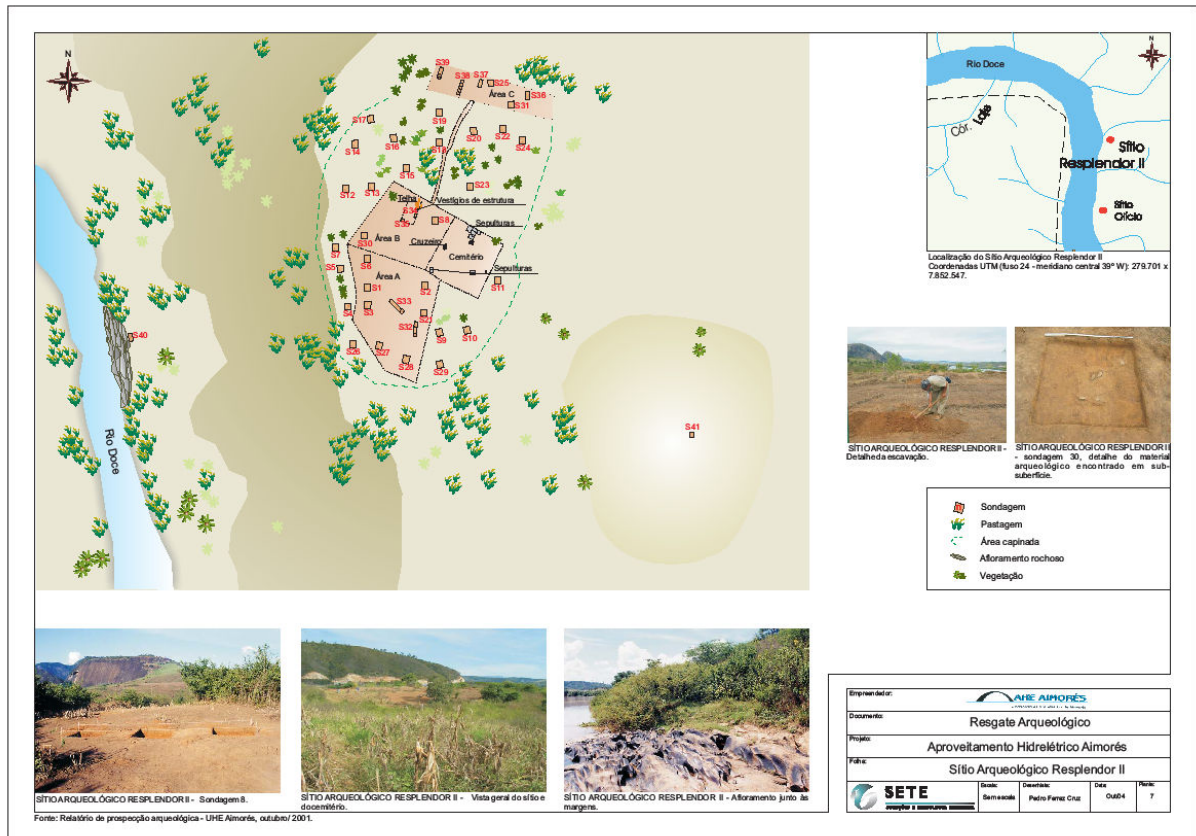


Imagem 15 - Vista da área de principal dispersão de material do sítio arqueológico Pedra do Resplendor II - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005



Escala: 1:5.000

Figura 08 - Destaque Sítio Arqueológico Resplendor II

Fonte: Ortofotocarta CEMIG

Autor: H. Piló & E. Scharlé Jr. / 2003

REGATE ARQUEOLÓGICO



Foto 19 – Vista geral do sítio arqueológico Pedra do Resplendor II



Foto 20 e Foto 21 – Detalhe das sondagens arqueológicas



3.9. Sítio Arqueológico Bela Vista

Sítio lito-cerâmico localizado na parte superior de uma encosta, na margem direita do córrego Resplendor, onde se encontra atualmente um milharal, na Fazenda Bela Vista, de propriedade de Luis David. A área onde se visualizou os vestígios na superfície do solo, medem aproximadamente 200m x 200 m.

Na época do Diagnóstico Arqueológico foi constatado o péssimo estado de conservação tendo em vista o uso contínuo deste local para plantio. Atualmente este sítio encontra-se submerso pela área de inundação.

Foto 22 – Vista geral do sítio arqueológico Bela Vista



3.10. Sítio Arqueológico Monte das Oliveiras I ou Flores

Situado em terreno plano, onde se prestava ao cultivo de pastagens, na Fazenda Flores, na cota altimétrica 120 m. Localizava-se a aproximadamente 200m do Sítio Monte das Oliveiras II, a 100m do rio Doce, na direção sul, entre as barras dos córregos Bom Destino e Boa Sorte.

Apresentava-se parcialmente perturbado, tendo a sua integridade comprometida pela abertura de uma estrada que dava acesso a Fazenda Monte das Oliveiras, bem como a construção de uma Igreja e à mecanização freqüente do solo para a plantação de capim. Atualmente encontra-se submerso pela área de inundação da UHE Aimorés.

Imagem 16 - Croqui topográfico com as intervenções arqueológicas do Sítio Monte das Oliveiras I ou Flores - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005

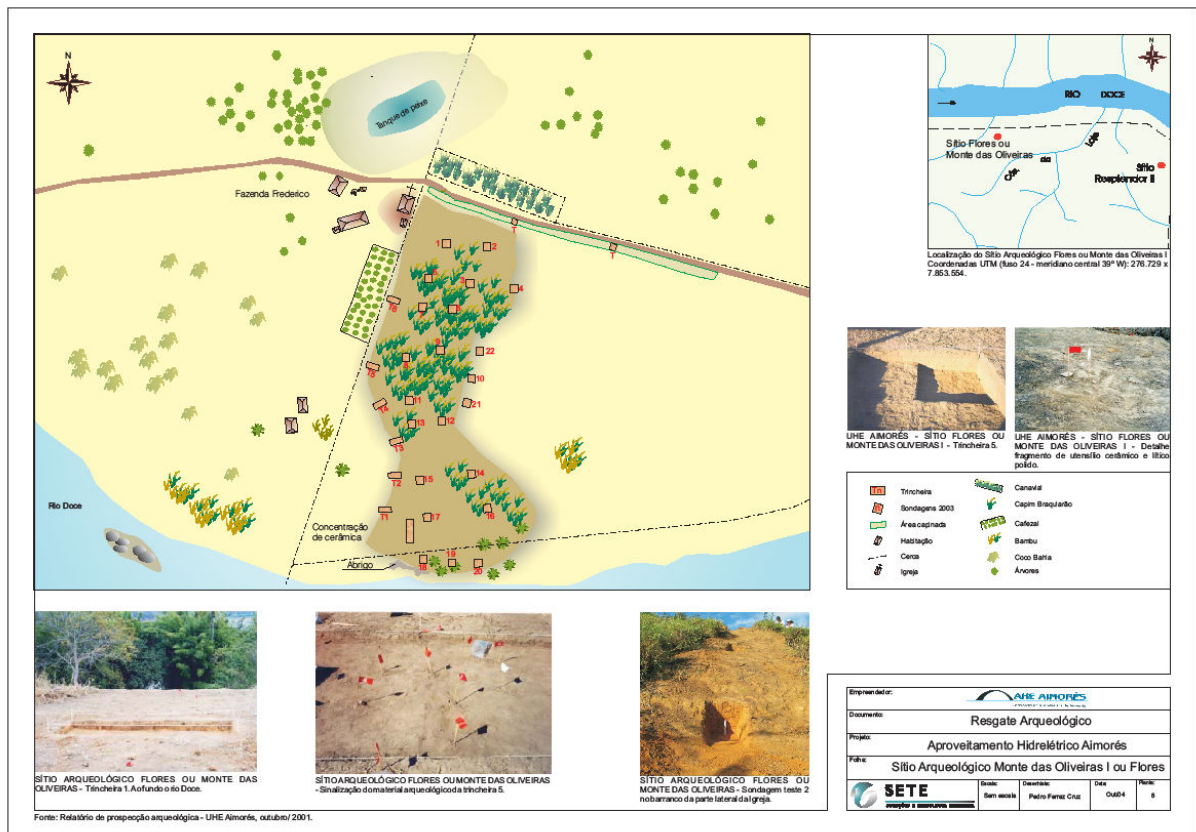


Imagem 17 - Vista da área de principal dispersão de material do sítio arqueológico Monte das Oliveiras I ou Flores -
 Fonte: BAETA & ALONSO: 2005



Escala: 1:5.000

Figura 09 - Detalhe da área preservada do Sítio Arqueológico Monte das Oliveiras I

Fonte: Ortofotocarta CEMIG

Autor: H. Piló & E. Scharlé Jr. / 2003

RESGATE ARQUEOLÓGICO



Foto 23 – Detalhe de corte no barranco



Foto 24 – Detalhe de sondagem com material lítico



3.11. Sítio Arqueológico Monte das Oliveiras II

Sítio arqueológico lito-cerâmico localizado na Fazenda Monte das Oliveiras, em uma zona aplainada, entre os córregos do Bom Destino e Boa Sorte. Tem por coordenadas altimétricas 120 m, distando do rio Doce 300 metros. A localidade onde se situa o sítio é constantemente revolvida pelo arado, em parte para plantação de milho, em outra para plantação de pastagem fechada.

Quando da vistoria realizada em 1997, o local havia sido recentemente arado. O material lito-cerâmico aflorava em superfície, ainda em grandes fragmentos, denotando ainda, que, apesar do impacto, o material localizava-se in situ permitindo a recomposição de peças.

Neste mesmo local, quando arado há alguns anos, encontrou-se um tembetá de rocha verde, possivelmente escória de esmeralda, muito bem conservada, que se encontra atualmente guardado com um morador em sua casa.

O material arqueológico de superfície concentra-se em uma área de 20.000m², sobretudo em uma área de 2.500 m². Após limpeza, parte desta foi quadriculada em malha amostral de 400m² face à necessidade de coleta do material de superfície, tendo em vista que este terreno seria arado logo após a saída da equipe técnica. No entanto, a área do sítio deve ser um pouco maior.

Imagem 18 - Croqui topográfico com as intervenções arqueológicas do Sítio Monte das Oliveiras II - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005

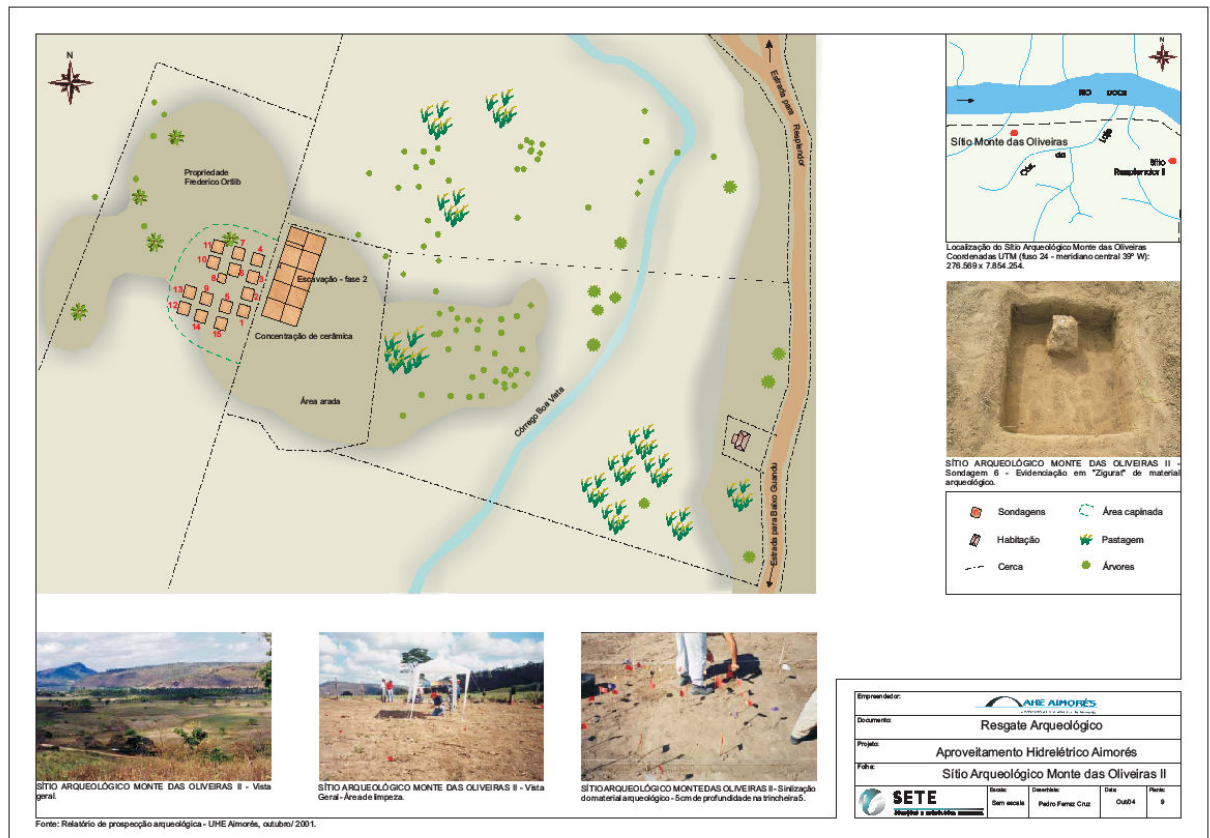


Imagem 19 - Vista da área de principal dispersão de material do sítio arqueológico Monte das Oliveiras II - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005

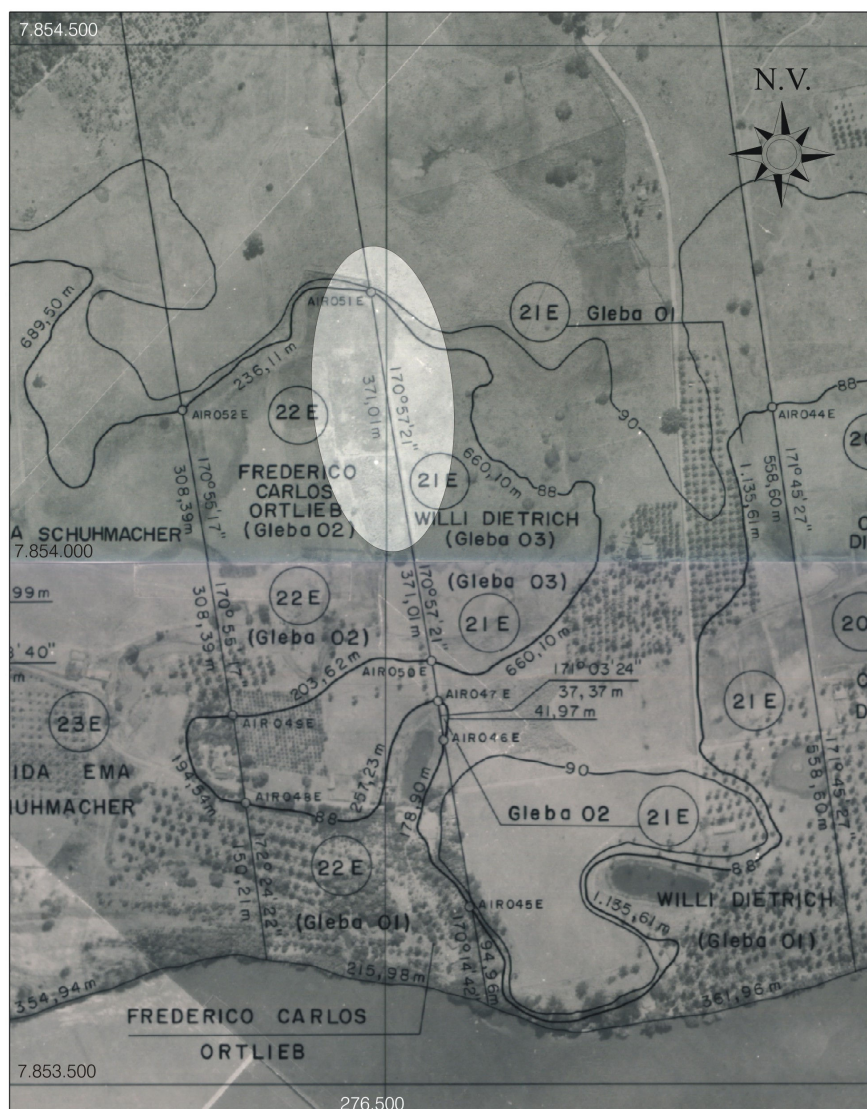


Figura 10 - Detalhe da área preservada do Sítio Arqueológico Monte das Oliveiras II
 Fonte: Ortofotocarta CEMIG
 Autor: H. Piló & E. Scharlé Jr. / 2003
 RESGATE ARQUEOLÓGICO



Foto 25 – Vista geral do sítio arqueológico Monte das Oliveiras II. Ao fundo, o sítio arqueológico Monte das oliveira I



Foto 26 – Tembetá em amazonita



3.12. Sítio Arqueológico Monte das Oliveiras III

Este sítio foi descoberto quando da realização de uma patrula na estrada, que interliga Resplendor a Baixo Guandu, realizada pela Prefeitura de Itueta no ano de 2000. Posteriormente, esta descoberta foi informada a equipe técnica de arqueologia

responsável pelo salvamento arqueológico por moradores da região. Este sítio ainda se situa na região conhecida como Monte das Oliveiras.

O sítio situa-se em uma colina suave, nas proximidades do córrego Boa Sorte, distando aproximadamente 700m. do sítio Monte das Oliveiras II. No decorrer da execução de corte e terraplanagem do leito da estrada, foram evidenciados fragmentos de urnas funerárias e vasilhames medianos. Moradores que passavam pelo local, em especial, o Sr. Hermes Piepper, temeroso de que o material acabasse por fragmentar-se mais, coletou o que encontrava-se em superfície, comunicando e repassando-o a equipe mencionada. No local, realizou-se uma limpeza no corte da estrada com o intuito de se coletar o restante do material. Por meio desta limpeza, foi possível, de fato, colher alguns outros fragmentos remanescentes. A superfície e os demais cortes da estrada foram limpos com o intuito de visualizar outros indícios, o que não ocorreu. Na fase do Resgate Arqueológico foram realizadas limpezas complementares, além de algumas sondagens na área de ocorrência deste sítio, em localidades paralelas ao corte da estrada. Mais alguns fragmentos foram encontrados no leito da estrada e coletados. Foi realizada a retirada do capim também no topo da vertente. Assim que se iniciou a capina alguns cacos já começaram a aparecer, sobretudo na parte mais alta do terreno. Ao todo, foram abertas 16 sondagens. Até os 10 cm de profundidade, foram encontrados alguns fragmentos de utensílios cerâmicos nas sondagens 1 e 7, em um sedimento orgânico. A partir dos 15 cm o solo se apresentou totalmente estéril. Este sítio foi bastante danificado devido obra da estrada e revolvimento do solo para plantio de brachiara. Foi a ocorrência componente que apresentou o pior estado de conservação se comparado aos sítios vizinhos Monte das Oliveiras I e II. Atualmente se encontra também submerso pelo lago da usina de Aimorés.

Imagem 20 - Croqui topográfico com as intervenções arqueológicas do Sítio Monte das Oliveiras III - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005

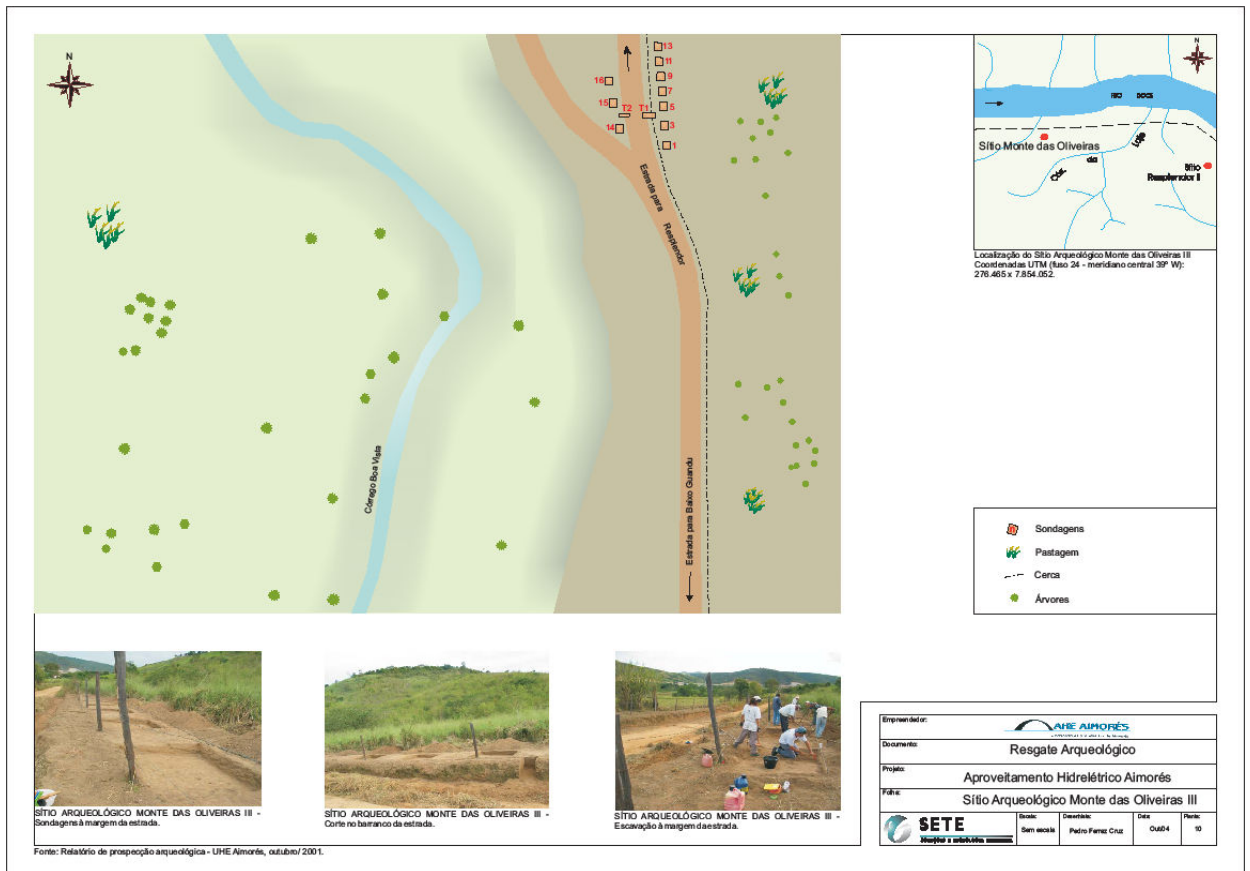


Imagem 21 - Vista da área de principal dispersão de material do sítio arqueológico Monte das Oliveiras III - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005

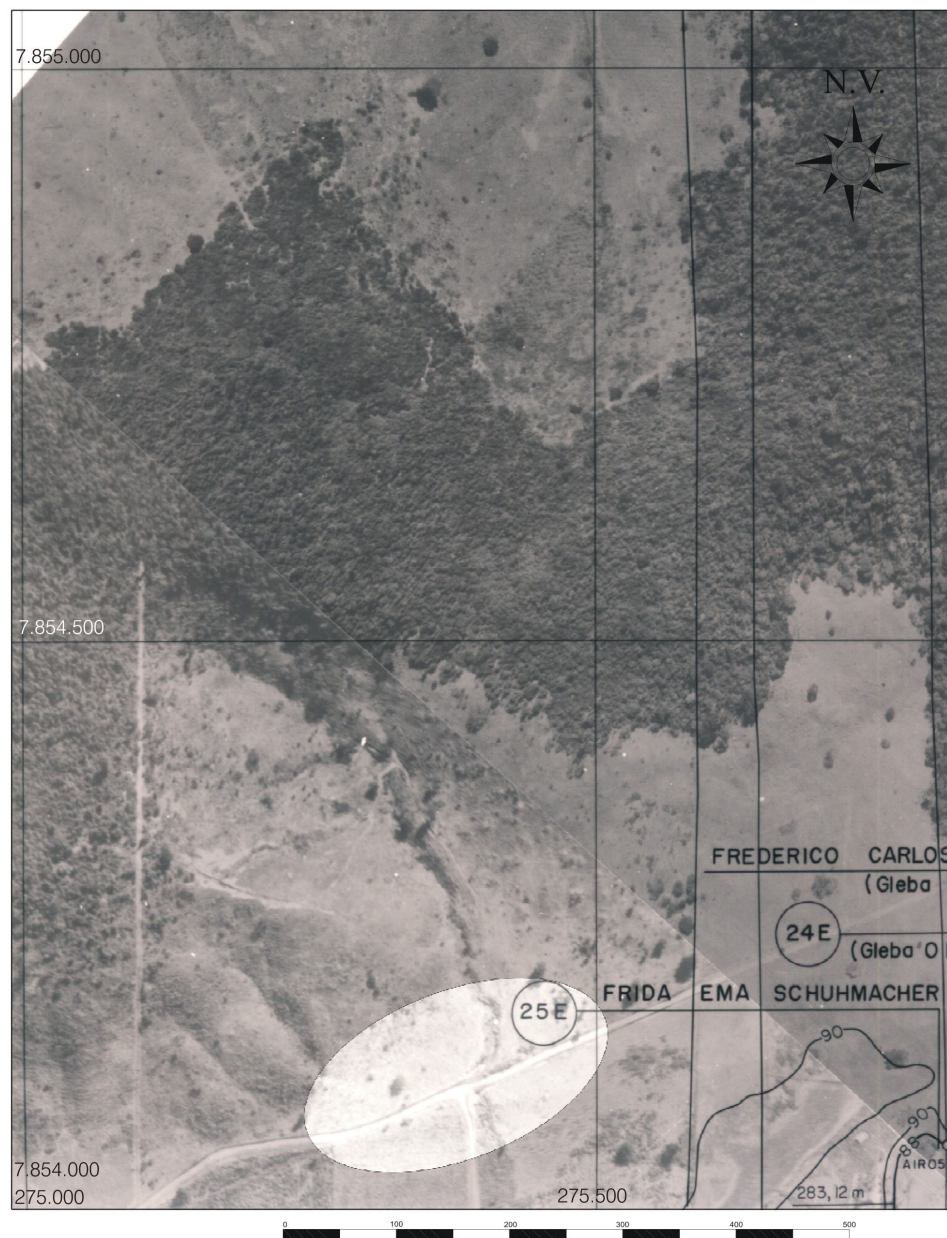


Figura 11 - Detalhe da área preservada do Sítio Arqueológico Monte das Oliveiras III
Fonte: Ortofotocarta CEMIG
Autor: H. Piló & E. Scharlé Jr. / 2003
RESGATE ARQUEOLÓGICO



Foto 27 – Vista geral das escavações arqueológicas



Foto 28 – Vista geral da limpeza do barranco



3.13. Sítio Arqueológico Vala Grande

Sítio lito-cerâmico localizado na Barra do córrego Vala Grande, à 50m do rio Doce, na direção Sul e a 20,0 m na direção NW da Rodovia BR 259, em uma pequena propriedade dos herdeiros do Sr. Iro Alves.

Ocupa toda a encosta e o topo de uma elevação suave, na cota altimétrica ± 125 m. No local, foi plantado milho. A rodovia citada acima e uma estrada de terra, cortavam, nas porções noroeste e nordeste, o entorno do sítio detectado. Erosões lineares abrem grandes valas nas encostas do sítio carreando em alguns locais, os

vestígios existentes na superfície do solo. Encontra-se no entorno da área de inundação, na área de depleção do lago.

Imagem 22 - Croqui topográfico com as intervenções arqueológicas Vala Grande Fonte: BAETA & ALONSO: 2005

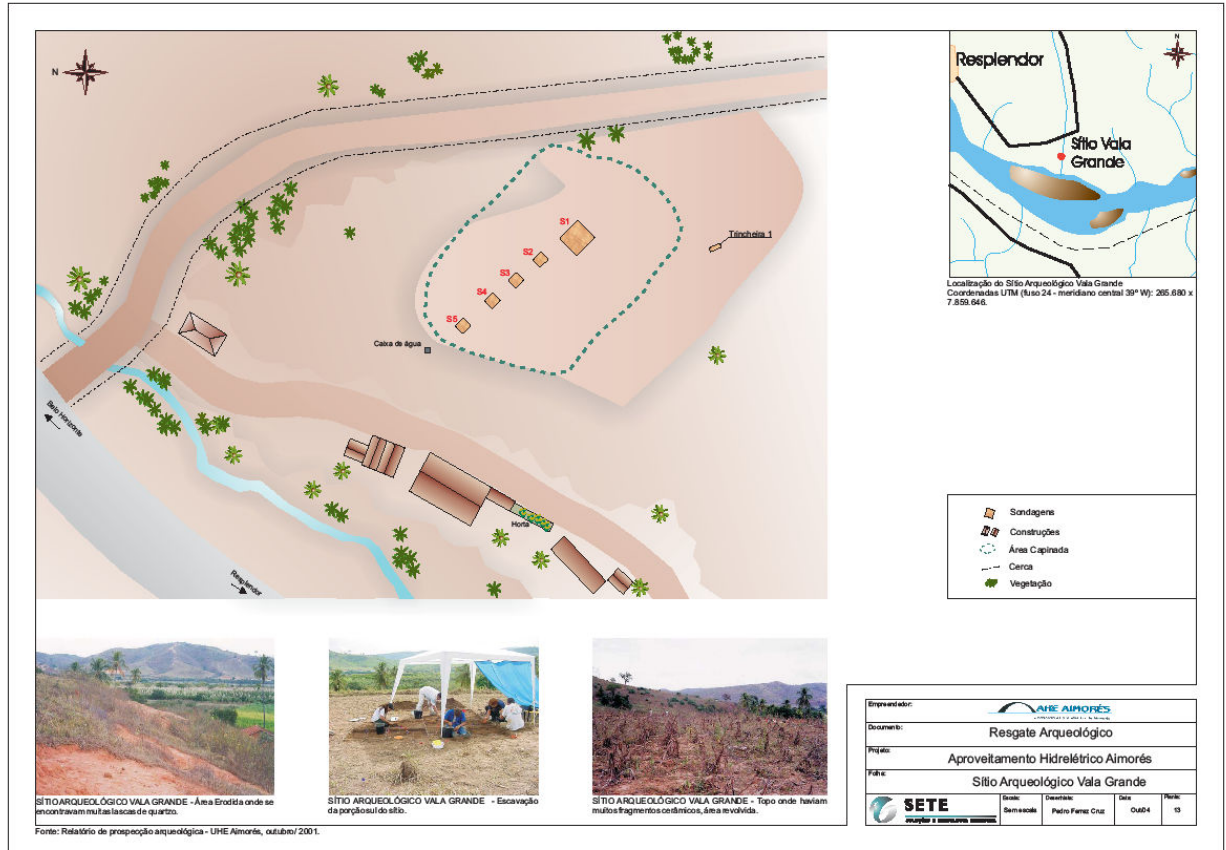


Imagem 22 - Vista da área de principal dispersão de material do sítio arqueológico Vala Grande - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005



Figura 14 - Destaque Sítio Arqueológico Vala Grande

Fonte: Ortofotocarta CEMIG

Autor: H. Piló & E. Scharlé Jr. / 2003

RESGATE ARQUEOLÓGICO



Foto 29 – Vista geral do sítio arqueológico Vala Grande



Foto 30 – Detalhe das escavações arqueológicas do Sítio



3.14. Sítio Arqueológico Cravadinho

Localizado na Fazenda Cravadinho, de propriedade de Normando Dietrich. Situa-se no alto de uma vertente, à 500m do rio Doce, na cota altimétrica de ± 180 m, de onde se tem uma boa visibilidade de suas duas margens.

Os vestígios arqueológicos encontravam-se dispersos, por uma superfície de aproximadamente 5000 m², estando mais visíveis na porção E do sítio, em área

erodida do topo ao sopé. Optou-se por realizar uma coleta de material nesta localidade em função da iminência do material ser carregado para as partes baixas. Foram encontrados alguns fragmentos cerâmicos simples nas valas das erosões, que foram certamente carregados a estes locais. Encontra-se fora da área da atual área de inundação da UHE aimorés.

Imagem 23 - Croqui topográfico com as intervenções arqueológicas do Sítio Cravadinho - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005

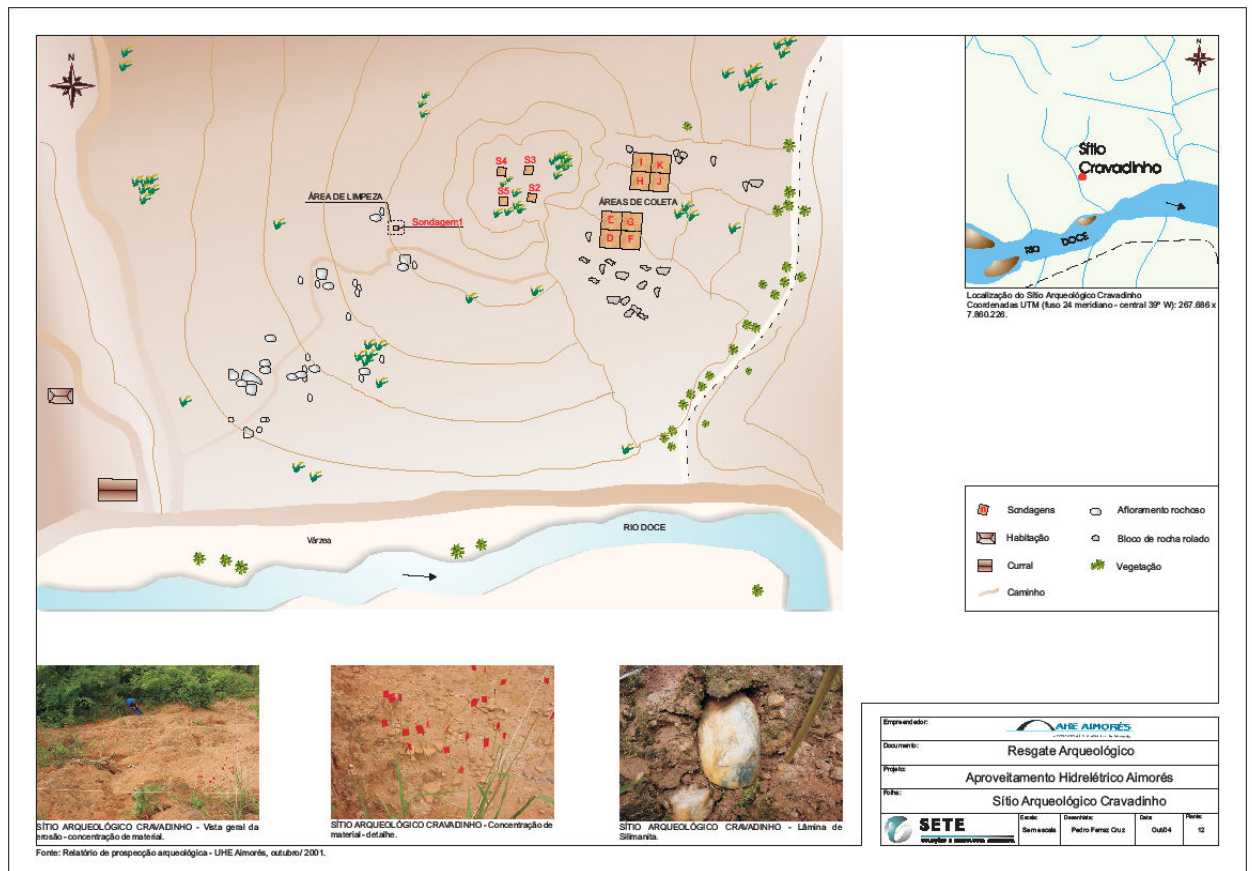


Imagem 24 - Vista da área de principal dispersão de material do sítio arqueológico Cravadinho - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005



Escala: 1:5.000

Figura 13 - Destaque Sítio Arqueológico Cravadinho

Fonte: Ortofotocarta CEMIG

Autor: H. Piló & E. Scharlé Jr. / 2003

RESGATE ARQUEOLÓGICO



Foto 31 – Vista geral do rio Doce a partir do sítio arqueológico Cravadinho



Foto 32 e Foto 33 – Dispersão do material cerâmico arqueológico do Sítio Cravadinho



3.15. Sítio Arqueológico Hermes Piepper

Sítio cerâmico que se localizava na antiga área urbana da sede do município de Itueta, à Rua São João Batista, 419, nos fundos do lote de propriedade do Sr. Hermes Piepper. Tratava-se de um terreno pouco inclinado, com $\pm 360\text{m}^2$ de área, distante ± 200 m do rio Doce. Havia na parte central do lote, um talude com 2 m de altura em função da construção da residência na parte da frente do mesmo.

Segundo o proprietário, ao revolver o solo para plantar uma muda de árvore em seu pomar, encontrou 2 pratos de barro pintados e alguns fragmentos de uma urna que encontrava-se enterrada na mesma cova, na parte de baixo. O local revolvido foi preservado após a descoberta. Foi possível recompor os fragmentos das peças através da consolidação dos fragmentos encontrados anteriormente aos demais, retirados com a sondagem complementar realizada pela equipe de arqueologia. Atualmente estas peças estão na exposição do Núcleo Museológico de Itueta.

A maioria dos lotes vizinhos também eram áreas construídas. Segundo os moradores vizinhos não foram encontrados, na época da construção de suas residências, inclusive da igreja, nenhum indício arqueológico semelhante. No entanto, esta ocorrência não se mostra circunscrita ao terreno, pois o lote vago, à esquerda do mesmo, também apresenta em sua superfície, na parte baixa, alguns fragmentos de forma esparsa. Este lote foi utilizado como passagem dos moradores sendo que a parte superior deste foi composto por pequenos aterros. Atualmente esta localidade se encontra submersa no lago da usina de Aimorés.

Imagem 25 - Croqui topográfico com as intervenções arqueológicas do Sítio Hermes Piepper - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005

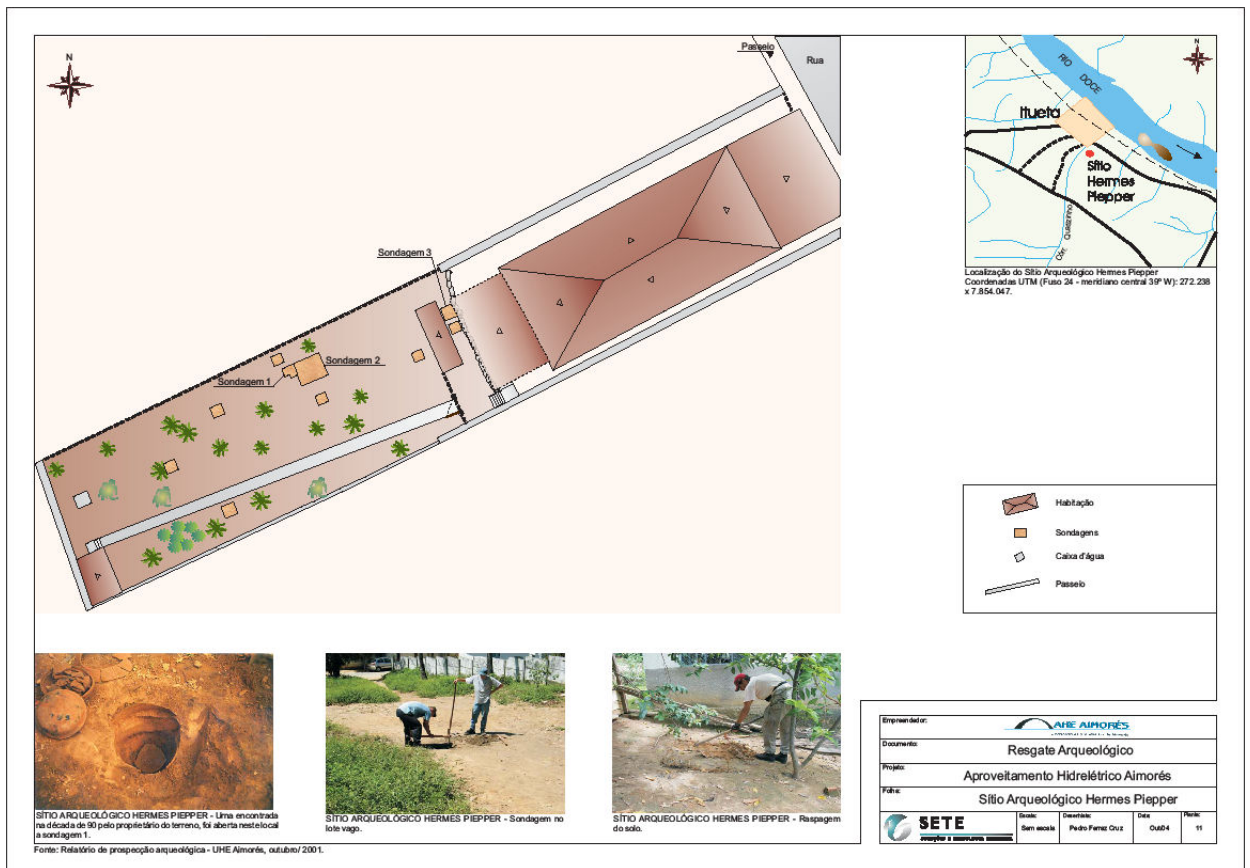


Imagem 26 - Vista da área de principal dispersão de material do sítio arqueológico Hermes Piepper - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005



Figura 12 - Destaque Sítio Arqueológico Hermes Piepper
Fonte: Ortofotocarta CEMIG
Autor: H. Piló & E. Scharlé Jr. / 2003
RESGATE ARQUEOLÓGICO



Foto 34 – Localização da urna funerária



Foto 35 – Vista geral de parte do sítio arqueológico



3.16. Sítio Arqueológico Quatis

Constitui-se em um dos sítios identificados na margem direita do rio Doce, que se encontra em local destinado à relocação da sede de Itueta. Situa-se em um terreno plano, entre o córrego Quatis e a estrada para Quatituba, na cota altimétrica ± 200 m.

Na época do Diagnóstico Arqueológico, este sítio foi considerado de extrema importância em função de apresentar um conjunto de, pelo menos, seis manchas, que se destacavam pela composição compactada do solo e pela vegetação quase que ausente em seu interior. O solo apresentava coloração cinza-claro.

As manchas configuravam uma concentração aparentemente circular, sendo que, cada uma delas media aproximadamente 30m de diâmetro. A identificação destas manchas, na época, só foi possível, em função da observação do contraste entre o capim "mulambo" e a vegetação arbustiva.

No interior dessas manchas, encontrava-se, em abundância, material lítico lascado, seixos com lâmina de machado. No local deste sítio arqueológico foi construída a nova cidade de Itueta pelos empreendedores responsáveis pela UHE Aimorés.

Foto 36 – Vista geral do sítio arqueológico Quatis



3.17. Sítio Arqueológico Florestal

Sítio lito-cerâmico localizado no topo plano de uma colina abrupta, a 300m de distância do córrego Resplendor, estando ± 50 m acima do nível do mesmo, na cota altimétrica 240m. A cobertura vegetal local, mostra-se em uma parte da área, arbustiva e de gramíneas e, em outra, mata fechada, composta por árvores de

pequeno e médio porte. Dentre estas últimas, destacam-se as mais altas: Xixá (Sterculiaceae), Angico (Leguminosae-Mimosoideae) e Aroeira (Anacardiaceae).

Quando da época do Diagnóstico Arqueológico, impressionou os pesquisadores a quantidade de fragmentos cerâmicos ainda em tamanhos medianos, muitos com variedade de decoração plástica, sobretudo em área de aproximadamente 15.000 m², situada na porção mais aplainada do centro norte do topo. Nesta área, foram observados torrões de barro queimado e possíveis fundos de habitação. Chamou a atenção também a possibilidade de parte deste sítio se encontrar preservado, em sua porção centro sul, devido a mata fechada, que segundo os moradores locais, não tinha sido ainda revolvida.

No entanto, percebeu-se que a zona parcialmente revolvida havia sido novamente arada, comprometendo muitíssimo a confirmação das primeiras impressões. Em que pese o comprometimento, foram encontrados inúmeras concentrações de fragmentos cerâmicos e líticos, de tamanhos variados. Em algumas localidades percebeu-se algumas concentrações especiais. Buscando interpretar a disposição espacial deste material, ainda que parcialmente deslocado do local original, realizou-se o quadriculamento da principal área de ocorrência visando a coleta emergencial do material arqueológico, que, poderia sofrer maiores danos com os próximos revolvimentos do terreno, até a fase de Resgate Final.

Desta forma, procedeu-se além do que planejado, a priori, para este sítio, em função da iminência de perda e/ou destruição pelo revolvimento do terreno, adiantando assim, parte dos trabalhos de salvamento final. Desta maneira, boa parte do material foi organizado e analisado, de forma detalhada, somente na fase de Resgate.

Quando do Diagnóstico Arqueológico, ao ser incluído este sítio na lista dos que deveriam compor o programa de prospecção/salvamento, um dos motivos foi o fato deste encontrar-se em compartimento topográfico diferenciado, mais distante do rio Doce e em topo mais íngreme.

Constatou-se de fato que, esta escolha foi bastante apropriada. Ao vistoriar com mais apuro a área do sítio, na mata fechada, após a retirada de folhas secas, confirmou-se tratar-se de uma zona bem mais preservada e de maiores dimensões, diferenciada dos demais sítios pesquisados, menos conservados. Desta maneira, a zona que se encontra na mata, tornou-se uma peça fundamental neste trabalho, para efeito de analogias.

Observou-se em superfície, agrupamentos de blocos granitóides, levados para lá, possivelmente, sugerindo tratar-se de estruturas organizadas. Também foi identificado um conjunto muito interessante, composto por um batedor, uma grande lasca e fragmentos de um utensílio cerâmico carenado. Vários focos de concentração de cerâmica e de material lítico e lascado também foram constatados neste e em vários locais componentes deste sítio. Em um topo vizinho, denominado Sítio Florestal II, encontrou-se, em menores proporções, situação e estruturas similares, o que indica um padrão de ocupação peculiar dos topos e encostas daquela região pelos grupos Tupiguarani. Bom lembrar que este sítio encontra-se na área de influência indireta do empreendimento UHE Aimorés, encontrando-se em condições de ser objeto de futuras pesquisas complementares.

Imagem 27 - Croqui topográfico com as intervenções arqueológicas do Sítio Florestal - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005

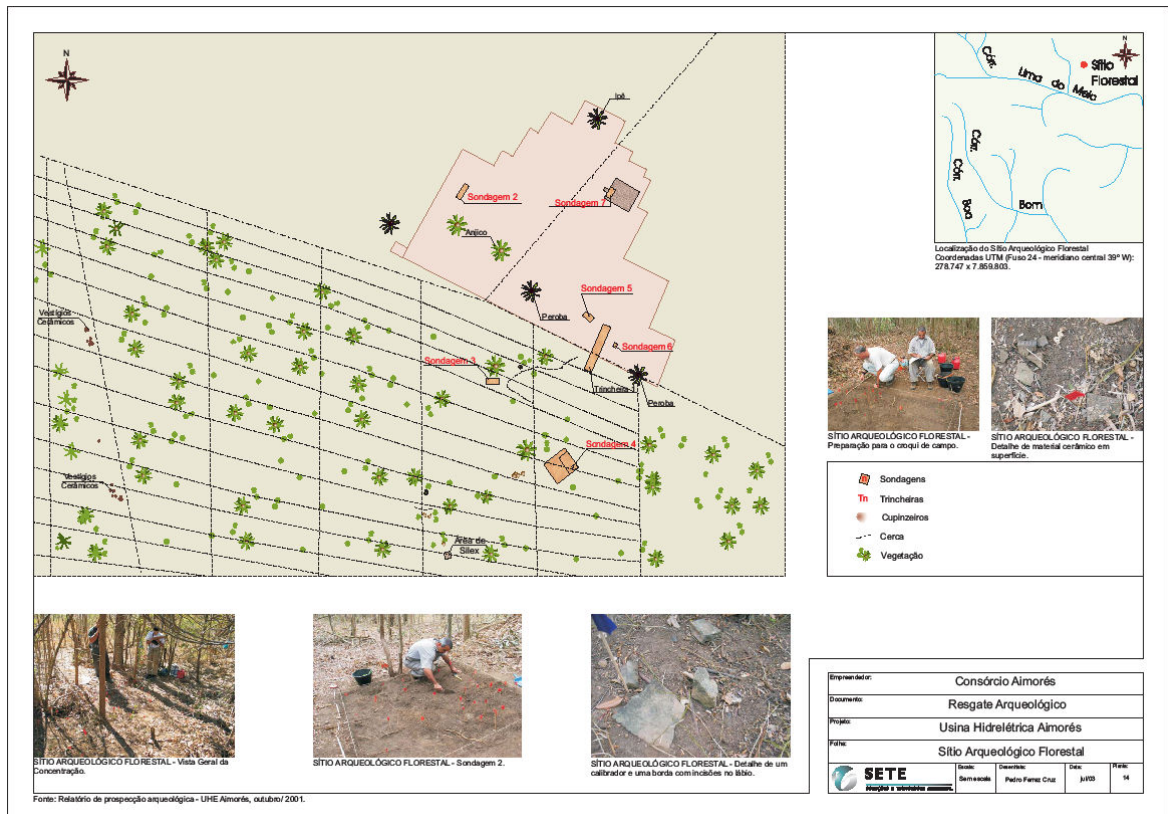


Imagem 28 - Croqui topográfico geral com as dispersões de material arqueológico do Sítio Florestal - Fonte: BAETA & ALONSO: 2005

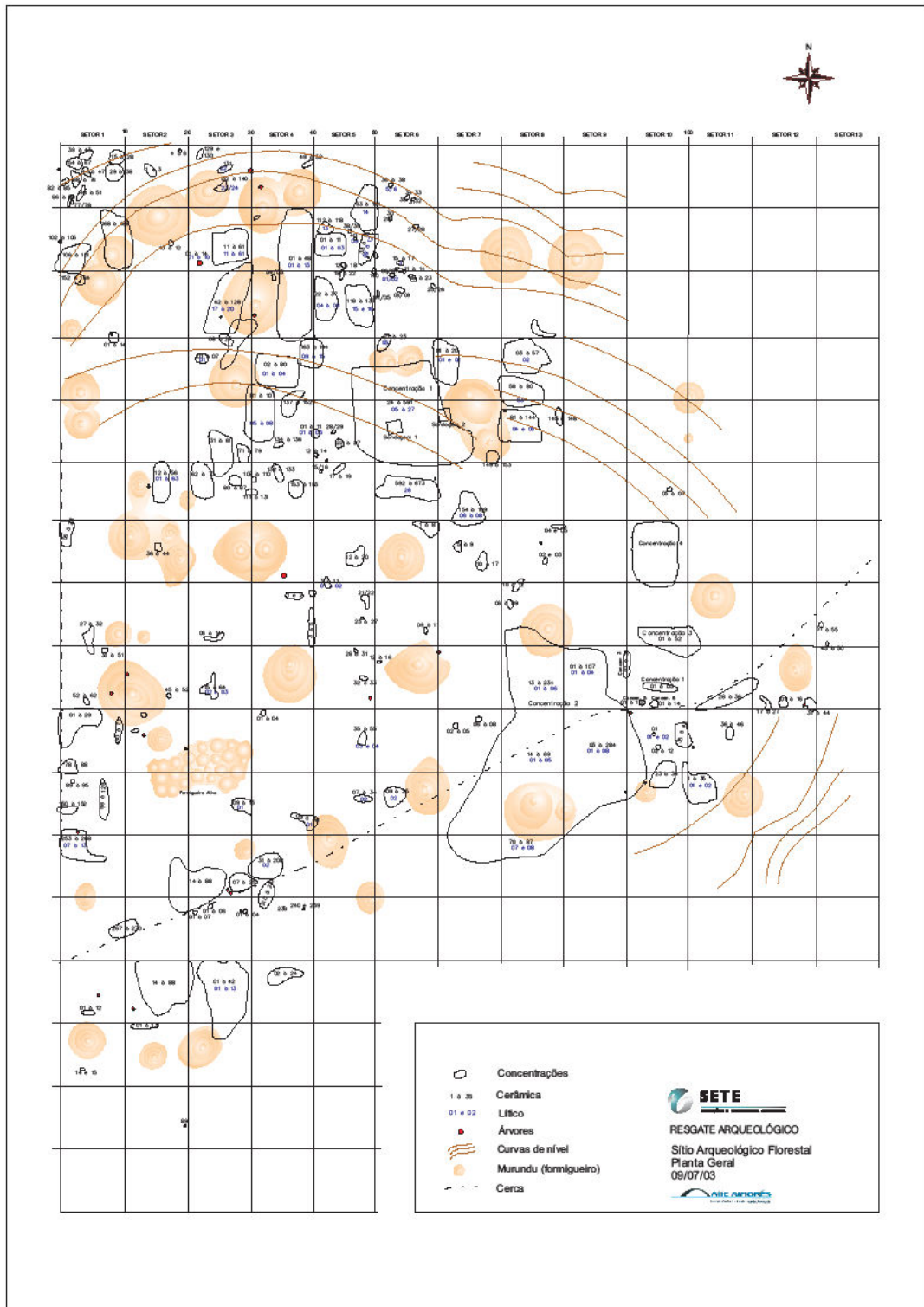


Foto 37 – Vista a partir do sítio arqueológico Florestal



Foto 38 – Detalhe das escavações arqueológicas



Foto 39 e 40 – Detalhe de material cerâmico arqueológico em superfície



Foto 41 – Detalhe de sondagem arqueológica com dispersão do material



4. CAPÍTULO III - A CULTURA MATERIAL CERÂMICA – TIPOLOGIAS, ANALOGIAS E ANÁLISES

“A verdadeira função que os índios esperam de tudo que fazem é a beleza. Incidentalmente, suas belas flechas e sua preciosa cerâmica tem valor de utilidade. Mas sua função real, vale dizer, sua forma de contribuir para a harmonia da vida coletiva e expressão de sua cultura, ‘criar’ beleza”.

Berta Ribeiro

As decorações em relevo e pintadas são, a princípio, características básicas da cerâmica Tupiguarani. No entanto, é necessário considerar que fragmentos sem decoração podem ser numerosos nos sítios desta Tradição. Inclusive, sabe-se que uma peça inteira Tupiguarani não apresenta necessariamente toda a sua superfície decorada. Nota-se que uma parte do fragmento possui decoração plástica unglada, enquanto a outra parte não possui decoração. Sabe-se, com efeito, que há vários utensílios componentes desta tradição que não apresentam nenhum tipo de elemento decorativo, enquanto em alguns casos, parte dos mesmos não possui nenhum tipo de decoração plástica ou pintada. Caso se ache, num determinado sítio, somente alguns fragmentos simples, os mesmos poderiam ser precipitadamente associados a outra tradição cerâmica. Por isto, faz-se imprescindível obter em um sítio arqueológico, quando possuidor deste tipo de elemento cultural uma amostragem significativa de vestígios.

Foto 42 – Fragmento cerâmico com apenas parte decorada



Em função das características do conjunto cerâmico, foram realizadas análises de cunho qualitativo e descritivo. No entanto, partiu-se também para a contabilização de todos os fragmentos componentes, buscando uma amostragem significativa de cada sítio pesquisado, sendo a amostragem proporcional ao estado de conservação do corpo cerâmico ali existente. Por isto, na contabilização final dos fragmentos cerâmicos de cada sítio podem ser observadas discrepâncias quantitativas aparentes.

A coleção cerâmica total apresenta 17.401 fragmentos (provenientes de 19 sítios), sendo que na fase de prospecção foram analisadas pelo autor desta dissertação, 3.415 unidades e na fase de resgate 11.824 fragmentos. Estes apresentam tamanhos diversos, em sua maioria variando de 2,0 cm a 10,0 cm de comprimento, o que demonstra o péssimo grau de conservação dos utensílios, e, conseqüentemente, dos sítios arqueológicos. Grande parte dos fragmentos (76 % na fase de prospecção e 77% na fase de resgate), não possui nenhum tipo de decoração; por sua vez, 13,5% dos fragmentos coletados durante a fase de prospecção e 12% recuperados na fase de resgate apresentaram decoração pintada (monocrômica, bicrômica e tricrômica). O restante, (10,5% encontrados na fase de prospecção e 11% na fase de resgate), apresentou uma grande variedade de decoração plástica, que possibilitou sua organização em 13 tipos gerais com sub-variantes. Nota-se que há pouca variação na frequência de cada tipo de decoração entre o material coletado em ambas as fases de trabalho de campo, apesar do considerável aumento de material.

Quadro 05: Totalização do material cerâmico

Sítio Arqueológico	Total
Barro Branco	1289
João Reis	743
Wilson Tiago	363
Resplendor I	2
Resplendor II	1450
Bela Vista	91
Flores ou Monte das Oliveiras I	283
Monte das Oliveiras II	1692
Reginaldo ou Monte Oliv. III	301
Cravadinho	2282
Vala Grande	291
Hermes Piepper	12
Vala Seca	453
Florestal I	8.110
Santa Angélica	26
Natividade	1
Clube AABB	2
Canoinha	5
Santa Fé	5
Total geral	17.401

Mais adiante se encontra quadro com a distribuição dos tipos de fragmentos simples e com decoração plástica, em cada sítio arqueológico.

4.1. Análise dos atributos do conjunto de fragmentos cerâmicos

4.1.1. Coleta da matéria prima

Na área focalizada nesta pesquisa, foram identificadas duas fontes de matéria-prima que possuíam uma argila de melhor qualidade; uma nas proximidades do sítio arqueológico Barro Branco, e a outra, nas adjacências do complexo Monte das Oliveiras. No primeiro caso, o nome do local já indica o reconhecimento tradicional desta qualidade por parte dos oleiros. Em uma região tão impactada como esta, torna-se difícil localizar todos os ambientes que poderiam ter fornecido as argilas para os ceramistas.

As duas amostras coletadas nestas jazidas são argilas brancas ricas em caulim, mais conhecidas como tabatinga. Estas se apresentavam muito puras com pouca areia e/ou outros minerais componentes. Aliás, quando oferecemos argila de várias jazidas do Rio Doce às oleiras Guarani, atualmente habitantes da região de Aracruz no Espírito Santo, elas escolheram preferencialmente para fabricação de suas peças, uma das amostras provenientes de Barro Branco.

4.1.2. Preparação da massa - Os Antiplásticos

A análise dos fragmentos e utensílios cerâmicos evidenciou uma grande variedade na composição de seus antiplásticos (aditivos acrescentados à argila buscando a plasticidade ideal para a manufatura da peça). Os antiplásticos identificados são de origem mineral e vegetal. Na primeira categoria, foram identificados quartzo leitoso e hialino de dimensões que variam basicamente entre 1mm e 3mm, tendo também, em alguns casos, especialmente no sítio Cravadinho e Florestal I, presença de quartzo de até 1cm e “escória de turmalina”. Também foram identificados em todos os sítios óxido de ferro, feldspato, nódulos de argila branca e mica. Foi identificada cerâmica moída como componente da pasta. Na categoria vegetal, foram visualizados carvões e possivelmente negativos de fibras vegetais que a queima destruiu, mas que podem ter fornecido elementos silicosos.

Observou-se nas análises laboratoriais uma relevante variedade na combinação destes antiplásticos, que apresentavam-se de uma maneira mais ou menos freqüente em determinadas peças. Outro elemento averiguado foi a morfologia dos grãos de quartzo, feldspato e escória de turmalina que, em grande parte das vezes, se apresentavam moídos, indicando uma inserção intencional destes elementos. Mas também são encontrados grãos com aspectos rolado, que tanto podem ter sido acrescentados à pasta quanto serem componentes originais da argila. No caso da mica, notou-se que em algumas situações, este mineral era um componente natural da argila, enquanto em outros, serviu como aditivo ora em forma de pó, ora em pedaços folheados, como, neste último caso, sobretudo, no sítio Cravadinho. Nos casos em que se identificou a mica como aditivo, isso deu em virtude de estar localizada apenas em camada superficial, não tendo sido

encontrada no interior da pasta, ou ser na superfície, muito mais abundante que no interior.

Suspeita-se que em determinadas peças pintadas, ao engobo branco, tenha sido acrescida mica em pó, criando o “efeito de purpurina”, como pôde ser observado em alguns fragmentos do sítio Monte das Oliveiras II e Florestal I este efeito purpurina também foi observado nos fragmentos do sítio Cravadinho em virtude do tamanho das folhas de mica acrescidos à argila como pode ser observado em item específico deste estudo.

Os fragmentos nos quais foi identificada escória de turmalina na composição dos antiplásticos são oriundos do sítio Cravadinho local de grande concentração natural deste mineral, como também de mica, feldspato e quartzo hialino. Foi identificada escória de turmalina também, mesmo que em menor quantidade, no sítio Florestal I, fato justificado pela distância não tão grande entre este sítio e a concentração deste mineral acima citada. É notória a diferença entre os componentes aditivos do sítio Cravadinho em relação aos demais, pois este apresenta uma grande quantidade de escória de turmalina e mica folheada. O primeiro tipo de aditivo, a escória de turmalina, inclusive, pode ser considerada rara, sendo seu uso no período pré-colonial, pouco conhecido como antiplástico. Em menor proporção, suspeita-se da presença deste mineral no antiplástico presente também na cerâmica do sítio Vala Grande, muito próximo ao sítio Cravadinho.

Foto 43 – Detalhe de antiplástico



Constatou-se que os antiplásticos minerais, rolados ou moídos, apresentam inúmeras dimensões: finos, médios e grandes. Considerou-se neste trabalho, grãos finos, os que estão abaixo de 1mm, e os medianos, os de 1,1 mm a 3,9 mm. Acima de 4mm, os grandes, sendo que o maior grão possuía 0,7 cm. No caso das palhetas de mica folheada, o maior pedaço apresentou quase 1,0 cm. Apresentaremos abaixo a descrição dos principais conjuntos de antiplásticos identificados.

Quadro 06: Descrição dos Principais Conjuntos de Antiplásticos

Principais Antiplásticos	
Tipo 1	Grãos médios e grandes de quartzo hialino e leitoso (em alguns casos indicação de terem sido triturados) Fragmentos medianos de hematita Grãos finos de areia Mica (possivelmente componente natural da argila-pouco aparente) * Observado em fragmentos pintados e não decorados
Tipo 2	Grãos pequenos e médios de quartzo hialino (em alguns casos indicação de terem sido triturados) Fragmentos medianos de hematita Grãos finos de areia Mica (possivelmente componente natural da argila-pouco aparente) * Observado em fragmentos pintados, plásticos e simples
Tipo 3	Grãos médios e grandes de quartzo hialino e leitoso (em alguns casos, moídos) Pequenos pontos pretos, possivelmente carvão (?) Sem registro de mica * Observado em fragmentos pintados, plásticos e simples
Tipo 4	Grãos médios e pequenos de quartzo hialino e leitoso (em alguns casos, moídos) Pequenos pontos pretos - hematita ou carvão (?) * Observado em fragmentos com decoração plástica e simples
Tipo 5	Grãos médios e grandes de quartzo hialino e leitoso Grãos finos de areia Grãos finos esbranquiçados- feldspato ou quartzo leitoso (?) Fragmentos medianos e finos de hematita * Em algumas situações há mica finíssima, podendo ser, em alguns casos, componentes da argila. Observado exclusivamente em fragmentos simples ou com decoração plástica.
Tipo 6	Grãos médios de quartzo hialino e leitoso Fragmentos pequenos, médios e grandes de cerâmica moída Fragmentos finos e médios de Hematita *Observado em fragmentos com decoração plástica e simples. Em alguns casos, presença de mica fina pouco aparente.
Tipo 7	Grãos finos de Quartzo Grãos finos de areia Presença de mica em grãos finos, possivelmente naturais da argila. Observados em fragmentos com textura muito compactada em relação aos demais tipos citados acima, também em fragmentos reciclados de fusos ou pesos de rede.
Tipo 8	Grãos finos, médios e grandes de quartzo predominantemente hialino Grãos finos, médios e grandes (folheados) de mica. Grãos finos, médios e grandes de escória de turmalina, predominando o tamanho mediano. Grãos finos de feldspato *Os grãos finos da mica possivelmente já faziam parte da argila.
Tipo 9	Grãos pequenos de quartzo hialino Grãos pequenos de hematita Nódulos medianos de argila branca
Tipo 10	Grãos médios e grandes de quartzo predominantemente leitoso Grãos pequenos pretos - carvão ou hematita (?) Grãos finos de mineral dourado -mica ou pirita (?)

4.1.3. Elaboração das vasilhas

A partir das análises detalhadas dos fragmentos, chegou-se à conclusão que a principal técnica de manufatura usada na confecção dos vasilhames foi a acordelada. Pode-se identificar em vários fragmentos nos pontos de quebra, o perfil dos roletes componentes. Em menor número, foram identificadas também peças confeccionadas através da técnica de modelagem, em especial nas de menores dimensões, com menor espessura. Contudo, é bem possível que tenha ocorrido em alguns casos, o uso conjugado destas técnicas (normalmente, os roletes são montados sobre uma base modelada).

Quadro 07: Distribuição por grandes categorias de decoração por Sítio Arqueológico – Fase de Prospecção

Sítio Arqueológico	Simple	Plástica	Pintada	TOTAL
Barro Branco	9 30%	15 50%	6 20%	30 0,87%
João reis	83 87,35%	65 10,05%	17 2,6%	648 18,91%
Wilson Tiago	99 76,2%	-	31 23,8%	130 3,80%
Resplendor I	2 100%	-	-	2 0,08%
Resplendor II	501 68%	82 11%	154 21%	737 21,5%
Bela Vista	55 71,5%	12 15,6%	10 12,9%	77 2,25%
Flores ou Monte das Oliveiras I	51 78,5%	6 9%	8 12,5%	65 1,90%
Monte das Oliveiras II	1166 76,5%	144 9,5%	209 14%	1519 44,3%
Reginaldo ou Monte das Oliveiras III	1 12,5%	5 62,5%	2 25%	8 0,23%
Cravadinho	64 100%	-	-	64 1,9%
Vala Grande	87 61%	32 22%	24 17%	143 4,1%
Hermes Piepper	-	-	3 100%	3 0,2%
Total	2601 76%	361 10,5%	464 13,5%	3426

LEGENDA:

* Alisados, não alisados e polidos.

**Ungulado, digitado, digitungulado, negativo, acanalado, estriado, escovado e corrugado

Quadro 08: Distribuição por Grandes Categorias de Decoração por Sítio Arqueológico – Fase de Resgate

Sítio Arqueológico	Simple	Plástica	Pintada	TOTAL
Clube AABB	-	2 100%	-	2 0,02%
Natividade	1 100%	-	-	1 0,01%
Santa Fé	5 100%			5 0,04%
Santa Angélica	13 50%	2 8%	11 42%	26 0,22%
Florestal I	4277 72%	670 11%	1012 17%	5.959 50%
Canoinha	4 80%	1 20%		5 0,04%
Barro Branco	929 74%	212 17%	118 9%	1.259 11%
Vala Seca	165 36%	229 51%	59 13%	453 4%
João reis	88 93%	5 5%	2 2%	95 1%
Wilson Tiago	202 87%	8 3%	23 10%	233 2%
Resplendor II	501 70%	82 12%	130 18%	713 6%
Bela Vista	10 71%	4 29%	-	14 0,1%
Flores ou Monte das Oliveiras I	183 84%	16 7%	19 9%	218 2%
Monte das Oliveiras II	146 84%	10 6%	17 10%	173 1,5%
Reginaldo ou Monte das Oliveiras III	255 87%	18 6%	20 7%	293 2%
Cravadinho	2218 100%	-	-	2218 19%
Vala Grande	120 81%	11 7%	17 12%	148 1%
Hermes Piepper	6 67%	3*** 33%	1*** 11%	9 0,07%
Total	9.123 77%	1.273 11%	1.429 12%	11.824

LEGENDA:

* Alisados, não alisados e polidos.

** Ungulado, digitado, digitungulado, negativo, acanalado, estriado, escovado e corrugado

*** Decoração mista

4.1.4. Tratamento de Superfície

A maioria dos fragmentos, como já visto anteriormente, não apresentaram decoração plástica. Mesmo assim, houve a preocupação em se identificar diferentes modos de tratamento da superfície nestes fragmentos. No caso dos classificados como simples ou não decorados, foram observadas as seguintes variações, se comparadas suas faces, interna e externa:

- ✓faces interna e externa com alisamento regular;
- ✓faces interna e externa com alisamento irregular;
- ✓faces interna e externa com banho (não foi encontrado no presente estudo fragmentos com banho em apenas uma das faces)
- ✓face interna com alisamento regular e face externa com alisamento irregular;
- ✓face interna alisada e face externa sem alisamento;
- ✓face interna e face externa irregulares em função dos antiplásticos muito aparentes (grãos finos, médios e grossos) podendo se tratar de peças erodidas.

No primeiro caso, as duas faces apresentam-se bem regular. Possivelmente para conseguir uma superfície tão regular foi necessário a utilização de um alisador manual. Os alisadores utilizados podem ter sido pequenos seixos rolados, como também instrumentos de origem vegetal. De uma maneira geral, os antiplásticos deste tipo de fragmento são grãos medianos e finos, sobretudo.

Foto 44 – Exemplo de alisamento regular



A segunda situação observada apresenta as duas faces com alisamento irregular. Nestes casos, é bem provável que o instrumento utilizado como alisador possua em sua superfície algumas rugosidades, como por exemplo, sabugo de milho. Em algumas superfícies foi possível visualizar os negativos deixados pelas pequenas arestas do mesmo. Neste tipo de fragmento é comum encontrar antiplásticos com grãos de tamanhos variados. Em alguns casos, o maior tamanho do antiplástico produziu pequenas estrias advindas da remoção destes durante o processo de alisamento, quando da pasta ainda mole.

Foto 45 – Exemplo de alisamento irregular



A terceira categoria observada são os casos de fragmentos com superfície irregular que receberam um banho, visando possivelmente o nivelamento da superfície. Entende-se por banho, um "tipo de tratamento que consiste na aplicação, antes da queima, de uma camada superficial de pigmentos minerais, mais delgada que o engobo na superfície do vasilhame". (CEPA, 1976) Neste tipo de exemplo, observou-se como antiplástico dos fragmentos grãos medianos e grossos, de um modo geral.

Foto 46 – Exemplo de fragmento com banho de argila ou barbotina



A quarta situação, apresenta a face interna com alisamento regular e a face externa com alisamento irregular. De maneira geral, o antiplástico apresenta-se mais grosseiro. Imagina-se que este tipo de utensílio seja utilizado para cocção. Com efeito, o alisamento interno garante que não seja expelida alguma impureza durante o preparo do alimento. Os grãos mais grossos na parte externa, por sua vez, torna o utensílio mais refratário ao contato térmico. De fato, a sílica irradia mais o calor, aumentando a rentabilidade calorífica.

Foto 47- Exemplo de antiplástico mais grosseiro



A quinta situação, muito similar à anterior, apenas apresenta a face interna sem alisamento aparente. Possivelmente, o uso poderia ser o mesmo. Há suspeitas de marcas de fuligens oriundas do uso, em alguns cacos, mas percebe-se que, em muitos deles a marca de fuligem teria sido posterior à quebra, fato considerado normal tendo em vista que a região é alvo de constantes queimadas visando o plantio.

Foto 48 -Detalhe de face interna sem alisamento aparente.



A última situação apresentada foi notada principalmente no sítio Cravadinho, tendo também sido observadas, em pequena escala, no sítio Florestal I. As peças do Sítio Cravadinho apresentam exatamente o tipo n. 8. No entanto, há indícios, em algumas amostras, que as mesmas sofreram um processo de erosão. A rugosidade excessiva e brilho de seus aditivos, desta forma, seriam fruto desta ação posterior. No entanto, observa-se em outras amostras, impregnação por sedimento róseo, componente da área erodida na superfície dos fragmentos, mascarando o seu tratamento original. Em alguns casos, pode-se notar que, em virtude de sua localização no sítio, as peças estariam de certo modo a salvo da ação erosiva, fato que nos levou a acreditar na intencionalidade da produção, podendo ser este um instrumento estético no intuito de causar um brilho e rugosidade intencional.

Foto 49 – Detalhe da mica em excesso.



4.1.5. Queima

O miolo da pasta da coleção em geral apresenta, em sua maioria, uma coloração escura, acinzentada, em virtude da redução sofrida durante a queima. Algumas peças também apresentam coloração mais amarronzada no miolo, possivelmente, ocasionada em função das diferentes argilas misturadas ou de oxidação mais pronunciada durante a queima. No caso dos fragmentos compactos folheados, foi observada uma coloração avermelhada, lembrando a cor de tijolo. Observou-se também que uma relevante parte dos fragmentos apresenta, em sua superfície, uma coloração clara, acinzentada, também resultante do processo de queima.

Foto 50 – Estigma do processo de redução sofrido durante a queima



O nível de oxidação/ redução foi observado apenas em alguns fragmentos cerâmicos, uma vez que, em fragmentos de quebra menos recente, é impossível a identificação deste processo, a menos que sejam tiradas em laboratório pequenos pedaços dos fragmentos.

Em alguns casos mais atípicos, por apresentar algum fator inédito, quer seja do ponto de vista decorativo, quer seja do ponto de vista dos antiplásticos, optou-se por executar uma pequena raspagem no perfil do fragmento, objetivando-se uma melhor leitura de seu processo de queima.

A maior parte dos fragmentos observados apresentam uma faixa reduzida que ocupa entre 80% e 95% da espessura. Também foram identificadas peças que apresentavam oxidação em torno de 85% a 90%, porém em menor número. Apenas no sítio arqueológico João Reis, foram encontrados coeficientes de oxidação de 100%, e apenas nas peças compactas folheadas, o que reforça a interpretação segundo a qual seriam fragmentos de cerâmica histórica.

4.1.6. Textura e coloração

Com base em análises laboratoriais, pôde-se perceber variedades no que tange à dureza e compactação dos fragmentos cerâmicos. A textura dos fragmentos apresentou-se, em sua maioria, porosa, com uma distribuição regular de antiplásticos em seu interior. Notou-se a presença de bolhas, oriundas, em alguns casos, do desprendimento de material e em outros, da própria entrada de ar no interior dos roletes ou em suas junções.

Não se pode deixar de registrar o aparecimento de fragmentos compactos folheados, caso do Sítio Arqueológico João Reis, em que algumas peças distinguem-se, em muito, da maioria do padrão deste sítio bem como dos demais estudados. Estas peças foram analisadas ainda na fase de prospecção arqueológica, sendo provenientes de coletas de superfície. Nas escavações realizadas no mesmo sítio, não foram mais encontradas peças com características semelhantes. Estes fragmentos podem, portanto, ser do período histórico, tendo em vista que se encontravam na superfície. No sítio Florestal I também foi encontrado um fragmento com características semelhantes, tendo sido constatado ser parte de um pote histórico decorado.

Foto 51 – Detalhe de material histórico encontrado em contexto pré-histórico



4.1.7. Decoração plástica

No que se refere aos fragmentos com decoração plástica observou-se uma diversidade de técnica de decoração. No quadro abaixo, os cacos foram classificados dentro de onze tipos principais de elaboração: estriados, ponteados, marcado/cestaria, digitado, digitungulado, acanalado, chapiscados, "com superfície rugosa", os escovados, ungulados e pseudo ungulados. Denominamos neste estudo de "pseudo unguladas" as peças que reproduzem o aspecto de unhas a partir de pontuações com varetas em meia cana, ficando o termo ponteados utilizado apenas para os fragmentos com incisões em forma de pontos. No caso dos fragmentos com decoração chapiscada e "superfície rugosa" optou-se por colocá-las na categoria decorada e não como simples tratamento de superfície, em virtude do resultado visual conseguido por meio destas técnicas.

Alguns fragmentos apresentaram técnicas mistas, ou seja, a mistura de duas técnicas de decoração em uma mesma peça. Deste universo misto, a peça que mais chamou a atenção pela peculiaridade, vem do Sítio Arqueológico Vala Seca e apresenta uma mistura aparentemente não prevista inicialmente entre os motivos corrugado e ungulado. As unguilações presentes neste fragmento são de unhas bastante pequenas, sendo possivelmente feita por alguma criança enquanto a peça estava para secar e após os corrugados terem sido elaborados.

Foto 52 – Detalhe de unguilações não intencionais



Quadro 9: Quadro Tipológico dos Fragmentos com Decoração Plástica

Tipos Gerais	Variações
1- Escovados	a- Com estrias paralelas entre si b- Faixas de estrias, oblíquas entre si
2-Unguladas e pseudo unguladas	a- Ungulações contínuas paralelas (unhas no mesmo sentido-vertical) b- Descontínuas, alinhadas paralelas (unhas no mesmo sentido-vertical) c- Contínuas, paralelas simetricamente invertidas (sentido vertical) d- Paralelas em uma fila esparsada (?) e- Enfileiradas diagonais contínuas (sentido vertical) f- Enfileiradas diagonais verticais g- Enfileiradas diagonais horizontais h- Ungulada descontínua enfileirada amassada i- Ungulado beliscado j- Ungulado "calçado"/pinçado k- Ungulado curvilíneos
3-Estriados	a- Raso em uma mesma direção b- Raso em diferentes direções c- Profundo em uma mesma direção d- Entalhado na borda
4- Ponteadas (com exclusão dos pseudo ungulados)	a- Pontos esparsos b- Pontos na forma semi-circular ou arredondada
5- Marcado/cestaria	Sem variantes
6- Digitado	Sem variantes
7- Digitungulado	Sem variantes
8- Acanalado	a- Raso b- Profundo
10- Corrugado	Corrugado simples "estrito" Corrugado simples largos
11- Chapiscados	Sem variantes
12- Superfície externa rugosa	Sem variantes
13- Técnicas Mistas	Corrugada (face ext.) e estriado/ungulado na borda Acanalado (face ext.) e estriado/ ungulado na borda Digitado (face ext.) e estriado na borda Corrugado imbricado (face ext.) e estriado na borda Marcado de Cestaria face externa e bicrômico face interna Corrugado e ungulado na mesma face (involuntário?) Ungulado e escovado

O primeiro tipo - escovado¹, foi observado nos fragmentos, apresentando estrias paralelas entre si, como também em faixas escovadas oblíquas. Exemplos

¹ Tipo de decoração que consiste em passar, na superfície do vasilhame, um instrumento com pontas múltiplas, ou outros objetos que deixam sulcos bem visíveis, guardando entre si certo paralelismo e proximidade. (CEPA, 1976)

da primeira variação foram coletados nos sítios arqueológicos Bela Vista, Monte das Oliveiras II e Vala Grande. A segunda variável foi encontrada nos sítios Monte das Oliveiras II e Florestal I principalmente.

Foto 53 e 54 – Exemplos de decoração escovada



O segundo tipo - unglado, apresenta marcas de unhas sobre a pasta, ainda úmida. Para este estudo foram consideradas ungladas as incisões realizadas com qualquer elemento e que gerasse como produto final uma marca que se assemelhasse a uma incisão em formato virgulado ou de unha. Nesta análise foi considerado mais importante a possível intencionalidade de se assemelhar a incisão a uma marca de unha do que a incisão feita com a unha em si, visto que é praticamente impossível se perceber, sem saber o tamanho da unha de seu executor a marca deixada por sua unha.

Este tipo de decoração foi, juntamente com os corrugados, o mais freqüente nos sítios pesquisados. A grande quantidade de amostras possibilitaram a observação de algumas variáveis como: morfologia da incisão, profundidade e aplicação das pressões, orientação dos conjuntos e disposição espacial de cada unidade.

Do ponto de vista morfológico, foram identificadas duas formas de incisões: as menos curvas e as mais curvas. Com relação à profundidade, há impressões

rasas, superficiais, amassadas voluntariamente e semi-borradas. No caso das amassadas, tipo h, após a impressão, passa-se o dedo sobre a pasta, ainda úmida.

Fotos 55, 56 57 e 58 – Detalhes das ungulações



Sobre a disposição dos conjuntos, as faixas de ungulações apresentavam-se alinhadas e não alinhadas, em sentido oblíquo, horizontal e vertical. Observando as sucessivas marcas de unhas, pôde-se também percebê-las de forma isolada, consecutivas e secantes (pontas em interseção). Em alguns casos encontrados no sítio Florestal I, as ungulações formam desenhos curvilíneos, deixando um aspecto estético bastante interessante. Muitas vezes foi observada a associação desta técnica a estrias paralelas nos arredores das ungulações, possivelmente se tratando de uma escovação feita concomitantemente à ungulação. Em alguns fragmentos foi observada uma técnica que consistia em, na pasta ainda mole, “beliscar” a pasta gerando uma saliência entre dois conjuntos de ungulações. (Tipo i)

Fotos 59, 60, 61 e 62 – Detalhes das unguiações.



Fotos 63 e 64 – Detalhes das unguiações



A partir destes elementos, foram organizadas as principais variantes desta morfologia ungulada, sendo as ocorrências mais frequentes as de formas contínuas paralelas, no mesmo sentido vertical, bem como, as descontínuas paralelas. Em alguns exemplares, a impressão ungulada apresenta-se pouco curva, dispondo-se de forma contínua, aproximando-se assim de uma incisão reta, como foi observado nos sítios Monte das Oliveiras III e Florestal I.

Fotos 65, 66, 67 e 68 – Detalhes das unguilações



Observa-se também que os tipos e, f, g foram encontradas principalmente nos sítios Vala Grande, Florestal I e Barro Branco. No caso dos fragmentos com estrias diagonais, tipo f, estas foram feitas com a pasta ainda mole e no caso do sítio Florestal I, o utensílio já estaria praticamente seco, o que explica a profundidade dos sulcos, bem como sua aparência.

Fotos 69 e 70 – Detalhes das unguações



Há duas variáveis que merecem maior destaque, em virtude do efeito gerado à peça. Tratam-se dos tipos i e j. A unha foi impressa ainda na pasta ainda úmida, o que ocasionou uma onda na superfície, dando uma sensação de ser "escamas de peixe". No entanto, faz-se importante lembrar que, em alguns casos, as impressões apresentam-se muito curtas, arredondadas ou mesmo aplainadas. Os tipos ungulado, beliscado e pinçado (ação contrátil e simultânea das pontas da unha e dos dedos, em sentido oposto, na superfície da cerâmica, como se fosse beliscada), foram observadas no material do sítio Florestal I.

Fotos 71 e 72 – Detalhes das unguações



Fotos 73 e 74 – Detalhes das unguações



O tipo estriado, refere-se às incisões realizadas ao se arrastar um objeto com uma única ponta. Foram observadas quatro variantes, algumas apresentam sulcos mais profundos, outros, rastros rasos. Foram identificados nos sítios arqueológicos Monte das Oliveiras II, Resplendor II e Florestal I. A quarta variação do motivo estriado foi predominantemente encontrada nos lábios dos fragmentos.

Fotos 75 e 76 – Detalhe dos fragmento com decoração estriada



Fotos 77 e 78 – Detalhe dos fragmento com decoração estriada



Os fragmentos ponteados, por sua vez, apresentaram duas configurações: pontos esparsos e pontos em formato semi-circular. Este tipo foi encontrado apenas nos sítios João Reis, Florestal I e Barro Branco. Em alguns casos, este sistema decorativo foi encontrado também no lábio da borda.

Fotos 79 e 80 – Detalhe dos fragmentos ponteados



Também foram identificados fragmentos “marcado por cestaria”, muito comum na região amazônica e no sul do Brasil, mas ainda pouco conhecido na região sudeste. Esta decoração consiste na utilização de cestas inteiras ou parte delas para imprimir em uma superfície cerâmica ainda úmida, seu motivo. Esta categoria apresentou em um caso específico a associação com uma decoração pintada, bicrômica e bastante delicada. Este único fragmento é proveniente do Sítio Hermes Piepper. No sítio Florestal I foi identificada uma massa cerâmica amorfa, com negativos de cestaria, indicando se tratar de um teste visual da oleira.

Fotos 83, 84, 85 e 86 – Marcação por cestaria. Foto 85 com pintura é a face interna da peça da foto 86.



Foram também identificados os tipos decorativos digitungulado (impressão das unhas com a pontas dos dedos), digitado (apenas a impressão da ponta do dedo, sem incidência de unha), acanalado, com as variações raso (feito em pasta quase seca) e profundo (canaletas impressas sobre a pasta mole), encontradas nos sítios João Reis e Resplendor II, Florestal I e Barro Branco.

Fotos 87, 88, 89 e 90 – Detalhes das decorações digitadas e digitounguladas



A decoração corrugada, por sua vez, é caracterizada pelo rejuntamento dos roletes pela sobreposição da parte inferior de uns sobre o da superior. Nos sítios pesquisados foram identificados dois tipos: corrugados simples, com 2 variantes: estreitos e largos. Trata-se simplesmente do distanciamento entre os roletes, mas que visualmente causam impressões diferenciadas.

Fotos 91 e 92 – Detalhes de fragmentos com decoração corrugada



O próximo tipo é o corrugado-ungulado -"calçado", onde as ondulações são finalizadas com a impressão da unha, sempre lateralmente, como se o outro lado tivesse sido previamente calçado pela lateral dos dedos. Este tipo foi observado no sítio Monte das Oliveiras III, sendo que o primeiro e o segundo tipo corrugado também ocorreu nos sítios Monte das Oliveiras I e II, Vala Seca, Barro Branco e Florestal I. Possivelmente a maioria das peças corrugadas simples eram urnas funerárias, em função das dimensões e curvaturas dos fragmentos. Suspeita-se também terem sido recipientes para grande armazenamento de água ou cauim.

Tipos de decoração incomuns foram observados em alguns exemplares do sítio Vala Seca. Trata-se de um modelo que apresenta, em sua superfície, uma rugosidade produzida possivelmente por meio de "chapisco". Um outro tipo raro é o encontrado em um fragmento que apresenta uma rugosidade possivelmente "voluntária". Salientamos novamente que estes fragmentos não foram analisados formas de tratamento de superfície em virtude do resultado visual dos fragmentos como visto nas fotos abaixo.

Fotos 93 e 94 – Detalhe de fragmentos chapiscados



Existem ainda outros fragmentos que apresentam técnicas decorativas mistas. Neste tipo apareceram os seguintes modelos ou variantes: Corrugado na face externa e estriado na borda (Monte das Oliveiras II, Vala Seca, Vala Grande e Florestal I), Acanalado na face externa e estriado na borda (Resplendor II, Monte das Oliveiras II e Florestal I), Corrugado imbricado na face externa e estriado na borda (Sítio Vala Seca e Florestal I).

Os tipos escovados e parte dos unculados foram particularmente freqüentes nos sítio João Reis, Vala Seca, Barro Branco e Florestal I apesar de terem ocorrido casualmente em outros sítios também. Já os fragmentos estriados foram identificados somente nos sítios Resplendor II, Monte das Oliveiras II e Florestal. O material analisado na fase de Resgate Arqueológico foi distribuído nos quadros abaixo de acordo com sua decoração plástica geral, explicitando assim os tipos comuns aos diversos sítios estudados.

Quadro 10: Distribuição dos tipos de decoração plástica nos sítios arqueológicos

GRUPO	TIPO	VS	BB	JR	WT	RI	RII	BV	MOI	MOII	MOIII	CR	VG	HP	FT	
GRUPO A - INCISÕES	1. Escovado			X				X		X			X		X	
	A			X											X	
	B		X	X											X	
	2. Ungulado		X	X				X		X	X		X		X	
	A		X	X				X		X					X	
	B		X	X				X								
	C		X	X												
	D		X	X												
	E		X	X									X		X	
	F	X	X	X									X		X	
	G		X	X									X		X	
	H		X	X						X					X	
	I		X												X	
	J														X	
	K														X	
	3. Estriado										X					X
	A									X						X
	B									X						X
	C							X								X
	D							X								X
	4. Ponteados				X											X
	A				X											X
	B				X											X
	C															X
	5. Técnicas Mistas															
	A		X								X					X
B		X					X			X					X	
C							X								X	
D															X	
E	X														X	
F															X	

Continuar...

Continua...

GRUPO	TIPO	VS	BB	JR	WT	RI	RII	BV	MOI	MOII	MOIII	CR	VG	HP	FT
GRUPO B - IMPRESSÕES	1. Mercado Cestaria						X							X	X
	2. Digitado		X										X		X
	3. Digitungulado		X	X											X
	4. Acanalado						X		X			X			X
GRUPO C - CORRUGADOS	Variáveis														X
			X				X								X
	1. Corrugado Simples		X					X	X						X
	Variáveis									X					X
GRUPO E - OUTROS	1. Chapiscado														
	2. superfície ext.rugoso borda e face int. alisada	X													

4.1.8. Decoração Pintada

Como já dissemos, a incidência de fragmentos pintados foi maior do que dos plásticos. De modo geral, acredita-se que a pintura é aplicada posteriormente ao processo de queima. As principais cores identificadas foram o vermelho, o branco e o marrom escuro. No entanto, também foram observados traços e pontos finos em tons marrons mais claros, que podem ser o resultado de alterações químicas da tinta ou ser um pigmento composto por manganês. Em pouca incidência, foi identificada a tinta preta na execução dos motivos. Parte das peças pintadas são abertas (Sítio Hermes Piepper e Florestal I), mas há também em vasos carenados - possivelmente urnas funerárias (Monte das Oliveiras III, Wilson Tiago e Florestal I).

Foi possível observar alguns padrões de aplicações. A tinta marrom escura sempre ocorre em traços finos, possivelmente confeccionados com um pincel delicado. Na maior parte dos casos, ficou constatado se tratar de pigmento marrom, mais concentrado, dando a aparência do preto ou mais diluído, dando a aparência de marrom claro e suas variações. Observados em detalhes, alguns exemplares apresentam, no fim do traço, pontos de maior concentração de tinta. Mas há casos onde pontos foram elaborados voluntariamente como componentes do motivo geométrico. Sempre havia um fundo branco abaixo das linhas de cor, não fugindo à regra, portanto, da cerâmica pintada tradicional Tupiguarani.

A tinta vermelha, por sua vez, foi também utilizada como engobo (tipo de tratamento que consiste em aplicar, antes da queima, uma camada de barro, mais espessa que o banho, com ou sem pigmentos minerais, na superfície do vasilhame.- CEPA, 1976), mas nunca servindo de fundo para desenhos. Também pode ser usada, em linhas finas sobre engobo branco, ou aplicada em faixas, de aproximadamente 1cm, que realçam principalmente as inflexões, nas bordas e suas adjacências. Normalmente quando a peça é carenada, as pinturas aparecem entre a borda e, o ombro - a primeira dobra do vaso.

Abaixo, apresenta-se o quadro dos fragmentos monocromáticos, bicromáticos e tricromáticos com a caracterização geral dos motivos neles inscritos, quando o caso:

Quadro 11: Categorização dos Fragmentos Pintados

Grupo A Monocromia
engobo branco (com e sem mica) engobo vermelho
Grupo B Bicromia
engobo branco com faixa vermelha engobo branco com traços marrons formando motivos losangulares complexos (com e sem mica) engobo branco com traços pretos paralelos engobo branco com traços pretos paralelos em colunas seccionadas- engobo branco com linhas onduladas marrons com ou sem pontos marrons engobo branco com linhas onduladas marrons, pontos e linhas paralelas marrons engobo branco com linhas onduladas tipo florais marrons, pontos e traços paralelos marrons engobo branco faixa vermelha e traços finos vermelhos.
Grupo C
Engobo branco/ Faixa vermelha/ traços finos marrons Engobo branco/ Faixa vermelha/ traços marrons e traços finos vermelhos Engobo Branco/ Faixa vermelha /traços paralelos marrons dispostos em fileira nas borda com figuras semicirculares, pontos e traços marrons Engobo branco, linhas marrons simétricas em forma de labirinto e faixa(s) vermelha(s) Engobo branco, faixa vermelha, traços finos arredondados marrons e pontos marrons

Fotos 95 e 96 – Detalhe de fragmentos com pintura monocromática



O grupo A, é representado pelas fragmentos apenas engobados, ou que porventura apresentem figuras monocromáticos. A totalidade dos fragmentos analisados que possuíam desenhos monocromáticos apresenta o engobo branco. Em

algumas amostras com engobo branco, a mica é muito abundante, havendo uma desconfiança que possa ter sido acrescido no engobo para dar um efeito de purpurina como citado anteriormente.

Outro elemento observado sobretudo em fragmentos com engobo branco, foram algumas pequenas marcas ramificadas de linhas pretas, que sugerem tratar-se de negativos de raízes que tiveram contato com as peças após abandono. De qualquer forma, estas linhas também observadas em fragmentos cerâmicos oriundos de sítios no vale do Mucuri e no Quadrilátero Ferrífero. Podemos afirmar que a grande parte dos fragmentos são realmente negativos de raízes que, com o acúmulo de terra e as constantes queimadas superficiais existentes na região, inseriram nos fragmentos linhas escuras. O fato que chamou a atenção com relação a estas marcas é que, em grande parte das vezes estas se mostravam presentes também na quebra, possibilitando afirmar que se tratava de uma deposição posterior à quebra, portanto, natural. Isso não quer dizer que eventualmente fragmentos com linha pretas curvilineares não possam ter sido pintadas na peça, até mesmo em alusão a estas marcas de raízes, observadas em fragmentos de seus antecessores.

Ainda dentro do grupo dos cacos monocromáticos, observa-se peças com engobo branco em uma das faces e vermelho em outra foram identificadas em vários sítios. A possibilidade de se haver na coleção fragmentos com desenhos pintados mas sem a presença do engobo foi ventilada nas análises feitas na fase de prospecção. A partir de análises mais detalhadas, se constatou existir nestas peças resíduos de engobo em alguns casos, carbonizado.

No caso das peças bicromáticas, a variedade “a” foi a mais comum, encontrada em vários dos sítios pesquisados (engobo branco com faixa vermelha). Em virtude de se tratar de uma população de cacos, não podemos deixar de salientar que possivelmente as peças inteiras poderiam apresentar outros elementos decorativos.

No sítio Wilson Tiago, com a quase totalidade de fragmentos simples e pintados dentro do sítio, encontramos a maior variedade de fórmulas de desenhos geométricos. Entre os temas mais elaborados, citaremos os alinhamentos de figuras losangulares, separados por linhas em zigue-zague. O Sítio Arqueológico Florestal I

forneceu grande subsídio concernente ao material com decoração pintada, tendo sido encontrado nos estudos acerca deste sítio, praticamente todos os tipos de variação pintada como pode ser observado no quadro 10. Em alguns modelos, como no prato inteiro encontrado no sítio Hermes Piepper, este motivo parece querer imitar o efeito de um trançado. Outros elementos gráficos que chamam a atenção especial são os “c”, “d” e “g”. O modelo “c” é representado por linhas paralelas pretas, tendo sido identificado nos sítios Vala Seca e Wilson Tiago. Muitas das bordas pintadas, inclusive, também apresentaram traços pretos paralelos. Já o modelo, “d”, apresenta colunas seccionadas, evocando a figura de um tipiti (sítio Wilson Tiago). Este mesmo significante foi observado em incisões rupestres no estado da Bahia, por exemplo. Já o exemplo “g” apresenta motivos florais, incomum dentro do universo aqui analisado.

Fotos 97 e 98 – Detalhe de fragmentos com pintura bicrômica



Fotos 99, 100 e 101 – Detalhe de fragmentos com pintura bicrômica



Fotos 102, 103 e 104 – Detalhe de fragmentos com pintura bicrômica



No grupo dos fragmentos tricrômicos, quatro das cinco variações, foram identificadas no sítio Resplendor II. A variante "a" foi a mais comum, e parece ter sido elaborada sobretudo em vasilhames de maior porte (Sítios Vala Seca, Resplendor II, Monte das Oliveiras III, Florestal I e Vala Grande). A variante "b" foi encontrada exclusivamente no sítio florestal. Já a variante "c", foi observada em fragmentos componentes de utensílios maiores e pratos (Sítio Hermes Piepper,

Florestal I e Resplendor II). Os fragmentos do tipo “d” por sua vez, foram encontrados apenas no sítio Vala Seca.

Fotos 105, 106 e 107 – Detalhe dos fragmentos com pintura tricrômica



Fotos 108 e 109 – Detalhe dos fragmentos com pintura tricrômica



Em alguns fragmentos pintados do sítio Barro Branco, Florestal I e Resplendor II foi encontrado uma cama de “verniz” ou resina, de origem vegetal, por cima da pintura. Possivelmente esta aplicação de verniz se relacionava ao uso de determinados utensílios.

Fotos 110 e 111 – Detalhe de fragmentos com verniz sobre a pintura



Quadro 12: Distribuição qualitativa da cerâmica (fragmentos) pintada por Sítio Arqueológico

GRUPO	VS	BB	JR	WT	RI	RII	BV	MOI	MOII	MOIII	CR	VG	HP	FT
1-MONOCROMIA	X	X	X	X		X	X	X	X	X		X		X
VARIÁVEIS	A													
	B	X		X	X		X			X			X	X
2-BICROMIA	X	X	X	X		X	X	X	X			X		X
VARIÁVEIS	A											X		X
	B			X								X	X*	X
	C	X	X		X									X
	D				X									
	E		X**							X				X
	F		X							X				X
	G								X					X
	H						X							X
3-TRICROMIA	x	X				X			X	X		X		X
VARIÁVEIS	A													X
	B													X
	C					X**							X*	X**
	D	X												X
	E						X							X

LEGENDA:

Áreas coloridas – seqüência de concentração de certa tipologia

* peça inteira

** peça com camada vítrea

4.2. Morfologia da cerâmica pintada

4.2.1. Formas abertas

De forma geral os fragmentos de utensílios de forma aberta apresentam borda com motivos geométricos formados por linhas simples (geralmente traços retos paralelos, perpendiculares à borda ou formando grupos alternadamente inclinados para esquerda e para direita; mais raramente, friso de triângulos).

Foto 112 – Fragmento pintado, forma aberta



Em casos excepcionais, o campo gráfico da borda é subdividido como visto na foto abaixo.

Foto 113 - Fragmento pintado, forma aberta



Nas zonas de inflexão separando os campos gráficos, uma banda (ou “faixa”) vermelha com cerca de 1 cm de largura.

No fundo do recipiente (campo principal), linhas vermelhas ou pretas eventualmente interligadas por traços pontilhados pretos. Podem formar motivos que lembram as fibras torcidas de um cesta.

Foto 114 – Exemplo de motivo lembrando as fibras torcidas.



4.2.2. Formas fechadas

Nesta categoria, os cacos pintados externamente são muito mais raros. De forma geral, na borda, ocorre um motivo composto por retângulos concêntricos com um lado aberto.

Fotos 115 e 116 – Exemplo de decoração em formas fechadas



As zonas de inflexão também podem estar realçadas por bandas vermelhas. No campo principal notam-se motivos mais ortogonais, com os ângulos eventualmente salientados por pequenos traços típicos nas vasilhas de Vala Seca.

4.2.3. As Bordas e Lábios

Foram identificados 16 tipos de bordas, a dizer: borda extrovertida com lábio plano, borda direta biselada com o lábio arredondado, borda direta com lábio arredondado, borda direta com lábio apontado, borda direta com lábio plano, borda extrovertida com lábio arredondado, borda extrovertida com lábio arredondado biselado, borda extrovertida com lábio apontado, borda extrovertida com lábio apontado biselado, borda introvertida com lábio arredondado, borda introvertida com lábio arredondado biselado, borda introvertida com lábio apontado, borda introvertida apontada biselada, borda com reforço externo arredondado, lábio plano introvertido, lábio plano introvertido biselado, além de outras fórmulas ainda indefinidas por serem os fragmentos muito desgastados.

Vale a pena destacar ainda, uma peça com decoração plástica ungulada e pinçada (tipo 2 j) oriunda da sondagem 4 do sítio Florestal I, por destacar-se esteticamente, principalmente em função dos detalhes rebuscados em sua borda.

Abaixo, apresenta-se um quadro com a distribuição dos tipos de borda, na mesma ordem citada acima; nos sítios arqueológicos pesquisados, que possuíam cerâmica.

Quadro 13: Tipos de Borda

SÍTIO ARQUEOLÓGICO	TIPOS DE BORDA																											
	N.I	EXPT			Dir			Dir			Dir			Dir			Dir			Dir			Dir			Dir		
		Lpt	Lar	Bis	Lar	Lap	Bis	Lar	Lap	Bis	Lar	Lap	Bis	Lar	Lap	Bis	Lar	Lap	Bis	Lar	Lap	Bis	Lar	Lap	Bis			
Vala Seca	-	9	-	8	-	-	2	6	-	2	6	-	8	-	-	3	-	-	2	-	-	3	-	-	-			
Barro Branco	15	1	-	39	4	-	7	11	-	4	11	-	27	9	-	10	2	-	-	-	10	2	-	11	-			
João Reis	-	-	-	14	5	-	6	3	-	5	3	-	5	1	-	1	-	-	1	-	1	-	2	1	2			
Wilson Tiago	-	2	-	6	-	-	1	-	-	6	-	-	6	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-			
Resplendor I	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-			
Resplendor II	12	-	-	68	16	-	12	8	1	3	24	11	24	8	4	8	4	-	-	-	8	4	-	7	-			
Bela Vista	1	-	-	3	-	-	-	-	-	3	3	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-			
Monte das Oliveiras I	-	-	-	-	4	-	3	12	-	5	5	-	5	-	-	7	-	-	-	-	-	-	-	-	-			
Monte das Oliveiras II	-	5	-	36	6	-	19	1	4	1	24	19	24	5	3	5	3	-	-	-	5	3	-	12	-			
Monte das Oliveiras III	-	3	-	1	1	-	-	1	-	8	1	-	1	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-			
Cravadinho	-	-	-	32	2	-	4	6	-	2	12	-	12	-	-	10	-	-	-	-	10	-	-	1	-			
Vala Grande	3	-	-	5	6	-	3	3	-	-	14	1	14	5	-	5	-	-	-	-	5	-	-	-	4			
Hermes Piepper	1	-	-	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-			
Florestal I	148	2	14	155	16	-	72	65	6	4	196	34	47	8	7	11	11	8	7	7	47	8	7	11	2			
Outros	2 (san)			1 (holz)	-	1 (san)	-	-	-	3(san)	6 (san)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-			
	1Ca)	-	-	-	1 (Hélio P.)	-	-	-	-	-	-	1 (Hélio P.)	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-			

LEGENDA:

- NI – Não Identificados – Geralmente são fragmentos muito pequenos ou que estão com a borda ou lábio fragmentados, impossibilitando sua identificação
- Ext Lpl – Borda extrovertida e lábio plano
- Dir LarBis – Borda direta, biselada com lábio arredondado
- Dir Lar – Borda direta com lábio arredondado
- Dir Lap – Borda direta com lábio apontado
- Dir Lpl – Borda direta com lábio plano
- Ext Lar – Borda extrovertida com lábio arredondado
- Ext Lar Bis – Borda extrovertida, biselada com lábio arredondado
- Ext Lap – Borda extrovertida com lábio apontado
- Ext Lap Bis – Borda extrovertida, biselada, com lábio apontado
- Int Lar – Borda introvertida com lábio arredondado
- Int Lar Bis – Borda introvertida, biselada com lábio arredondado
- Int Lap – Borda introvertida com lábio apontado
- Int Lap Bis – Borda introvertida, biselada, com lábio apontado
- Ref Ex Lar – Borda com reforço externo e lábio arredondado
- Lpl Int – Borda introvertida com lábio plano
- Lpl Bis Int – Borda introvertida, biselada, com lábio plano

Interessante observar a grande variedade de bordas no total de fragmentos coletados, sendo que, a maior parte delas fez-se presente nos sítios João Reis, Resplendor II, Monte das Oliveiras II, Vala Grande e Florestal I, possivelmente por serem estes sítios os que apresentaram maior quantidade de material. Os modelos mais comuns foram as bordas diretas arredondadas, apontadas e as bordas introvertidas arredondadas. O modelo mais raro foi a borda reforçada externamente e arredondada, encontrada somente nos sítios João Reis e Florestal I. Este tipo de borda, as reforçadas, é no entanto considerada a mais diagnóstica da cultura Tupiguarani.

Foram encontradas também bordas com apliques nos lábios, denominadas roldanas, bordas com lábios ponteados, bem como bordas com incisões escovadas.

Fotos 117 e 118 – Exemplo de bordas com apliques nos lábios



4.2.4. Morfologia das vasilhas e outros artefatos em cerâmica

A maior parte do material cerâmico coletado já se encontrava fragmentado; no entanto, há três utensílios inteiros compondo a coleção de salvamento. Dois vasilhames abertos, encontrados pelo proprietário do terreno onde se encontrava o sítio Hermes Piepper, foram coletados na ocasião do plantio de uma muda em seu quintal. Estes pratos se encontravam na parte superior de uma grande urna. Foram

devidamente guardados pelo proprietário e repassados à equipe técnica na fase de prospecção.

Estes dois pratos, apresentam decoração pintada em suas faces internas, possuindo as seguintes dimensões: uma, apresenta 36 cm de abertura da borda e 8,5 cm de altura; a outra, 37 cm de abertura da borda e 13 cm de altura.

A outra peça inteira foi coletada durante as sondagens no sítio Florestal I, em uma zona do sítio já bastante revolvida pelo arado. O fato de esta peça ter sido encontrada inteira pode ser considerado quase que um milagre. Trata-se de um pequeno vasilhame globular com as bordas introvertidas. As suas dimensões são as seguintes: 6 cm de abertura de borda e 5 cm de altura. Ele não apresenta nenhum tipo de decoração plástica, contudo sua superfície apresenta-se bastante rugosa. No interior dele só havia terra, que foi cuidadosamente retirado, somente em laboratório, esperando-se que em seu interior ainda pudesse haver algum indício de alimento ou impressões de seu uso.

Foto 119 – Pequeno pote.



Um peso de rede, inteiro, foi encontrado no sítio Cravadinho, além de um outro, já fragmentado. Foram encontrados apenas nos sítios Cravadinho e Florestal I. Este tipo de artefato cerâmico, apesar de, no sítio Florestal I, em virtude das

pequenas dimensões dos fragmentos (dois) além de elevado desgaste, poder-se ventilar a possibilidade de se tratar de um fuso. Estas peças encontram-se em exposição no Núcleo Museológico de Resplendor.

Foto 120 – Peso de rede.



No conjunto dos fragmentos, alguns devem ser ainda citados: um pedaço de rolete cerâmico muito liso, que não pode ser considerado um pedaço de alça (sítio Florestal I), por exemplo. Pelo fato de encontrar-se com as suas extremidades fragmentadas, uma interpretação mais precisa torna-se difícil. No entanto, não pode ser descartada a possibilidade de tratar-se de um objeto ritualístico.

Um provável pedaço de alça foi identificado no sítio Monte das Oliveiras II, bem como um rolete com uma terminação afinada, que sugere tratar-se de uma possível base de utensílio, componente do tripé de sustentação, base muito comum na região amazônica entre outras regiões.

Pedaços de possíveis roletes remanescentes, utilizados na confecção de peças, foram coletados no sítio Resplendor II.

No sítio arqueológico Vala Grande, foi encontrado um fragmento retangular insinuando o formato de uma peça decorativa antropomorfa, típica da região do baixo Amazonas. Um fragmento com furo - possível pedaço de fuso - foi reutilizado, possivelmente, como alisador.

No sítio Florestal foram identificados 3 fragmentos de alças em rolete com aproximadamente 6 mm de espessura, além do fragmento de um possível pé de sustentação de pote, com antiplástico bastante grosso.

Foto 121 – Pequeno pé de sustentação de pote



122 – Fragmento de alça



No sítio Cravadinho, foi observado dois fragmentos bastante incomuns na região. Um apresentava um furo redondo que transpassava o fragmento. O outro apresentava um bico moldado na pasta ainda mole, aparentemente sem função prática específica. Pode se tratar de elemento decorativo.

Fotos 123 – Fragmento com furo



Foto 124 – Fragmento com bico moldado



No que se refere às espessuras dos fragmentos e peças inteiras, a maioria variou entre 0,7cm a 2,2 cm, apresentando um certa homogeneidade no que se refere a esta variável. No entanto, fragmentos com paredes mais finas, de dimensões de 0,3 cm a 0,6 cm, foram coletados, ainda que em pequena quantidade. Da mesma forma, algumas peças alcançam 2,3 cm a 3,0 cm de espessura.

Esta variável deve ser analisada levando-se sempre em consideração que, em um mesmo pote, dependendo do local da peça, pode apresentar-se com espessuras diferentes. Por exemplo, o fundo dos utensílios tendem a ser mais grossos do que a parte mediana dos mesmos. Mesmo assim, o cruzamento e observação acurada das variáveis que podem ser extraídas de uma coleção de

cacos são sempre válidas no sentido de se buscar interpretar este tipo de indústria oleira.

4.2.5. Usos Múltiplos

Alguns fragmentos foram reutilizados, depois da quebra do utensílio. No Sítio Arqueológico Florestal I, foram encontrados fragmentos reutilizados como calibradores. A peça que mais chamou a atenção foi justamente um calibrador feito com um fragmento de borda bicrômico, em que uma protuberância na base da borda serviu de guia para a fabricação do calibrador. Com relação ao antiplástico encontramos peças reutilizadas como calibrador independentemente do tipo de antiplástico, o que demonstra não haver uma relação com a aspereza do fragmento. Os tamanhos dos fragmentos reutilizados foram também.

Fotos 125 e 126 – Exemplos de calibradores



5. CAPÍTULO IV - RELAÇÕES INTRA E INTER-SÍTIOS

Não há dúvida, que pelo menos, dos 15 sítios pré-coloniais lito-cerâmicos contemplados neste estudo, 14 apresentaram um corpo cerâmico típico Tupiguarani pré-colonial.

Há um sítio restante, o Cravadinho, que apresentou uma coleção bastante atípica em relação aos demais, sobretudo no que se refere aos padrões estéticos, tendo em vista a ausência de decoração plástica tradicional Tupi. Com base em análises de termoluminiscência aliado à cultura material, foi possível saber se tratar de um sítio bem mais recente, portanto sua cultura material pode ser perfeitamente atribuída ao universo cultural Jê.

Os outros dois sítios pré-coloniais acerâmicos, Olício e Quatis, também não podem ser associados diretamente a cultura Tupiguarani, pois nos estudos de salvamento não foram encontrados testemunhos cerâmicos pré-históricos típicos desta cultura, apesar da coleção lítica apresentar um conjunto homogêneo se comparada com as dos demais sítios Tupi, principalmente os das planícies.

No que se refere à ocorrência de determinados tipos decorativos por sítios arqueológicos, pode-se afirmar que há uma certa distribuição tipológica da cerâmica por zonas topográficas. Ficou clara a incidência de determinados tipos de decoração, no caso, os motivos representados pelas unguiações obliquas, bem como os unguilados amassados, somente no complexo Monte das Oliveiras (I, II e III). Em contraponto, a grande maioria dos tipos foi identificada no Sítio Florestal. A princípio, pensava-se que por se situar em zona alta e periférica, a cultura material deste sítio pudesse ser menos variada. No entanto, os resultados mostraram que não há necessariamente uma vinculação direta entre escassez de alimentos, mais prováveis nas terras altas e montanhosas e criatividade cultural.

Lamentavelmente, em função do estado avançado de degradação dos sítios da baixada, não foi possível estabelecer, em regra, uma cronologia de ocupação a

partir de níveis ocupacionais. Por isto, as datações de termoluminescência foram importantes guias, pois através delas sabemos que esta região foi habitada por grupos Tupi pelo menos entre 1.500 e 750 BP. Possivelmente, o sítio João Reis tenha tido, pelo menos, duas ocupações Tupiguarani durante este período.

Com relação aos cupinzeiros, pode-se também afirmar que a hipótese levantada, dos mesmos terem sido aproveitados como fundo de cabana ou local de enterramento nos sítios Barro Branco e Cachimbeiro, foi totalmente descartada, já que não foi encontrado nenhum indício arqueológico no interior destes.

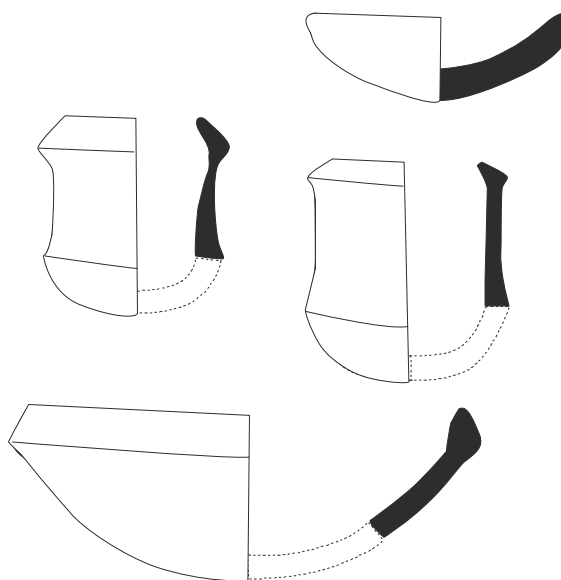
Desta forma, os sítios arqueológicos pesquisados foram divididos em 3 compartimentos topográficos conforme já exposto, os de topo, os de meia encosta e os sítios de terraço em alguns casos, espalhados. Nos sítios de praia ou mais próximos do rio se inserem os sítios João Reis, Hermes Piepper e Vala Grande.

Dos sítios de meia encosta foram separados os seguintes: Barro Branco, Vala Seca, Resplendor 1 e 2, complexo Monte das Oliveiras, Wilson Tiago e Cachimbeiro.

Como sítio de topo foi relacionado apenas o Florestal, tendo em vista que o sítio Cravadinho não figura como sítio Tupiguarani.

Desta forma, a partir do levantamento da cultura material cerâmica, foi possível estabelecer os seguintes parâmetros. O sítio de topo apresentou cultura material diversificada, caracterizando um sítio típico de acampamento com ocupação perene. Em virtude de a maior parte de sua cerâmica possuir decoração pintada, é correto afirmar que a tralha cerâmica era composta por elementos menores e com factura mais delicada, o que pode ser confirmado em virtude das espessuras e da recomposição morfológica dos fragmentos. Outro fator preponderante é a presença de calibradores apenas nesse compartimento topográfico, o que indica mais uma vez seu caráter habitacional, sendo os calibradores utilizados para retirar as arestas das flechas. Obviamente, quando se ia caçar não se levava os calibradores, sendo esta tarefa de preparação dos artefatos, essencialmente doméstica.

Principais exemplos das formas encontradas no sítio arqueológico Florestal



Os sítios de meia encosta caracterizaram-se como locais destinados basicamente ao plantio, tendo em vista sua cultura material dividida em utensílios medianos e, portanto, fáceis de serem carregados. Nestes compartimentos, inclusive também foi encontrada boa parte das lâminas de machado.

Foram identificados em determinados sítios fragmentos cerâmicos com tipo de decoração plástica predominante, como no Barro Branco, Monte das Oliveiras III e Vala Seca, indicando uma função mais prática que estética, e fragmentos pintados predominantes nos sítios Resplendor II, Wilson Tiago e Monte das Oliveiras I e II, indicando, por sua vez, a presença de utensílios menores e mais delicados, não podendo desta forma descartar a utilização destes locais como acampamentos permanentes ou mesmo provisórios.

Já os sítios localizados às margens do rio Doce podem ser divididos a partir das nossas análises, em dois, sendo o primeiro, representados pelos sítios Hermes Piepper e Vala Grande, os possuidores de urnas funerárias (com de vestígios de ossos em seu interior) e o sítio João Reis apresentando cultura material

diversificada, além de forno para queima de utensílios cerâmicos. Assim, o predomínio da decoração plástica em fragmentos planos e espessos indica a presença de utensílios maiores (em grande parte, corrugados e unglados), inclusive das urnas funerárias.

No caso do sítio arqueológico João Reis, a presença do forno situado próximo de uma grande concentração de barro queimado, o coloca como um provável centro de distribuição de cerâmica para alguns sítios vizinhos e porque não afirmar, um centro regional de distribuição ou de manufatura dos utensílios cerâmicos.

Com relação aos estudos de Ativação Neutrônica, foi observada uma grande homogeneidade no material utilizado para a confecção dos utensílios. A exceção fica por conta dos sítios arqueológicos Barro Branco e Vala Seca que possuem uma argila diferente na confecção de seus utensílios. Por serem os únicos localizados na formação de Granitos Mascarenhas e muito próximos a fontes de argila com grande presença de caulinita, estes sítios destoaram da grande maioria no que tange a sua argila.

É bem provável que o sítio arqueológico João Reis não figurava como centro de distribuição cerâmica para esses dois locais, em especial, tendo em vista que as análises arqueométricas não indicaram diferença significativa na argila. Todas as outras modificações observadas nos outros sítios podem ser facilmente atribuídas à presença de antiplásticos, o que modificaria os resultados das análises. No caso do sítio arqueológico Florestal, a presença de ferro, em virtude de estrato situado em áreas de Complexo Gnáissico-Kinzigítico e mais próximo a formações de hematita do Vale do Rio Paraopeba, explicaria as modificações das análises.

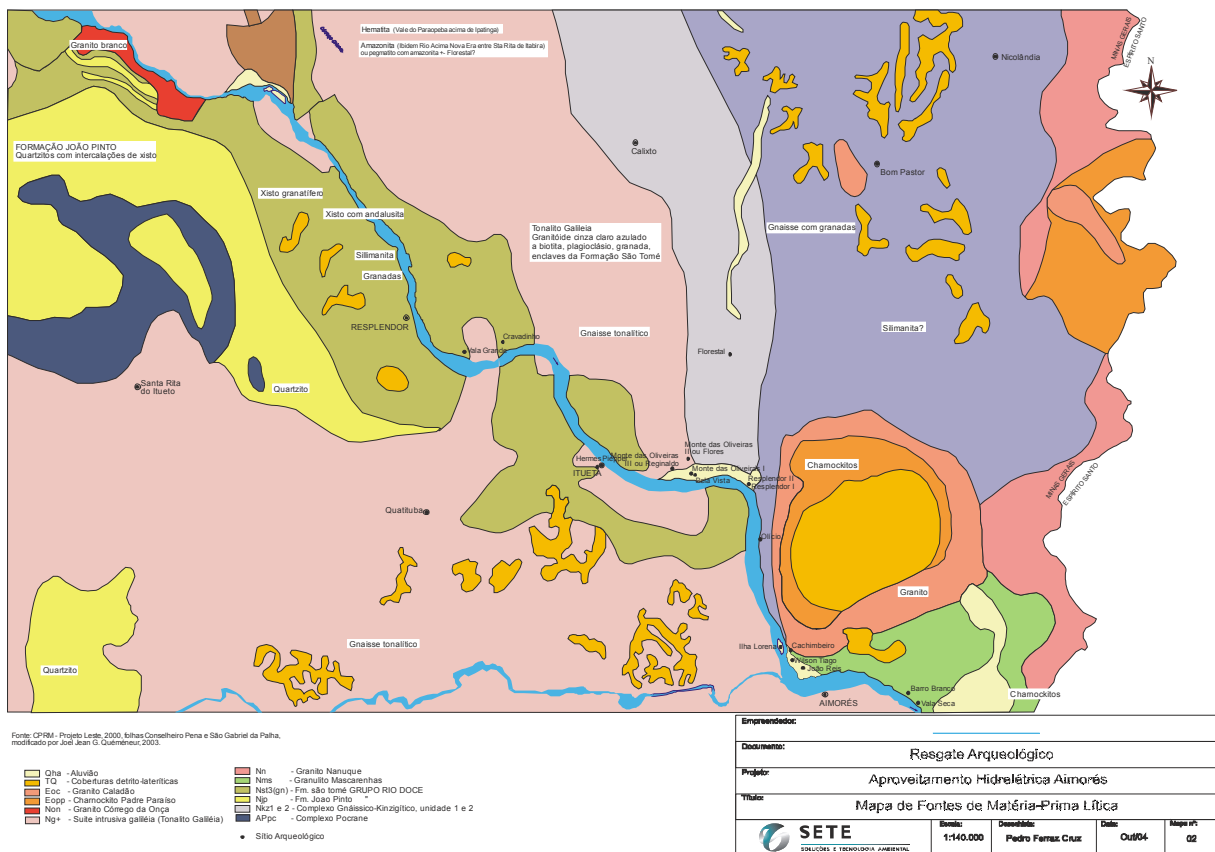
Desta forma podemos afirmar que possivelmente existiram duas fontes distintas de argila para a fabricação dos utensílios, uma compreendida pelos sítios Barro Branco e Vala Seca, que possuíam locais próprios de distribuição e manufatura e outra correspondente aos outros sítios, cuja manufatura confecção e queima se localizava no sítio João Reis, como já apresentado. No entanto, não foi identificada nenhuma estrutura de combustão nos sítios Barro Branco e Vala Seca, mas, em virtude de sua localização, não pode estar descartada a hipótese de existir

outro ponto mais a jusante do rio que, em virtude da proximidade da área urbana e processos erosivos não foram identificados. Caso atípico seria o do sítio arqueológico Florestal, que, apesar de comungar com a mesma fonte de argila da grande totalidade dos sítios, possuía local específico para a manufatura e queima de material.

“From the results of the PCA performed onto the chemical composition data set determined by INAA, it was found a considerable homogeneity of the analyzed ceramic fragments. Among all sites analyzed, two sites showed great difference of the others, the Barro Branco and the Vala Seca. Because of their physical proximity and the knowledge of the presence of a special clay source rich in kaolinite, in their region, it may be conclude that the inhabitants of these two sites used the same source of clay for the manufacture of its domestic utensils, while the inhabitants from other eight sites used a different source of clay.

The other eight sites presented great similarity between the majority of analyzed samples. This fact suggest that it was used the same source of clay by ceramist from all this eight sites. The differences observed in a little number of fragments from each one of this sites is attributed to the type and quantity of the antiplastic added to the clay at the ceramic manufacture process.” (PILÓ, H. et alli. No Prelo)

Mapa Geológico da área estudada. – Fonte, BAETA & ALONSO (2005)



6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“ Não importa o que façamos, por mais criminosos ou imperialistas
Que sejamos, escapamos da prisão social ou da linguagem e temos
acesso às coisas através de uma porta de saída providencial,
a do conhecimento científico.”
Bruno Latour*

O presente estudo está alicerçado basicamente em um fator preponderante, de como é possível, através da rica cultura material cerâmica deixada para nós pelos Tupiguarani, estabelecer padrões de ocupação na paisagem, baseando-se sobretudo nas análises dos principais atributos dos fragmentos, sua dispersão nos sítios, estudos arqueométricos e relação com os demais vestígios arqueológicos.

A partir das análises realizadas é, portanto, correto afirmar que, os compartimentos topográficos interferem de forma definitiva na ocupação do terreno por parte dos grupos Tupiguarani. Suas moradas eram escolhidas em função da proximidade de cursos de água e em virtude de estarem em compartimentos mais elevados. Seus sepultamentos eram realizados em locais de baixada, mais próximos ao curso principal, no caso o rio Doce e seus locais de plantio eram escolhidos a partir das terras de meia encosta, parcialmente inundáveis e dessa forma, extremamente férteis.

É importante ressaltar que a escolha da cerâmica como elemento distintivo, parte da certeza de que as informações geradas por essa tralha doméstica seria motivo indelével nos resultados obtidos pela pesquisa, uma vez que o material lítico se mostrava bastante similar em todos os compartimentos topográficos. A importância da indústria lítica lascada em sítios Tupiguarani foi sempre subestimada, em parte em razão do caráter discreto e aparentemente simples dos vestígios de pedra neles encontrados. No entanto, a comparação entre os vestígios cerâmicos e os vestígios líticos sugere que os artefatos de pedra não eram menos numerosos que os de cerâmica. Destaca-se a importância das lâminas de machado e a presença de adornos de amazonita – provavelmente fabricados no sítio Florestal.

Em compensação, não foram encontradas, nos sítios, as mãos-de-pilão de pedra, identificados em outras regiões do Estado, sobretudo em sítios atribuídos a Tradição Aratu-Sapucai.

No que se refere especificamente ao material cerâmico, foi apresentado um trabalho pioneiro no que se refere à documentação e tratamento de todo o conjunto de fragmentos coletados. Como já exposto, foi encontrado um panorama composto por sítios em avançado estado de destruição, sendo que os utensílios cerâmicos já se apresentavam extremamente quebrados; foi realizada uma “arqueologia dos cacos”, tendo em vista a pouca quantidade, que foi avaliada por especialista, em condição de consolidação.

Os resultados relacionados à datação, por termoluminescência, do material cerâmico e do sedimento queimado (750+ ou - 40 anos, no sítio João Reis e 1300 + ou - 150 anos, no Sítio Florestal) confirmaram as primeiras impressões: que a ocupação Tupiguarani, nesta região do rio Doce, seria anterior ao processo de colonização. Isto explica o por que da escassez de documentos históricos sobre a passagem deste grupo pela mesma.

Mesmo trabalhando com uma coleção composta basicamente por pequenos fragmentos, foi possível estabelecer um quadro tipológico extremamente rico, o que demonstra toda a potencialidade criadora e estética impressa na “multidão de cacos” cerâmicos. Foram inventariados mais de 17.000 fragmentos com as indicações de suas características principais: dimensão, antiplástico, queima, tratamento de superfície, decoração, dentre outros, que poderão ser consultados por outros pesquisadores para efeito de comparação com outras coleções cerâmicas Tupiguarani de Minas Gerais ou de outros Estados.

De modo geral, a presença ou ausência de determinados tipos de antiplásticos foi notada em virtude das formações geológicas locais, que determinavam a colocação de minerais na pasta da argila, quando da factura do utensílio. Em razão da riqueza mineral existente na região, parecia não ser

necessário buscar matérias primas em locais distantes para a produção dos utensílios.

Podemos também realizar uma correlação entre o material pintado e a presença feminina no universo do local. Considerando-se que, na maioria dos grupos das terras baixas sul-americanas, as mulheres fabricavam e decoravam a cerâmica (inclusive entre os Tupi e Guarani históricos), é possível afirmar que as pinturas expressam a participação feminina ao universo mental e ritual destas populações Tupiguarani. Desta forma, o sítio arqueológico Florestal, com sua maior parte de fragmentos pintados e conseqüentemente de sua tralha doméstica, revela mais uma vez se tratar de um local de habitação típico, em que as mulheres possuíam um papel fundamental no mesmo.

Cabe ainda ressaltar que todo o material estudado se encontra hoje dentro da comunidade que foi atingida pelo empreendimento. Para isso, foram criados três núcleos museológicos regionais nas cidades atingidas pela barragem, no caso, em Aimorés, Itueta e Resplendor. Todo banco de dados e de imagem frutos do relatório de Resgate Arqueológico se encontram nos núcleos sendo uma fonte documental imprescindível no que se refere ao patrimônio arqueológico Tupiguarani em Minas Gerais. Esta iniciativa partiu do compromisso arqueológico da coordenação do programa de devolver à região, fragmentos de sua história e de sua pré-história. Esta ação certamente impediu que os vestígios materiais da pré-história do rio Doce fossem relegados a uma reserva técnica qualquer, distante da população que tanto valoriza essas iniciativas.

Foto 127 – Comunidade local no Núcleo Museológico



Foto 128 – Vista geral do Núcleo Museológico de Aimorés



7. BIBLIOGRAFIA

- ABDALA, M. C. *Guia História dos Índios de Minas Gerais* (século XIX). Uberlândia: UFU, 1997.
- ABREU, S. F. Notas sobre as Inscrições da Serra da Onça. *Revista do Museu Paulista*. Vol.XVI, São Paulo, 1929.
- ABREU, S. F. Os Índios Crenaques (Botocudos do rio Doce) em 1926. *Revista do Museu Paulista*, vol. XV, São Paulo, 1929.
- ALBUQUERQUE, M. Recomposição de forma na cerâmica Tupiguarani. *Clio*. Série Arqueológica. Recife. Universidade Federal de Pernambuco. Nº extraordinário, 4:121-123. (Anais do 1º Simpósio de Pré-História do Nordeste Brasileiro), 1991.
- ALMEIDA, C. B. *O desbravamento das Selvas do Rio Doce* Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 1978.
- ALMEIDA, A. P. C. de Arqueologia da Cultura Tupiguarani no Estado de Minas Gerais (Monografia) Departamento de Ciências Sociais, FAFICH/UFMG, Belo Horizonte, 2007.
- ALVES, M. A. Análise cerâmica: estudo de tecno-tipológico, Tese Dr., USP, S. Paulo, 258 p., 1988.
- ANA Agência Nacional de Águas. Boletim de Monitoramento dos Reservatórios da Bacia do rio Doce, v.2,n.4, abr. 2007.
- BAETA, Alenice Motta Memória Indígena no Médio Vale do Rio Doce-Arte Rupestre e Identidade Krenak-Dissertação de Mestrado-FAE/UFMG, 1998.
- BAETA, Alenice; ALONSO, Márcio. (Coord.) *Programa de Resgate Arqueológico nas áreas de abrangência da UHE Aimorés – Relatório Final*, CEMIG/CVRD- Consórcio Aimorés, SETE Soluções Tecnologia Ambiental: Belo Horizonte, 2005.
- BAETA, Alenice; PILÓ, Henrique. A Presença Tupiguarani no Médio Vale do Rio Doce: aspectos preliminares sobre a sua cerâmica. In: *Resumos do XII Congresso da SAB*. São Paulo, 2003.
- BAETA, Alenice; PILÓ, Henrique & MACHADO, Christiane. O Patrimônio Arqueológico da Bacia do Rio Doce, MG e ES. In: Área Domeniu, Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo – CEIPHAR, TOMAR, Portugal, 2008.
- BAETA, A; ALONSO, M. & PILÓ, H. *As Ocupações Humanas no período Pré-colonial no Médio Vale do Rio Doce*. In: Era Tudo Mata ALVARES, R. & RESENDE, M. (Org.) Belo Horizonte, MG: Consórcio Hidrelétrica Aimorés, 2009.

- BAETA, Alenice; PILÓ, Henrique. Relatório Final do Programa de resgate Arqueológico em Tumiritinga-MG. IPHAN, Belo horizonte, 2008.
- BAETA, Alenice; PILÓ, Henrique. Diagnóstico Arqueológico na RPPN Fazenda Bulcão. Aimorés, Instituto Terra, 2002.
- BAETA, Alenice; Piló, Henrique. A Presença Tupiguarani no Médio Vale do Rio Doce: aspectos preliminares sobre a sua cerâmica. Resumos do XII Congresso da SAB. São Paulo, 2003.
- BALDUS, Hebert. Fontes primárias para o estudo dos índios no Brasil quinhentista. Ed. Souza, Rio de Janeiro, 1920.
- BIGARELLA, J. Estrutura e origem das paisagens tropicais e subtropicais. Florianópolis: Editora: UFSC, v.3, Florianópolis, 2003.
- BROCHADO, José P. & MONTICELLI, Gislene. Regras Práticas na Reconstrução Gráfica da Cerâmica Guarani por Comparação com Vasilhas Inteiras. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, 20 (2): 1994.
- BRANDI, C. Teoria de la restauracion. Aliança Forma, Madri:1989. 134p.
- BROCHADO, J. P. An eologycal model of the spread of pottery and agriculture into eastern South América. University of Illinois (Tese de Doutorado) , 1984.
- BROCHADO, José Proença ; MONTICELLI, G. & NEUMANN, E. Analogia etnográfica na reconstrução gráfica das vasilhas Guarani arqueológicas. *Veritas*. Porto Alegre, 35 (140):727-743, 1990.
- BUARQUE, Angela A cultura Tupinambá no Estado de Rio de Janeiro, in Tenório, M. C. Pré-História da Terra Brasilis: 306-320 (ver p. 316), 1999.
- CALDARELLI Solange B. "Aldeias Tupiguarani no vale do Rio Mogi-Guaçu, Estado de São Paulo" *Revista de Pre-História*, 5: 37-124, 1983.
- CASTRO, Antônio Barbosa de. Itueta-Retrato de uma época. Belo Horizonte, 2001.
- CASTRO, Celso Fallabela de Figueiredo. Os sertões do leste; achegas para a história da zona da Mata. Imprensa Oficial, Belo Horizonte, 1987.
- CESAR, José Vicente. Os índios das nascentes do rio Doce em Minas Gerais. 37o Congresso Interamericanista, Buenos Aires, volume 3, 1966.
- CHMYZ, Igor Projeto arqueológico Rosana-Taquaraçu: convênio da Fundação da UFPR-CESP. São Paulo, Companhia Energética de São Paulo. (46-47), 1984.

- CHMYZ, Igor Terminologia Arqueológica brasileira para a cerâmica. Manuais de Arqueologia. Curitiba. UFPR, Ano 1 (1), 1976
- CHMYZ, Igor A tradição Tupiguarani no litoral do Estado do Paraná. Revista do Círculo de Estudos Brasileiros, PUC-PR, Curitiba, 16: 71-95.
- CHRISTIANI, C., TIRADO, C. G., MUÑOZ, M. E. G. Uma nueva metodologia para estudios científicos en consevación y restauración de cerâmica prehispanica. Preprints 13th Triennial Meeting ICCOM-CC. Rio de Janeiro: 2002. 823-828p.
- COELHO, A. L. *Alterações Hidrogeomorfológicas no Médio-Baixo rio Doce/ES*. Tese de Doutorado, Instituto de Geociências, UFF, Niterói, 2007.
- COELHO, A. L. Hidrogeomorfologia do Baixo Rio Doce *Atas do 4º Fórum das Águas do Rio Doce*, Linhares, 2008.
- COSTA, Lígia Martins De Museologia Arte e Políticas de Patrimônio, IPHAN, Rio de Janeiro, 2002.
- COSTA, Maria Heloisa Fenelon & MALHANO, Hamilton Botelho, A Habitação Indígena Brasileira. Suma Etnológica, Ribeiro, Berta (Coord.) vol. 2 Ed. Vozes, Petrópolis, 1986
- CUNHA, Maria Manuela C. da (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, Fapesp/SMC, 1992, p.
- DEAN, WARREN *A Ferro e Fogo A História da Devastação da Mata Atlântica Brasileira*, São Paulo, Companhia da Letras, 1996.
- EPE & SONDOTÉCNICA. Caracterização Socioambiental da AAI do Rio Doce. Rio de Janeiro, 2007.
- ETCHEVARNE, C. Acerca das primeiras manifestações ceramistas na Bahia, In: *Cerâmica Popular* (Instituto Mauá – Secretaria de Trabalho e Ação Social Governo do Estado da Bahia), Salvador, 1994.
- ETCHEVARNE, C. “Primeiras manifestações ceramistas da Bahia” in Instituto Mauá – Secretaria do Trabalho e Ação Social do Governo da Bahia, *Cerâmica popular*, Salvador, 1994.
- FAUSTO, Carlos Fragmentos de História e Cultura Tupinambá : da etnologia como instrumento crítico de conhecimento etno-histórico História dos Índios no Brasil Cunha, M. (ORG.) Cia da Letras, São Paulo- FAPESP, 1992.
- FIGUEIREDO, F. A. de Análise do material lítico do sítio arqueológico Florestal II, de ceramistas Tupiguarani. (Monografia) Departamento de Ciências Sociais, FAFICH/UFMG, Belo Horizonte, 2007.

- GALINDO, M. & ROCHA, J. "Um sítio arqueológico Tupiguarani da sub-tradição pintada no sertão pernambucano. *Clio*, UFPR, série arqueologia, 1: 39-46, 1994.
- HODDER, I. *Theory and Practice in Archeology*. London and New York: Routledge, 1992.
- IEPHA A restauração de cerâmicas e materiais pétreos. IEPHA/MG, Palácio Spinelli e Ministério do Trabalho da Itália. Belo Horizonte: 2001.55p.
- IPHAN Cartas Patrimoniais CURY, Isabel (org.) 2ª Edição - Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.
- JUNQUEIRA, P. & MALTA, I. M. Horticultores e ceramistas pré-históricos no noroeste de Minas Gerais *Arquivos do Museu de História Natural*, VI-VII:275-259, 1981/82.
- LA SALVIA, Fernando A. & BROCHADO, J.J.P. *Cerâmica Guarani*. Porto Alegre. Ed. Posenato Arte e Cultura, 2ª edição. (fig. 103-105, 137.), 1985.
- LIMA, Tania Andrade *Cerâmica Indígena Brasileira Suma Etnológica*, Ribeiro, Berta (Coord.) vol. 2 Ed. Vozes, Petrópolis, 1986.
- MACHADO, C. L. *Prospecção Arqueológica na área dos Loteamentos Perobas e Esplanada, Linhares –ES. (Relatório Técnico)*, Rhea Estudos & Projetos Ltda. Vitória, 2005.
- MARCATO, S. A repressão contra os botocudos em Minas Gerais *Boletim do Museu do Índio* 1 EtnoHistória Rio de Janeiro, 1979.
- MAROIS, R.; SCHATAMACHIA, M. C. & SERRANO, E.D. Ensaio sobre a composição das decorações. *Inst. Panamericano de Geografia e História*, pub. 473, México, 81, 1994.
- MEGGERS, B. J. & EVANS, C. *Como interpretar a linguagem da cerâmica*. Smithsonian Institution, Washington, D. C. 1970.
- MONTEIRO, J. , (Coord.) *Guia de Fontes para a História Indígena e do Indigenismo em Arquivos Brasileiro. Acervos das capitais*. São Paulo, NHII-USP/Fapesp. 1994
- MORLEY, Edna *Como Preservar os Sítios Arqueológicos Brasileiros Pré- História da Terra Brasilis* Org, Tenório, M. C. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999.
- NOELLI, F. S. & MONTADO, D. L. Estudos de Enterramentos Guaranis. *Anais da VIII Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, Porto Alegre , 1995.
- NOELLI, F. E AL. *Sem Tekohá não há teko: em busca de um modelo da aldeia de subsistência Guarani e sua aplicação a uma área de domínio no delta do rio Delta do rio Jacui-RS*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, PUCRS, 1993.
- NOELLI, F. et al. Debate: hipótese sobre a origem e expansão tupi. *Revista de Antropologia*, São Paulo, 39(2):5-118, 1999/2000.

- OLAEXTA, C. La Tecnologia Cerâmica em la Protohistoria Vasca MUNIBE, Sociedad de Ciências Aranzi Suplemento n. 12, San Sebastian, 2000.
- ORSSICH DE SLAVETCH, A. Relatório Arqueológico do Espírito Santo, 20, Vitória, 1981.
- PARAÍSO, M. H. Os Botocudos e sua trajetória In: *História dos Índios no Brasil* (Org.) Carneiro, M. São Paulo, Cia das Letras, 1992.
- PEROTA, C. Dados Parciais Sobre a Arqueologia Norte espírito-Santense. In: 1968-69. Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas: resultados preliminares do quarto ano. *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi*. 15 MPEG, Belém, 1971.
- PEROTA, C. Resultados Preliminares sobre a arqueologia da região central do Estado do Espírito Santo. In: *Programa Nacional de Pesquisa Arqueológicas: resultados preliminares do quinto ano. Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi*, 26. MPEG. Belém, 1974.
- PEROTA, C. Projeto de Mapeamento de Sítios Arqueológicos no Baixo Rio Doce. UFES, Vitória, 1989. (Não Publicado)
- PESSOA, A.; SOUZA, G.; PILÓ, H. Experimentação de uso de “calibradores”: fabricação de hastes, pontas e tembetás. *Atas do XIII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira: Campo Grande-MS*, 2005.
- PESSOA, A. *Análise de coleção e experimentação de uso dos calibradores-fabricação de hastes e tembetás*. (Monografia) Departamento de Ciências Sociais, FAFICH/UFMG, Belo Horizonte, 2007.
- PILÓ, H. et alli. *Neutron Activation Analysis of Tupiguarani Archeological Ceramics From Doce River Valley, Brazil. No Prelo*
- PILÓ, H. *Marliére e os Índios do Rio Doce (1813-1829)*. Monografia para obtenção do título de Especialista em História e Cultura Mineira. Pedro Leopoldo, 2002
- PILÓ, H; PESSOA, Â. Machados Pré Históricos – Encabamento e utilização de lâminas pétreas.(Painel). *Arqueologia da América Latina. Resumos do XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira: São Paulo*, 2003.
- PILÓ, H. ; BAETA, A & ALONSO, M. As primeiras entradas nos Sertões do Rio Doce- Do século XVI ao século XIX. In: *Era Tudo Mata*, Belo Horizonte: Consórcio Hidrelétrico Aimorés, 2009.
- PROUS, A.& LIMA, T. A. (Ed). Os Ceramistas Tupiguarani. Belo Horizonte: Sigma, 2008.
- PROUS, A. *Arqueologia Brasileira*. UNB, Brasília, 1992.

- PROUS, A. Agricultores de Minas Gerais *Pré- História da Terra Brasilis* Org. Tenório, M. C. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999.
- PROUS, André. A Pintura em Cerâmica Tupiguarani In: *Ciência Hoje*, Vol. 36, n.213, n tide 2005.
- PROUS, André Du Brésil à l'Argentine La Céramique Tupiguarani *Archéologie* n. 408 fevrier 2004.
- RADAMBRASIL - Projeto Radambrasil. *Levantamento de Recursos Naturais. Geologia, Geomorfologia, Solos, Vegetação e uso Potencial da Terra* Folhas SE 24 Rio Doce. IBGE, Rio de Janeiro, 1987.
- RENFREW, Collin & BAHN, Paul *Arqueología Teorías, Métodos y Prática* Akal Ediciones, Madrid, 1993.
- RICE, P. M. Pottery analysis, a sourcebook. The Univ. Chicago Press/Chicago and London, 559, 1987.
- ROGGE, J. "Adaptação na Floresta tropical: A tradição Tupiguarani no médio rio Jacuí e no rio Pardo" *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Documentos* 6: 3- 156 (ver pp. 81-99), 1996.
- RUSCHI, A. Contribuições a Arqueologia de Santa Teresa no estado do Espírito Santo. *Boletim do Museu de Biologia Professor Mello Leitão*, 1, 1953.
- SAINT-HILAIRE, A. Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce. São Paulo:ed: USP, 1958.
- SABINO, C. V. S. & PROUS, A. Estudo Arqueométrico de Cerâmica do Sítio Peruaçu, Minas Gerais, Brasil *Arquivos do Museu de História Natural/UFMG*, Vol. 19, Belo Horizonte, 2009.
- SAMPAIO, Teodoro. O Tupi na Geografia Nacional. In: *RIHGBA*. Nº 54. 1928.
- SARIAN, Haiganuch. A Cerâmica como Documento Arqueológico. In: *Revista de Arqueologia*. São Paulo: 1994-1995.
- SCATAMACCHIA, Maria C. Mineiro Tradição policroma no leste da América do Sul evidenciada pela ocupação Guarani e Tupinambá: fontes arqueológicas e etno-históricas. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 1990.
- SCATAMACCHIA, Maria C. Mineiro; GAGGIANO, & JACOBUS, A. "O aproveitamento de coleções museológicas: proposta para a classificação de vasilhas cerâmicas da tradição Tuiguarani" *Anais do 1º simpósio de Pré-História do Nordeste, Clio*, 4: 89 – 94, 1991.
- SCHADEN, E. Aspectos Fundamentais da Cultura *Guarani* 3ª ed. São Paulo, EDUSP, 1974.

- SCHMITZ, Pedro Ignácio Paradeiros Guaranis em Osório (Rio Grande do Sul). Pesquisas, Série Antropologia. Instituto Anchieta de Pesquisas. *São Leopoldo*, 2: 113-143, 1998.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio "A cerâmica Guarani da Ilha de Santa Catarina" *Pesquisas*, 3: 267-324, 1959.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio Migrantes da Amazônia: a tradição Tupiguarani. in Kern, Arno A. (org.). *Arqueologia Pré-Histórica do Rio Grande do Sul*. Editora Mercado Aberto. Porto Alegre, 295-330. (mesma pranchas de Pesquisas 1958, em tamanho menor), 1991.
- SCHMITZ, P. I. & alii Uma aldeia Tupiguarani. Projeto Candelária, RS *Arqueologia do Rio Grande do Sul – Documento 4*, São Leopoldo, 135 p., 1990.
- SCHIAVETTO, S. N. *A arqueologia guarani: construção e desconstrução da identidade indígena*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.
- SHENNAN, S. *Arqueologia Quantitativa*. Editorial Critica, Barcelona, 1992.
- SHEPARD, A. O. *Ceramics for the Archeologist*. Carnegie Inst. of Washington, 1985.
- SILVA, F. A. & NOELLI, F. S. *O Estudo do Processo de Produção Cerâmica dos Asuriní do Xingu e sua Contribuição à Reflexão Arqueológica*. Trabalho apresentado no IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Rio de Janeiro: 1997.
- SKIBO, J. M. *Pottery function- a use alterion perspective*. Plenum press, New York and London: 205, 1992.
- SOARES, A. L. *Guarani- Organização Social e Arqueologia* Porto Alegre: EDIPURS, 1997.
- SOARES, A. L. *Arqueologia, história e etnografia: o denominador guarani*. F Campo Grande, 7 (13):31-62, 2003.
- STEINS, William John. *A Exploração do Rio Doce e seus Afluentes da Margem Esquerda*. *RIHGES-Vitória ES*, n. 35, 1984.
- VON IHERING, H. Os Botocudos do Rio Doce. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, 1911.
- WALKER, W., WARD, F. Reconstructing major Missing áreas of ceramic vessels using clay. Preprints 11th Triennial Meeting ICCOM-CC. Edmburg: 1996.833-838p.
- WIED NEUWIED, M. *Viagem ao Brasil*. São Paulo, Cia Ed. Nacional-Coleção Brasileira, 1989.
- WILLEY, Gordon Cerâmica In: *Suma Etnológica*, Ribeiro, Berta (Coord.) vol. 2 Ed. Vozes, Petrópolis, 1986.

WUST, I. *Parque Estadual de Itaúnas- Diagnóstico Ambiental, Município: Conceição da Barra- ES. (Relatório Técnico- Simbios Consultoria Ambiental) Governo do Estado do Espírito Santo, Vitória, 2002.*